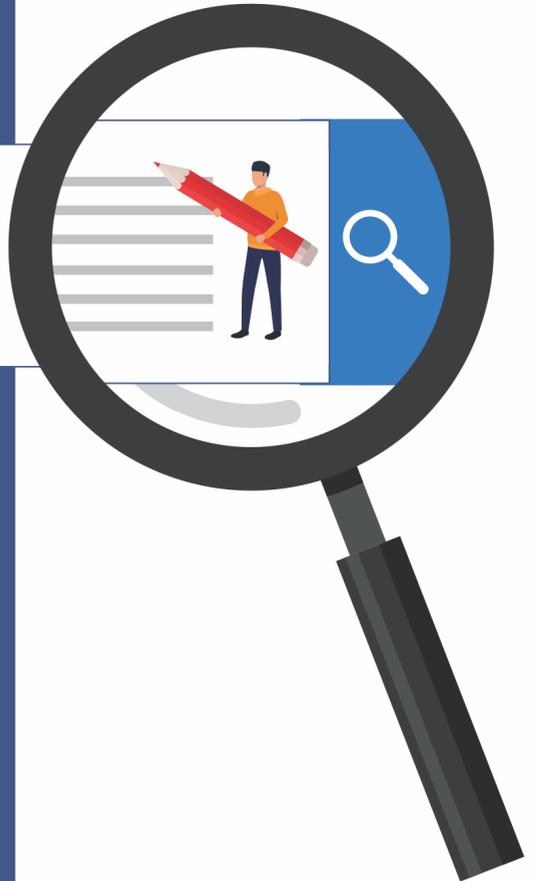


GÊNEROS ACADÊMICOS PESQUISA E ESCRITA NA EAD



MARIA GORETH DE SOUSA VARÃO
EVANA MAIRY PEREIRA DE ARAÚJO SILVA

GÊNEROS ACADÊMICOS
Pesquisa e Escrita na EAD

Ministério da Educação - MEC
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Centro de Educação Aberta e a Distância - CEAD

GÊNEROS ACADÊMICOS

Pesquisa e Escrita na EAD

Maria Goreth de Sousa Varão
Evana Mairy Pereira de Araújo Silva



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ



Reitor
José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora
Nadir do Nascimento Nogueira

Superintendente de Comunicação
Jacqueline Lima Dourado

Editor
Ricardo Alaggio Ribeiro

EDUFPI - Conselho Editorial
Ricardo Alaggio Ribeiro (presidente)
Accacio Salvador Veras e Silva
Antonio Fonseca dos Santos Neto
Wilson Seraine da Silva Filho
Gustavo Fortes Said
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz
Viriato Campelo

**Diretor do Centro de Educação Aberta e a
Distância - CEAD**
Gildásio Guedes Fernandes

**Vice-Diretora do Centro de Educação Aberta e a
Distância - CEAD**
Lívia Fernanda Nery da Silva

**Coordenador do Curso Licenciatura em Letras
Português**
Juliana Castelo Branco Paz da Silva

**Coordenador de Tutoria do Curso Licenciatura
em Letras Português**
Maria Goreth de Sousa Varão

EQUIPE TÉCNICA

Revisão
Clarissa Sousa de Carvalho

Projeto Gráfico, Diagramação e capa
Francinaldo da Silva Soares



**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco**

V288g

Varão, Maria Goreth de Sousa
Gêneros acadêmicos pesquisa e escrita na ead / Maria Goreth de
Sousa Varão, Evana Mairy Pereira de Araújo Silva. – Teresina, 2020.
142 p.

ISBN: 978-65-86171-64-8

1. Escrita. 2. Leitura. 3. Letramento. 4. Pesquisa. 5. Textos
Acadêmicos. I. Silva, Evana Mairy Pereira de Araújo. II. Título.

CDD 372

De acordo com a Lei n. 9.9610, de 19 de fevereiro de 1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais.

Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI - Brasil

APRESENTAÇÃO

Essa coletânea é uma produção do Projeto de Extensão *Leitura e Produção de Gêneros Acadêmicos*, do Curso de Graduação em Letras Português, do Centro de Educação Aberta e a Distância CEAD/UFPI, e trata de publicação organizada pelas professoras Dra. Maria Goreth de Sousa Varão e Ma. Evana Mairy Pereira de Araújo Silva, coordenadora geral e coordenadora adjunta, respectivamente, do Projeto de Extensão *Leitura e Produção de Gêneros Acadêmicos*, do Curso de Graduação em Letras Português.

Considerando a relevância da proficiência de leitura e produção de gêneros acadêmicos e a constante dificuldade encontrada por alunos graduandos iniciantes nessa produção, o projeto justificou-se pela possibilidade de oferecer estratégias de leitura e produção de gêneros da esfera acadêmica e, assim, proporcionar ao alunado experiências de leitura e produção de textos, a partir do reconhecimento da estrutura e da finalidade textual.

Além disso, ressaltou a importância da competência leitora e a produção textual na pesquisa, como elemento definidor da qualidade da formação do aluno no transcurso da vida acadêmica. Para isso, as habilidades de leitura, produção de gêneros, e pesquisa constituíram rotina na vida do aluno e do professor cursista. Assim, a apropriação dos gêneros textuais acadêmicos e o seu uso em diferentes contextos capacitam o aluno nas práticas de leitura e produção de textos, tornando-o capaz de reconhecer suas características estruturais, discursivas, pragmáticas e retóricas. Além de desenvolver a reflexão crítica, instrumentaliza-os para a prática da pesquisa, e possibilita formação como um aluno/professor/pesquisador.

Nesse contexto, a função da Educação Aberta e a Distância torna-se imprescindível no sentido de que favorece a aproximação entre o aluno, o ensino e a pesquisa, proporcionando oportunidades para o cumprimento das atividades curriculares complementares, como também das experiências de extensão acadêmicas.

Nesse íterim, o Projeto de Extensão teve a finalidade de proporcionar a formação e atualização de conhecimentos sobre a produção de gêneros acadêmicos de alunos do Curso de Letras/Português – EaD, além de professores que atuam em escolas públicas estaduais e municipais nos polos de apoio presencial, a saber: Campo Alegre de Lourdes /BA, Juazeiro/BA, Simplício Mendes/PI, São João do Piauí, Simões/PI, Oeiras/PI, Paes Landim/PI.

Trilhando esse caminho, o projeto ampliou o conhecimento sobre a temática de Gêneros Textuais e Discursivos, como também possibilitou desenvolver habilidades de leitura e produção de textos acadêmicos com rigor científico, com base nas diretrizes da Associação Brasileira de Normas e Técnicas- ABNT.

A matriz curricular desse projeto de extensão reuniu cinco grandes unidades, sendo a primeira destinada ao entendimento do texto científico e à prática do resumo e mapeamento de leitura; a segunda unidade abordou a Metodologia Científica e normas da ABNT; a terceira unidade apresentou as normas da ABNT; a quarta unidade propôs a produção de um projeto de pesquisa, como Parâmetro para a produção de um Artigo Científico, que foi a atividade final do projeto, trabalhada na quinta e última unidade.

Em se tratando especificamente dos artigos produzidos para essa coletânea, deve-se dizer que todos permeiam o universo do Curso de Letras, logicamente, com nuances e objeto de estudo nas múltiplas perspectivas. Quanto aos critérios adotados para a seleção dos mesmos, foram disponibilizados para atender às normas da ABNT e ao rigor do texto científico, incluindo a originalidade, a coesão e a coerência textual.

Desse modo, os 8 (oito) artigos selecionados contemplam a produção de 16 alunos que se sobressaíram ao atender os requisitos adotados pela Comissão Científica. No sumário desta coletânea, é possível observar a disposição dos 8 capítulos e suas respectivas denominações.

Professora Mestra Evana Mairy Pereira de Araújo Silva

Coordenadora Adjunta do Projeto de Extensão
Leitura e Produção de Gêneros Acadêmicos

Teresina – Piauí, outubro, 2019

SUMÁRIO

UNIDADE I

Análise da figura feminina na obra “O cortiço” de Aluísio de Azevedo e suas semelhanças com as mulheres da vida real 13

Aldineide Flor Silva

Silvana Sousa Silva

Irleny Lopes da Costa

UNIDADE II

A idealização do feminino em Iracema, de José de Alencar 31

Pettra Sabrina Ferreira do Nascimento Silva

Teresa da Silva Pessoa

Evana Mairy Pereira de Araújo Silva

UNIDADE III

A importância da leitura para a formação crítica do aluno 45

Maria Aparecida da Silva Carvalho

Magnólia Silva Brito

Cristina Gomes de Brito

UNIDADE IV

A representatividade do comportamento feminino nas fases romântica e realista nas obras de Machado de Assis 57

Aureliano Francisco de Carvalho Gomes

Suzana da Silva Nascimento

Cristina Gomes de Brito

UNIDADE V

Cultura literária das oligarquias nordestinas do século XX na obra “A invenção do nordeste e outras artes” de Durval Muniz de Albuquerque Júnior..... 79

Carmem Sueze Silva Miranda

Maria do Carmo Cardoso Costa

UNIDADE VI

O avanço da internet e sua influência na escrita: linguagem virtual versus escrita no Ensino Fundamental II 89

Maria Lusalva Bento de Assis

Cristina Gomes de Brito

UNIDADE VII

O suicídio em evidência nas personagens da obra literária “Suicidas” de Raphael Montes 103

Joabe da Silva Souza

Maria do Carmo Cardoso Costa

UNIDADE VIII

Reconhecendo a relevância do estudo sobre as estruturas sintáticas para a compreensão dos termos coesão e coerência 119

Rodrigo da Silva Lisboa

Irleny Lopes da Costa

UNIDADE I

ANÁLISE DA FIGURA FEMININA NA OBRA “O CORTIÇO” DE ALUÍSIO DE AZEVEDO E SUAS SEMELHANÇAS COM AS MULHERES DA VIDA REAL

*Aldineide Flor Silva*¹
*Silvana Sousa Silva*²
*Irleny Lopes da Costa*³

INTRODUÇÃO

Considerada uma das obras que melhor representa o Naturalismo brasileiro, o romance “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, aborda uma narrativa sobre a origem, formação e vivências de cortiços, explanando de forma clara as contradições relacionadas à riqueza, pobreza, exploração de trabalhadores, ambições pessoais e à busca por status social.

-
- 1 Acadêmica do curso de Letras/Português -EAD-CEAD do Polo de Campo Alegre de Lourdes, Bahia
 - 2 Acadêmica do curso de Letras/Português da EAD-CEAD do Polo de Campo Alegre de Lourdes, Bahia
 - 3 Professora Orientadora do Polo de Campo Alegre de Lourdes/BA.

“O cortiço” descreve de forma realista o modo de vida, o comportamento e aspectos socioeconômicos da sociedade do século XIX. Aluísio de Azevedo relata, de forma ímpar, a realidade cotidiana de suas personagens femininas, bem como os conflitos pertinentes às camadas mais baixas da sociedade da época, ressaltando claramente os reflexos do preconceito num contexto histórico-social ricamente detalhado.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a figura feminina no clássico literário “O cortiço” de Aluísio de Azevedo, escrito em 1890, a fim de apontar as semelhanças existentes entre as personagens fictícias com as vivências de mulheres reais da atualidade.

Este trabalho buscará responder à questão problema sobre quais as semelhanças existentes entre as personagens femininas de “O cortiço” e as mulheres da vida real. E, na busca das respostas desta problemática, surgem as seguintes hipóteses: de que as personagens dessa obra de Aluísio de Azevedo, embora descritas no ano de 1890, passaram pelas mesmas vivências da mulher contemporânea, uma vez que eram vítimas da pobreza, aliciadas à prostituição, preconceito, discriminação de gênero, sendo, em muitos casos, as únicas responsáveis pelo sustento de sua família; e que, mesmo diante da submissão feminina à qual estavam sujeitas, possuíam maneiras próprias de pensar e agir a fim de serem reconhecidas como donas da própria vida.

A metodologia aplicada na efetivação deste trabalho foi bibliográfica, onde realizou-se a revisão teórica de renomados autores sobre o tema proposto, como Bosi (1994), Fonseca (1997), Soihet (1997), e outros. As concepções destes autores foram analisadas e comparadas entre si a fim de que se chegasse a um consenso.

Assim, acredita-se que a importância deste trabalho se dá pela necessidade de conhecer realidades passadas de mulheres integrantes de uma sociedade visivelmente machista e escravocrata, onde muitas mulheres sofriam diversos tipos de abusos, para que se possa fazer uma conjectura comparativa entre os tempos passados e presentes

de situações vividas por mulheres em diversos contextos históricos e sociais.

ALUÍSIO DE AZEVEDO E SEU OLHAR SOBRE A REALIDADE

Devido aos históricos problemas de habitação carioca, surgem os famosos cortiços (habitações coletivas), em fins do século XIX, e é nesse cenário que Aluísio de Azevedo encontra inspiração para retratar a realidade urbana e seus conflitos sociais na obra “O cortiço”.

Embora este clássico da Literatura Brasileira seja narrado de forma realista, isto é, sempre apontando a verdade exatamente como ela é a fim de representá-la fielmente, para permitir que o leitor conheça a realidade sem ser subordinado aos devaneios dos fatos, o olhar de Aluísio de Azevedo na construção da obra ainda se apega aos estereótipos do português viril e conquistador e também da brasileira sensual e libertina.

Mas, de maneira geral, “O cortiço” se conjectura pelos conflitos existentes entre os diferentes grupos de pessoas que giram em torno de relações de gênero, bem como o conformismo de novas manifestações de vivências dentro destas relações sociais e familiares.

Contexto histórico-social de “O cortiço”

As tramas deste romance se passam às vésperas da abolição da escravatura, por volta de 1890, no Rio de Janeiro, que crescia aceleradamente sem planejamento de infraestrutura, em meados do século XIX. Diante de uma gigante explosão demográfica, surgiram inúmeros cortiços, que eram um tipo de “sub-habitação” coletiva onde moravam os excluídos da sociedade. Esses excluídos eram pessoas que vinham de outros lugares do Brasil e do mundo para o Rio de Janeiro na intenção de encontrar trabalho, já que este estado era a capital brasileira na época.

Nos cortiços da época de 1890, moravam diferentes tipos de gente, portugueses, escravos, negros, prostitutas e migrantes vindos de diversas partes do Brasil que, devido à sua condição de pobreza, precisavam de um lugar para morar que fosse condizente com a sua condição financeira. E com este cenário peculiar Aluísio de Azevedo dá início à sua grande obra prima.

Substituindo o romantismo pelo naturalismo, Aluísio era o pintor que deixava de pintar ao sabor da inspiração, para pintar diante do modelo vivo. A realidade circundante, o cenário de sua observação direta, permite ao romancista copiar os tipos que estão ao alcance de seus olhos. E daí advém a sua força e a sua originalidade (MONTELLO, 1963, p.10).

Na concepção de Montello (1963), Aluísio de Azevedo abre mão da mulher idealizada no romantismo para enxergar a mulher de verdade, aquela que possuía defeitos, tinha opinião própria, e quem nem sempre enxergava no amor a solução para todos os seus problemas e conflitos pessoais e familiares.

Um fato curioso é que a realidade de vida de Aluísio de Azevedo nada se parecia com aquela das personagens descrita em “O cortiço”, mas mesmo assim ele consegue descrever a riqueza alheia com uma visão naturalmente real.

O autor de “O cortiço” pertencia ao grupo da elite, pois era filho de um vice-cônsul português. Era um homem muito estudado e que conhecia o mundo, e também desempenhava vários papéis: escritor, jornalista e caricaturista. No entanto, quando atuou como diplomata, teve a oportunidade de observar de perto os problemas sociais do Brasil, o que resultou na produção de várias obras que denunciam através do narrador algumas questões raciais, sociais e de gênero.

Percebe-se, no enredo de “O cortiço”, a preocupação de Aluísio de Azevedo em relatar detalhadamente alguns fatos que eram o interesse da sociedade da época, o que facilita a análise e a compreensão

dos reflexos culturais manifestados nas atitudes, diálogos, costumes, comportamentos e despreocupação com a moralidade das personagens.

Talvez isso se deva ao fato de que os cortiços do século XIX eram constantemente notícia nas capas dos principais jornais da época, em virtude dos frequentes casos de homicídios, adultérios, imoralidade, prostituição e doenças que permeavam esses lugares. Isso sem falar no mercado financeiro exploratório que girava em torno dos muitos ganhos lucrativos por parte dos donos desses imóveis, algo que é descrito na obra detalhadamente, com as ações de João Romão e suas articulações para derrubar a concorrência.

Num período da história do Brasil extremamente machista e escravocrata do século XIX, “O cortiço” narra a realidade de uma época onde a elite brasileira buscava o branqueamento da sociedade e, neste aspecto, pessoas menos favorecidas social ou moralmente não tinham a oportunidade de serem vistas e nem ouvidas. Assim, a trama de Aluísio de Azevedo usa sua arte de escrever para construir o retrato desta triste realidade do Brasil.

Grupos femininos de “O cortiço” e suas semelhanças com as mulheres reais

No contexto de “O cortiço”, as mulheres ganham papel de destaque, uma vez que são rotuladas pelo autor como sensuais e permissivas, a fim de apontar a contribuição (ou não) do público feminino no processo histórico botafoguense da época. Assim, através da exposição da realidade dessas mulheres, é possível compreender o caráter e a motivação das ações de cada personagem.

Na concepção de Aluísio de Azevedo, as mulheres de “O cortiço” podem ser separadas em grupos distintos:

- a) *Grupo das solteiras*: formado por mulheres envolventes, sensuais e permissivas, que viviam amasiadas (sem se casar), pois buscavam a própria autonomia.

Para a personagem que melhor define este grupo, Rita Baiana, o casamento era visto como uma prisão, ou seja, a perda da liberdade, porém, mesmo diante dessa concepção, ela possuía um relacionamento amoroso sério com Firmo, dando-se a entender que ambos moravam na mesma casa, o que apontava para um casamento não-oficial. Provavelmente um casamento legalizado aumentaria os custos com as despesas da casa, além das obrigações afetivas e emocionais que um matrimônio exigiria.

Diz a personagem:

Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar! Livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que é a gente é escrava! Nada! Qual! Deus te livre!” (AZEVEDO, 1983, p. 85).

Neste aspecto, o posicionamento de Rita Baiana em não concordar em oficializar sua união com Firmo condiz com a forma de pensar de muitas mulheres do século XXI que possuem maneiras próprias de pensar e viver a vida, buscando cada vez mais ganhar espaço e reconhecimento num contexto cada vez mais competitivo.

Na época em que “O cortiço” foi escrito, tal maneira de viver provocava preconceitos na sociedade, uma vez que Rita Baiana não desenvolvia o papel de “recatada e do lar” e, neste caso, mulheres solteironas e independentes eram tidas como perdidas e indignas de respeito das demais, ou seja, não era um modelo de mulher a ser seguido pelas mais novas.

O que se percebe é que, nos dias atuais, a dependência amorosa e financeira que a mulher tinha do homem perde cada vez mais espaço frente a esse empoderamento feminino. Isso ocorre porque o objetivo de vida da maioria das mulheres modernas está muito além das quatro paredes de uma casa, fazendo comida, lavando roupas e cuidando dos filhos.

A mulher atual, embora deseje um companheiro que a ame e com quem viva feliz, almeja cursar faculdade, conseguir um bom trabalho, viajar o mundo, etc. Não que o casamento seja um empecilho para essas coisas acontecerem, porém, num relacionamento matrimonial tradicional, esses planos são trocados por outras prioridades que um casamento com filhos impõe. E esse fenômeno acontece nas mais diferentes classes sociais, isto é, essa é a concepção de muitas mulheres ricas e pobres também.

Outra personagem do grupo das solteiras que ganha destaque é Leónie: bonita, pobre, sem escolaridade, prostituta e homossexual.

Diante de um mercado de trabalho que oferecia poucas oportunidades para as mulheres pobres e sem escolaridade, Leónie se aventura no mercado negro do sexo clandestino como forma de garantir o sustento para si e sua afilhada, da qual assumira a guarda depois da morte de seu pai.

No decorrer da narrativa, percebe-se que Leónie, a prostituta, desenvolve uma relação homossexual com Pombinha, sua afilhada, e apresenta-a ao mundo da prostituição como forma de ajudar nas despesas da casa. É importante destacar que muitas mulheres que trabalhavam como meretrizes eram casadas, ou possuíam união estável com alguém, o que causava constrangimentos aos cônjuges e julgamentos por parte da burguesia.

A visão de Aluísio Azevedo não está muito distante da realidade contemporânea, embora ainda há quem veja a prostituição como fora das normas da sociedade, infelizmente esta ainda é uma realidade em diversos segmentos da sociedade moderna. Geralmente, a maioria das mulheres que optam pelos caminhos da prostituição não tem outra opção de trabalho. Em contrapartida, há aquelas que se sujeitam a esse tipo de trabalho por obterem altos ganhos financeiros e de forma rápida.

De um jeito ou de outro, assim como Leónie aliciou sua afilhada Pombinha para a prostituição, muitas mulheres que embarcam na vida

de prostitutas sofrem algum tipo de aliciamento ou influências, seja por parte de amigas ou outras pessoas ligadas a esse tipo de atividade.

É importante destacar que, na busca de obter melhores ganhos financeiros, a prostituta tem que oferecer serviços que agradem à clientela que lhe procura, sofrendo, em muitos casos, diversos tipos de torturas físicas e agressões. No caso da personagem Leónie, que inicialmente possuía uma orientação heterossexual, passou a se relacionar homossexualmente com outras mulheres. Não se sabe se isso foi necessariamente fruto da prostituição, no entanto, estudos revelam que muitos homossexuais, por não conseguirem embarcar no mercado de trabalho regular, devido ao preconceito sofrido por terem uma orientação sexual diferente dos demais, se veem obrigados a se prostituírem em troca de dinheiro, comida, moradia, violência doméstica, desestruturação familiar ou sustentação em algum vício.

Os acontecimentos que discorrem sobre a personagem Pombinha na obra de Aluísio de Azevedo giram em torno do fato de ela ser noiva sem ao menos ter tido sua primeira menstruação, bonita e popular no cortiço. Numa sociedade datada em meados de 1890, as moças já eram prometidas em casamento ainda na pré-adolescência. Essa realidade ainda é bastante comum em países asiáticos como a Índia ou Tailândia, por exemplo. Já no Brasil, em virtude da explosão dos movimentos feministas e influências europeias, os casamentos, quando acontecem, estão ficando cada vez mais tardios.

Ainda é importante destacar que Pombinha foi aliciada ainda jovem por sua madrinha para se prostituir. Isso remete a uma grotesca quantidade de adolescentes que sofrem exploração sexual por parte de seus familiares em troca de dinheiro ou alimentos para sua subsistência.

A alegação de consentimento por parte da criança ou adolescente nas eventuais práticas sexuais com adultos deve ser sempre questionada e contextualizada, uma vez que a criança e adolescente são considerados seres humanos em condições especiais de desenvolvimento, fase em que a capacidade e a autonomia para consentir

ainda estão em processo de construção (SANTOS, 2011, p.65).

Embora os fatos ocorridos com a personagem Pombinha sejam frutos da imaginação de Aluísio de Azevedo, isto não é uma ficção na vida real. Estudos apontam que, dos 5.561 municípios do Brasil, crianças e adolescentes são abusadas sexualmente em 937 deles, isso significa um percentual de 17% do território nacional. Tragicamente, esses dados fazem com que o Brasil ocupe o primeiro lugar no ranking da exploração sexual infanto-juvenil na América Latina.

Segundo dados da UNICEF (2011), o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes só será resolvido se houver uma conscientização global sobre os fatores que favorecem a contribuição desse fenômeno, como por exemplo, o subdesenvolvimento, estrutura socioeconômica, estruturação familiar, educação, etc.

b) O grupo das adúlteras:

Aqui ganham destaque duas personagens de “O cortiço”: *Dona Estela*, que traiu seu esposo, porém ele a perdoou para evitar falatórios na vizinhança; e *Dona Leocádia*, que, após o adultério, saiu de casa deixando seu esposo totalmente desolado, que a perdoou e pediu seu retorno.

Na realidade cotidiana de 1890, perder a mulher para outro homem era uma humilhação sem precedentes, ficando a companheira adúltera sujeita às penalidades da Lei da época. Já se quem cometesse a traição fosse o homem, seria apenas considerado um adúltero.

A fidelidade obrigatória era impossível de ser mantida pelo homem cuja sexualidade era excessivamente exigente, resvalando a qualquer sedução. Julgava-se dever da esposa a compreensão de tais fraquezas (SOIHET 1997, p. 384).

Na fala de Soihet (1997), percebe-se claramente que o homem sempre procurou justificar sua infidelidade em seu descontrole sexual, cabendo à esposa apenas o papel de perdoar a traição de seu marido.

Este argumento não se solidifica, pois, “a ação dos seres humanos é fruto da escolha entre o certo e o errado” (COTRIM, 2004, p,65).

De toda forma, mesmo que sofrer uma traição seja doloroso para ambas as partes envolvidas, não é difícil de se ver o tema traição ser tratado entre os grupos de forma natural e comum, virando desde piadas a grandes hits que embalam as paradas musicais de maior sucesso.

Embora os casos de traição na sociedade brasileira existam, os tempos mudaram e, hoje em dia, qualquer pessoa que for traída pode pedir a separação de seu cônjuge, sem punição legal para nenhum dos envolvidos.

c) Grupo das Lavadeiras

Esse grupo era formado pelas mulheres do cortiço que eram responsáveis pelo sustento da casa, com um trabalho tido, exclusivamente, como feminino.

A obra de Aluísio de Azevedo destaca as seguintes personagens: Leandra, “a machona”, essa mulher era uma batalhadora que tinha duas filhas, sendo uma separada do marido. Já a personagem Ana das Dores, embora vivesse numa casinha à parte, seus familiares também residiam no cortiço. Neném era uma mulher que, fisicamente falando, era franzina, porém seu biótipo não a impedia de trabalhar na mesma função de mulheres tidas como “fortes”. Augusta Carne-mole era casada com um mulato mais velho que ela e, embora seu marido tivesse um emprego fixo, era soldado da polícia, essa personagem também era uma lavadeira do cortiço.

O que se percebe ao analisar o modo de vida dessas personagens é que todas possuíam um trabalho digno, cansativo e pouco remunerado e esse fato não as impedia de realizar suas atribuições e responsabilidades de donas de casa, já que todas se esforçavam para oferecer um melhor sustento para suas famílias.

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre

a cruz e a espada. O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da mulher pública (FONSECA,1997, p. 516).

Na fala de Fonseca (1997), fica evidente que a mulher pobre e sem escolarização percebe que o salário do marido por si só não é suficiente para suprir as despesas domésticas. Assim, como forma de fugir da fome, se arrisca a realizar tarefas que, para os de melhor poder aquisitivo, são consideradas humilhantes.

A realidade das lavadeiras de “O cortiço” não está muito distante de mulheres da atualidade. Hoje em dia continua sendo assim, diante de uma grande quantidade de desempregados no Brasil nas últimas décadas, há um crescente aumento de mulheres que fazem “bicos” para ajudar nas despesas familiares.

Segundo dados do IBGE, de 2015, o número de pessoas que fazem “bicos” para se manter aumentou 4,8% em um ano. Isso significa que muitas mulheres se engajam em trabalhos externos para oferecer uma melhor qualidade de vida para seus filhos e maridos, uma vez que o salário deles nem sempre é suficiente para suprir todas as necessidades do lar.

d) Grupo da mulher subordinada e submissa

Nesse grupo, ganha destaque a principal personagem da obra “O cortiço”, Bertoleza. Essa mulher era uma solteirona que tinha um caso amoroso com João Romão que, além de roubá-la, ainda a explorava em trabalhos forçados apenas com o intuito de enriquecer. Essa personagem vivia em total estado de submissão e escravidão, isso porque seu amante deixava-se sustentar por ela, e o fato de ela ser negra fazia com que João Romão tivesse vergonha de assumi-la publicamente, chegando a tal ponto de entregá-la a seu dono, pois fato de Bertoleza ter a pele escura fazia dela uma escrava, segundo as leis da época.

João Romão possuía total sentimento de repugnância e preconceito em relação à cor da pele de Bertoleza que a cena final da obra retrata de forma surpreendente que, enquanto Bertoleza cuidava de seus afazeres descamando peixes, é surpreendida por policiais que vieram prendê-la a mando de seu amante, a quem sempre dedicou sua vida e trabalho. O desgosto da mulher foi tanto que ela se suicidou, cravando uma faca que usava para descamar os peixes em seu próprio ventre.

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas e peixe, com uma das mãos espalmadas no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar [...]. Bertoleza, então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes de alguém conseguisse alcança-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado (AZEVEDO, 1983, p. 164-5).

A tristeza e decepção que acometeram Bertoleza foram suficientes para que a personagem tomasse uma atitude desesperadora chegando ao ponto de acabar com a própria vida. Neste trecho da obra, as narrativas que discorrem sobre Bertoleza, embora sejam fictícias, descrevem a triste realidade de milhares de mulheres ao redor do Brasil e do mundo no tempo presente. Esse reflexo fica ainda mais notório quando se observa os altos níveis de problemas psicológicos que muitas mulheres sofrem em relacionamentos abusivos.

Segundo o site www.psicologiaviva.com.br, considera-se um relacionamento abusivo toda e qualquer relação que manifesta violência em qualquer situação, seja ela nos aspectos físicos, psicológicos, financeiros ou sexuais (seja no âmbito familiar, amoroso, profissional ou ciclo de amigos). Esse tipo de relacionamento acontece quando um dos envolvidos assume o papel de satisfazer o outro, priorizando os desejos alheios, satisfazendo as vontades do parceiro, anulando ou deixando os seus próprios interesses em segundo plano.

A mulher ainda é um ser inferiorizado pelo homem em diversos segmentos. Segundo dados apontados numa pesquisa do IBGE de

2015, as mulheres, embora estudem mais que os homens, se sentem incapazes de assumir cargos importantes em empresas, um sentimento que foi gerado pelo sistema cultural no qual estas mulheres estão inseridas.

Outro ponto que merece atenção é o fato de muitas mulheres estarem envolvidas em relacionamentos abusivos, onde estão sujeitas ao cumprimento de regras, situações desconfortáveis ou limites impostos por parceiros ou familiares que se sentem donos dela.

Isso ocorre porque desde crianças as mulheres são educadas para serem boas donas de casa, boas esposas e submissas aos chefes da família, sejam eles pais, namorados, maridos ou irmãos mais velhos. Esse sentimento de subordinação faz com que a mulher não tenha a oportunidade de desenvolver suas capacidades e competências em outros segmentos diferentes do contexto doméstico.

No entanto, diante dos crescentes movimentos feministas e do fácil acesso à informação, o que se percebe é que, mesmo diante de toda submissão que cerca a mulher desde sua criação, as lutas por reconhecimento, valorização e conquista de direitos vem ganhando cada vez mais espaço, pois em muitos casos ela ainda é vista como objeto.

Pode-se destacar o fato de que tanto homens como as mulheres cumprem seus papéis no que se refere ao âmbito cultural, educacional e econômico da sociedade, porém o grande diferencial está na subordinação e submissão que são inferidas ao sexo feminino, o que tem sido tema de muitas lutas e discussões por parte das feministas.

Sobre isso, Sullerot (1978) destaca que:

É inevitável que as mulheres sintam cada vez mais a necessidade de uma identidade social que não seja exclusivamente definida a partir de do papel econômico do homem. As mulheres menos presas ao lar devido à maior facilidade de desempenho das tarefas domésticas e maternidades menos frequentes, e, por outro lado, mais instruídas e preparadas,

naturalmente desejam utilizar suas capacidades, seus conhecimentos e sua competência para assegurar sua própria independência e participar de modo mais influente na vida da sociedade (SULLEROT 1978, p. 25).

Com esta fala de Sullerot (1978), fica claro que a mulher do século XXI não aceita mais ser tratada como objeto ou empregada doméstica. Atender apenas às demandas familiares já não é mais a única utilidade da figura feminina. Com opiniões cada vez mais formadas e atitudes transformadoras, a mulher moderna quer falar e ser ouvida, ser respeitada e tratada com dignidade, uma vez que ela própria é quem escreve sua história, tendo ou não um marido ao seu lado.

Ainda de acordo com a autora, a mulher moderna deixa de assumir a função de apenas procriadora e cuidadora dos afazeres domésticos, para adquirir conhecimento a fim de se preparar para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e assumir definitivamente seu papel de influenciadora na sociedade.

Mesmo que histórias como as das personagens descritas na obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, pareçam situações ocorridas apenas no ano de 1890, sabe-se que em pleno século XXI tais fatos fazem-se presentes em todas as classes econômicas da sociedade brasileira.

Porém, há um diferencial entre o passado narrado pelo autor e os dias presentes: é que na atualidade, a mulher possui ferramentas a seu favor que a façam entender que o lugar de mulher é onde ela quiser, seja cuidando da casa e dos filhos, seja estudando, trabalhando ou empreendendo, e que os relacionamentos abusivos, tanto nos aspectos emocionais, exploratórios ou físicos, não serão mais tolerados nem admitidos.

CONCLUSÃO

Ao analisar a vida das personagens mulheres na obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, percebe-se que, embora as narrativas descrevam um período de 1890, as vivências daquela época não diferem muito da realidade de muitas figuras femininas do século XXI.

Muitas mulheres, na atualidade, vivem em situação de pobreza, ou não sentem o desejo de se casar, outras tantas são responsáveis pelo sustento familiar mesmo que tenham um marido dentro de casa. Também existem aquelas que encontram na prostituição uma forma mais fácil de ganhar a vida, sendo aliciadas e aliciando outras mulheres à vida do sexo por dinheiro.

Foi possível perceber que a mulher da atualidade, assim como as de 1890, também está sujeita à submissão e subordinação do chefe da família, seja ele pai, marido ou irmão mais velho, mesmo que isso lhe impeça de alcançar melhores salários ou condições de vida.

Algumas leis da época de “O cortiço” não possuem mais legalidade no tempo presente, como é o caso das leis do adultério, segundo as quais apenas a mulher era punida, e a lei da escravidão, que também não vigora mais no Brasil. Porém, a exploração sexual de crianças e adolescentes ainda é uma realidade a ser enfrentada em nossa sociedade, embora existam muitas políticas públicas e leis voltadas para esse tema, fato que não ocorria nos relatos da obra de Aluísio de Azevedo.

Diante de tudo que foi analisado na obra “O cortiço”, e comparado com a realidade dos dias de hoje, conclui-se que explorar, discriminar, humilhar ou abusar de pessoas em decorrência de seu gênero, classe econômica ou cor da pele nunca foi e nem será sinônimo de sociedade evoluída. Pelo contrário, mostra que a sociedade tida como moderna ainda se apegua a velhos padrões culturais machistas e opressores.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1983.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994
- BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Entre a virtude e o pecado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 8. ed. Civilização Brasileira
- COTRIM, Gilberto, **Fundamentos da filosofia**, 15^a ed. São Paulo. Saraiva, 2004
- FONSECA, Cláudia. **Ser Mulher, mãe e pobre**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: LTC, 1998.74
- IBGE-Instituto Brasileiro e Geografia E Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: desemprego**. Rio de Janeiro 2015.;
- MONTELLO, Josué. **Aluísio Azevedo**. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1963.
- PINTO, Céli Regina J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Guia de referencia: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual**. São paul., sp. Childhood instituto wfc. Brasil. 2011
- SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**, in: PRIORI, Mary del (org.). História das mulheres no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- SOUZA, Laura de Mello. **A feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1987.

SULLEROT, Evelyne. **Les Changements de Rolés do Hommes et des Femmes en Europe**. In: O CORREIO de UNESCO, janeiro, ano 7, nº 1, Brasil, 1978, p.25

TEIXEIRA, Analba Brazao. **Nunca você sem mim: homicidas suicidas nas relações afetivo-conjugais**. São Paulo: Annablume, 2009.

UNICEF. **A situação da adolescência brasileira**. Brasília. UNICEF. 2011. Disponível em: [www.teleios.com.br › situacao-da-adolescencia-brasileira-2011-unicef](http://www.teleios.com.br/situacao-da-adolescencia-brasileira-2011-unicef).

UNIDADE II

A IDEALIZAÇÃO DO FEMININO EM IRACEMA, DE JOSÉ DE ALENCAR

*Petra Sabrina Ferreira do Nascimento Silva*⁴

*Teresa da Silva Pessoa*⁵

*Evana Mairy Pereira de Araujo Silva*⁶

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira sempre fez parte das mudanças ocorridas no cenário político e social, procurando mostrar a interpretação dos vários fatos acontecidos na sociedade na época vigente. Por outro lado, surge o movimento do Romantismo priorizando todas as linguagens artísticas e, principalmente, na área da literatura.

4 Aluna do Curso de Letras-Português-EAD, Universidade Aberta do Brasil. Universidade Federal do Piauí. Centro de Educação Aberta e a Distância

5 Aluna do Curso de Letras-Português, Universidade Aberta do Brasil. Universidade Federal do Piauí. Centro de Educação Aberta e a Distância

6 Professora Graduada em Letras- Português (UESPI) Especialista em Língua Portuguesa (UFPI) Mestre em Linguística (UFPI)

A referida pesquisa teve como objetivos identificar o perfil da mulher no romantismo e a construção de sua identidade, procurando compreender a idealização da figura feminina na obra “Iracema”, de José de Alencar, que retrata em suas obras o lado heroico da mulher e a sua figura como símbolo de pureza, comparando-a sempre com a natureza.

José de Alencar, autor de “Iracema”, nasceu em Mecejana, província do Ceará, em 1º de maio de 1829. O autor é considerado o fundador da literatura brasileira, pois foi um dos primeiros escritores a retratar a beleza do nosso país. Utilizou os seus romances para manifestar o amor pela pátria, natureza, lendas, pelos povos indígenas e a admiração que tinha pelas mulheres.

Nesse sentido, o tema foi escolhido para que houvesse uma análise sobre a idealização da mulher no Romantismo: “Iracema”. Conhecer a fundo sobre a Literatura brasileira, bem como a história do Romantismo e compreender de forma específica como o fundador da literatura se manifesta sobre o assunto abordado neste trabalho, será de grande valia para entender melhor como a mulher era vista antigamente pela sociedade. A realização deste trabalho me dará subsídios para me expressar melhor sobre o assunto, contribuindo ainda para que esteja preparada para uma atuação futura na área de Letras Português.

A problemática abordada neste trabalho procura mostrar: Como a mulher era vista pela sociedade na época do Romantismo? Como Iracema quebrou o paradigma de uma sociedade cheia de preconceitos? - sociedade esta que via a mulher como um ser totalmente submisso, que não tinha direito de opinar e muito menos de expressar os seus sentimentos.

Para conhecer mais sobre o tema, levantaram-se materiais bibliográficos suficientes de autores que discorrem sobre o tema apresentado e ao mesmo tempo conhecer como a mulher era idealizada no Romantismo, em especial “Iracema”. O trabalho apresenta ainda

um breve histórico da literatura brasileira, mostrando que a ascensão da burguesia foi marcante para o crescimento dos romances na época.

A análise realizada a seguir trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde procurou-se autores específicos da área para analisar conhecimentos suficientes e, ao mesmo tempo, compreender a idealização da mulher no romantismo: “Iracema”.

Utilizou-se obras de autores como José de Alencar (1999), Coutinho (2006), Candido (1997), Cademartori (1990) e outros que trazem estudos satisfatórios sobre o tema que será abordado.

A MULHER E A SUA CARACTERIZAÇÃO NO ROMANTISMO BRASILEIRO

A referida pesquisa teve como título “a idealização da mulher no Romantismo: ‘Iracema’” e, como subtítulos, “a literatura e o Romantismo no Brasil” trazendo um breve histórico da história de avanços da literatura e o surgimento do movimento Romantismo, mostrando uma nova forma de se escrever e manifestar opiniões através dos romances e a construção da identidade feminina “Iracema” de José de Alencar, onde o autor expressa toda a sua admiração pela figura feminina, pela natureza, pelo país e pelos índígenas

A literatura e o Romantismo no Brasil

A literatura é uma arte que procura mostrar a realidade recriada por meio da inspiração do artista, que se expressa utilizando a linguagem para mostrar uma forma diferente da realidade. Sendo assim, a obra começa a ter uma vida autônoma e independente, diferente da realidade de onde foi inspirada.

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa então, a viver outra vida, autônoma,

independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio (COUTINHO, 2006).

A literatura sempre esteve presente nas mudanças ocorridas no cenário social e político, procurando sempre mostrar uma interpretação particular das ações, sentimentos, palavras e gestos de uma sociedade para expressar a historicidade daquela época. De acordo com Pound (2007, p. 32), “Literatura é linguagem carregada de significado”. Nesse sentido, a literatura é uma das formas que as pessoas escolheram desde a antiguidade para conseguir se comunicar e expressar as suas opiniões no espaço em que vivem.

Dessa forma, “[...] entendemos por literatura [...] fatos eminentemente associativos, obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos”. (CANDIDO, 1980). Assim, a literatura envolve a criação, a invenção do autor para expressar a sua emoção, tomando como base a realidade que é vista de forma particular.

Os autores também usam a linguagem para mostrar situações ocorridas com um tipo de povo, uma determinada pessoa ou até mesmo em uma época. A literatura é uma importante manifestação artística diferente das demais por causa da sua maneira de expressão, pois utiliza a linguagem como matéria prima.

O texto literário tem como característica predominante a função poética, e sendo assim, “teve, portanto, o movimento literário romântico todas as qualidades de uma revolução, dando largas manifestações do temperamento poético e literário nacionais” (COUTINHO, 2002, p. 15). Nota-se a importância da literatura no decorrer dos anos, sendo marcada por movimentos e manifestações que defendiam os ideais poéticos e literários.

Diante disso, com a burguesia moderna surge o Romantismo nas últimas décadas do século XVIII, pois os burgueses eram contra a Aristocracia e acreditavam que seria possível mudar o rumo de sua história. Essa época foi marcada pela ruptura com os padrões que

existiam. Sendo assim, surge a necessidade de se buscar uma linguagem própria que esteja associada a conhecer novos estilos, novas ideias e novas formas artísticas.

Segundo Guinsburg (1978, p. 14), “o Romantismo é um fato histórico e, mais do que isso, é o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica”. Ou seja, cada sociedade tem a sua história e o homem procura desenvolver a consciência dessa história, a partir daí sente o desejo de documentar e definir as expressões dessa identidade, utilizando para isso a organização do tempo em períodos, etapas e idades.

De acordo com Coutinho (2002, p. 4), “o Romantismo aparece como um amplo movimento internacional, unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns aos escritores do período. É, portanto, um estilo artístico individual da época”. Aparece mais voltado para a cultura de um povo ou nação, envolvendo a forma literária e folclórica. Assim, o Romantismo é um movimento que defende as várias manifestações artísticas, seja nas artes, na música e, de forma especial, na literatura.

Ao lado do surgimento do Romantismo no Brasil, acontecem também as discussões acerca da construção da nova identidade nacional voltada para a defesa da independência política. A partir de então, os brasileiros passam a ver a oportunidade de construir a sua própria história e a identidade nova de um povo baseado na literatura lusitana.

Bosi (2001, p. 14) destaca que “o assunto prioritário da geração de intelectuais ativos entre os anos da Independência e os meados do século XIX passava forçosamente pela construção da nova identidade nacional”. Esse período inspirou os brasileiros a fazer literatura voltada para a natureza, para o índio e, principalmente, baseada nas questões sociais e políticas, já que os poetas se interessavam pelos temas nacionais. Diante disso, Candido (1997, p.11) afirma que:

A independência [...] desenvolveu no romance e no teatro o intuito patriótico [...], na mesma disposição

profunda de dotar o Brasil de uma literatura equivalente à europeia, que exprimisse de maneira adequada a sua realidade própria ou, como então se dizia, uma literatura nacional.

Nessa relação, a literatura brasileira encontra uma base no Romantismo para, através do romance, mostrar sua manifestação, e a partir daí consegue dividir o Brasil em três espaços: a floresta, o campo e a cidade, que em seguida dão origem aos romances histórico-indianista, regional e urbano. Sendo assim, os escritores passam a descrever em suas obras as especialidades do homem, da natureza e da cultura para expressar o caráter nacional.

A ascensão da burguesia contribui para o crescimento do romance, isso faz com que o público amante das narrativas de aventuras passageiras e amores difíceis se manifestem, sendo que dentre eles se destacam os jovens e as mulheres, como um novo público que gostam de ler. A partir de então, surge o romance no Brasil como um novo gênero literário. De acordo com Cereja e Magalhães (1995, p.152-153):

A palavra romance origina-se do termo medieval romano, que designava as línguas usadas pelos povos sob o domínio do Império Romano. Essas línguas eram uma forma popular e evoluída do latim. Também se chamava romance às composições de cunho popular e folclórico, escritas nesse latim vulgar, em prosa ou em verso, que contavam histórias cheias de imaginação, fantasia e aventuras. Os romances se modificam de acordo com as transformações culturais. Somente em meados do século XVIII é que a palavra romance passou a designar o gênero como o entendemos hoje: um texto em prosa, normalmente longo, que possui vários núcleos narrativos em torno de um núcleo central. O romance, por relatar acontecimentos da vida comum e cotidiana, e por dar vazão ao gosto burguês pela fantasia e pela aventura, vem a ser o mais legítimo veículo de expressão artística dessa classe.

Os romances que são publicados nos jornais brasileiros em forma de folhetins são obras estrangeiras que foram traduzidas. No século XX, com a evolução do romance, o folhetim desaparece. “O romance romântico integra-se ao projeto nacionalista do Romantismo, esforçando-se por tematizar a realidade brasileira” (INFANTE, 2001, p. 244).

O romance romântico tem como objetivo retratar o respeito pela realidade. Já o nacionalismo é formado pela elaboração da realidade, procurando mostrar coisas locais, costumes, lugares e fatos do Brasil. O indianismo preocupa-se em descrever a língua e os costumes de populações diferentes dos portugueses. A convenção poética tinha a liberdade de utilizar a fantasia e criar a atitude e linguagem dos personagens. (CANDIDO, 1997).

O regionalismo emprega-se em explorar a língua e os costumes da época. Candido (1997, p.103) defende que o modelo “dependia do esforço criador dos escritores daqui [...] O escritor oscilava entre a fantasia e a fidelidade ao observado [...] acabou por tornar artificial o gênero”. Sendo assim, o Romantismo brasileiro passa a ser composto pelas tendências dos romances: regional, indianista, histórico e urbano.

Diante disso, alguns escritores discordam dos valores materialistas e racionalistas que são impostos pela sociedade burguesa e passam a criar uma literatura que segue pelo caminho da fantasia, levando em conta o universo obscuro do mistério, sonho, morte, degradação e loucura. Essas oposições ao Romantismo encontram o caminho ideal nesse gênero, e assim seguem as características da emoção mais fácil que ao mesmo tempo representam um refinamento de perversidade; a pressa em apresentar as visões e tentar detalhar o amor seguindo por vínculos que trazem certo mistério. Tudo isso deu origem a uma série de obras que podem ser avaliadas do péssimo ao genial (CANDIDO, 1997).

Em meio a todas essas situações e características, surge um olhar diferenciado de José de Alencar sobre a arte romântica e, de acordo com Candido (1997, p. 104), “à apresentação realista das relações

sociais urbanas uma profundidade analítica [...], presentida pelo Alencar [...]”.

Dessa forma, José de Alencar apresenta obras interessantes que podem ser lidas e relidas à vontade, pois aguçam a curiosidade e a crítica do leitor, trazendo novos olhares que se deliciam a cada palavra que vai sendo escrita e ao mesmo tempo leva os leitores a viajarem profundamente no que estão lendo, ou seja, é oferecida uma leitura deliciosa.

A construção da identidade feminina “Iracema” de José de Alencar

O autor de Iracema é José Martiniano de Alencar, que nasceu no Ceará no ano de 1829 e faleceu no Rio de Janeiro em 1877, de uma doença bastante comum na época, chamada de tuberculose. O referido escritor foi ainda advogado, jornalista, político, escritor e teatrólogo. Quando tinha onze anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a estudar no Colégio de Instrução Elementar. No ano de 1844, José de Alencar passou a morar em São Paulo, onde matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo e lá permaneceu até 1850. Ao terminar o curso preparatório de Direito, começou a advogar no Rio de Janeiro, onde colaborou com vários jornais da época e chegou a trabalhar na direção do Diário do Rio de Janeiro. Nesse período, passou a divulgar os seus primeiros romances (COUTINHO, 2002).

José de Alencar utiliza o romance para mostrar conhecimento sobre a terra e o país como nação. Observa e faz críticas aos comportamentos existentes, dá valores significativos à cultura brasileira, retrata a época usando a fantasia e a criatividade. Ele procura conservar a moral e a política e se destaca de forma revolucionária nas letras. Tem um estilo poético e utiliza o que aprendeu no jornalismo em seus romances. As suas obras são compostas por romances, peças, poemas, crônicas e ensaios críticos. Quando se trata da figura feminina na obra de Alencar, Cademartori (1990, p.40) destaca que:

Em relação à mulher, essa dicotomia fará com que surjam, nos textos românticos, a mulher santa assexuada e digna de amor, que será a mãe, a irmã e aquela que, com estas, possa ser assemelhada, e a mulher satânica, a quem se dirige o desejo e cuja voluptuosidade torna ameaçadora e nociva.

Nota-se que o autor descreve a mulher de várias formas, atribuindo-lhe papéis reais e características que as retratam como fantásticas, delicadas, fortes, mas ao mesmo tempo sedutoras e submissas. As conquistas da mulher foram importantes diante da sociedade, mas naquela época a mulher deveria ser submissa ao homem, pois a sociedade era machista e tinha preconceitos em relação aos costumes.

Mesmo assim, José de Alencar defende a figura feminina como um ser que merece amor, pois é capaz de desenvolver tantos papéis na sociedade de forma significativa e respeitosa. “É, na realidade, um destino imposto à mulher [...] pela sociedade, pois a ela é ensinado que para ser aceita é preciso agradar, fazer-se objeto, portanto renunciar à sua autonomia” (LEITÃO, 1981, p.45).

A Iracema retratada por José de Alencar era independente e não deixava que a família ou o meio em que vivia a dominassem. Era uma mulher romântica que vivia em uma época em que a mulher não tinha o poder de tomar decisões, mas isso não a impedia de ter uma postura diferenciada, pois não se importava em ser submissa ao sistema imposto pela sociedade a qual pertencia.

Naquela época difícil, cada mulher tinha a sua forma diferente de lutar pelos seus ideais e chegavam a ultrapassar barreiras, limites e mostrar o seu jeito de ser e pensar sem temer represálias. De acordo com Leitão (1981, p. 41), “Outra característica marcante da personalidade feminina é a passividade. Logo, a mulher não pode ter iniciativa, porque esta é uma propriedade masculina”. Essa característica não cabia às mulheres referidas por Alencar, pois elas tinham iniciativa e atitude.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a Terra com as primeiras águas (ALENCAR, 1999, p.5).

A citação acima traz uma descrição de como é a mulher indígena e em especial Iracema. O autor dá-lhe características ricas, tentando mostrar que ela é superior ao ser comparada com a natureza. Utiliza-se da palavra mais para deixar claro essa questão. Para o autor, tudo em Iracema era melhor e admirável, os cabelos, o sorriso, o hálito e até os pés.

Iracema era filha de Araquém, Pajé da tribo dos Tabajara, e deveria permanecer virgem porque era a guardadora do segredo de jurema e ao mesmo tempo o mistério do sonho. A sua mão era quem fabricava para o Pajé a bebida de Tupã. Apesar de todos esses atributos, ela não se rende e luta para ficar com o grande amor de sua vida, Martim. Não se importou com os valores e fez questão de rompê-los.

Diante dessa situação, Iracema toma iniciativas amorosas e se declara: “Iracema te acompanhará, guerreiro branco, porque ela já é tua esposa” (ALENCAR, 1999, p.56). Ao acompanhar seu amor, mostra-se uma mulher de atitude, valente e pronta a enfrentar tudo pelo seu amor. Ela defende Martim e termina traindo a sua tribo para fugir com ele. Iracema mostra-se forte e, contra sua tribo, vai morar com Martim e seu irmão Poti, que mora no litoral. “Iracema é rola que o caçador tirou do ninho” (ALENCAR, 1999, p. 102).

O impressionante no perfil de Iracema é que ela não se importa em romper a tradição do seu povo, ou seja, a cultura aprendida, e escolhe seguir o homem branco Martim. Com essa atitude, a personagem apresenta uma liberdade que antes não tinha vivido,

sente-se liberta e pronta para voar, sem se importar com o contexto social que está inserida.

Alencar expressa em sua obra “vários aspectos, o romance romântico cheio de realismo, pois a ficção moderna se constitui justamente à medida que visou, cada vez mais, a comunicar ao leitor o sentimento da realidade, por meio da observação exata do mundo e dos seres” (CANDIDO, 1997, p.74). O autor fez questão de mostrar à burguesia novas idealizações e formas de pensar.

Apresentou Iracema como uma mulher forte, que possui vontade própria, mas, apesar de tudo, se torna fraca quando é pega pelo ciúme e a saudade de Martim. Isso a torna um ser com sentimentos reais e ao mesmo tempo frágil. As mulheres apresentadas por Alencar não se resumem a mulheres heroínas e românticas, pois conseguiram se tornar superiores com a mudança da própria vida e da atitude no que acreditavam.

Alencar não tem como objetivo reproduzir a figura feminina, mas buscou idealizá-la, retratando-a em seu romance como uma figura que possui um amor angelical, puro, sendo vista como um símbolo de perfeição, bela, intocável, anjo e, assim, o autor descreve a sua admiração e amor pela figura feminina.

Iracema era uma índia que se apaixonou pelo guerreiro branco, em um romance de linguagem poética e com ritmo. O nome de Iracema provém de um anagrama da palavra América e também formada através das palavras Ira (que significa mel) e ceme (que significa lábios), que é descrita por Alencar como Iracema, virgem dos lábios de mel.

Iracema, em 1865, brota no limite da poesia, como o exemplar mais perfeito da obra poética na ficção romântica - realizando o ideal tão acariciado de integrar a expressão literária numa ordem mais plena de evocação plástica e musical. Música figurativa, ao gosto do tempo e do meio (CANDIDO, 1997, p. 200).

Nesse sentido, o desejo de Alencar era homenagear o Ceará, terra onde nasceu, por isso contou a lenda da heroína indígena que deixou a sua família e tribo para viver um grande amor que era proibido ao lado de Martim. Ele se encontrou com Iracema quando se afastou de Poti em uma caçada e se perdeu na floresta dos Tabajaras.

Nesse momento, Martim conhece Iracema e se apaixona. A índia era virgem e tinha uma promessa com Jurema (bebida mágica utilizada nos rituais religiosos) de não se unir a homem nenhum se não o mesmo poderia morrer. O amor sentido por Martim e Iracema venceu o medo e ela fugiu com o homem branco, ofendendo aos chefes da tribo que pertencia, que declararam guerra aos parentes de Martim.

Diante disso, o povo de Iracema perde a batalha e, com isso, une-se ao povo de Martim e passa a habitar com eles. A partir de então, Martim não sente mais o mesmo fascínio por Iracema, o que a deixa triste. Iracema tem um filho, o qual recebe o nome de Moacir, que significa filho da dor. Em consequência do amor platônico sentido por Martim, Iracema acaba morrendo de saudades e deixa o filho, que é fruto da miscigenação brasileira.

O romance Iracema faz parte da trilogia indianista de Alencar junto com O guarani e Ubirajara. Passou a ser conhecido como a lenda do Ceará, pois faz uma relação entre os aspectos que compõem a natureza e os mitos indígenas. O objetivo da obra é mostrar o contato entre o povo indígena e os portugueses, bem como o sentimento de nacionalidade. O relacionamento existente entre Martim e Iracema deixa claro a valorização do país e conquista.

CONCLUSÃO

Este trabalho procurou mostrar a importância da literatura para a expressão da realidade que, ao lado do movimento Romantismo, marcou a sociedade burguesa. Movimento este que expressa de forma marcante a idealização da mulher. A partir de então, surge José de Alencar, considerado o fundador da literatura brasileira, com a

personagem “Iracema”, descrevendo toda a sua beleza, perfeição e definindo os perfis femininos daquela época.

Nesse período, a mulher não tinha voz na sociedade, deveria apenas seguir os valores morais e sociais sem contestá-los, pois o machismo predominava. A obra de Alencar, “Iracema”, representava uma figura feminina diferente daquela época, pois não se deixava dominar pelos costumes e pelo meio. As mulheres dos romances do autor citado mudaram as próprias vidas, mostravam-se fortes, independentes, sem medo de nada e ninguém, pois não obedeciam aos limites que eram impostos na época em que viviam.

A personagem “Iracema” luta de forma firme e desobedece às leis de seu povo, consegue romper os valores que havia aprendido para ficar com o amor de sua vida. Nota-se que as características do romance de José de Alencar fogem totalmente dos padrões ditados naquela época. Quando a mulher luta pelo amor de sua vida torna-se forte, valente, independente, mas torna-se frágil quando sente a falta deste.

Os dados levantados nesse trabalho foram fundamentais para verificar a forma como o autor idealiza a mulher para a sua época, atribuindo-lhe características que às vezes são reais, mas em outros momentos são ficcionais. Ele consegue viajar na criação de suas personagens para expressar a sua admiração infinita pela mulher.

O desenvolvimento desta pesquisa foi gratificante, tanto em termos de conhecimentos na área da literatura brasileira quanto de aprendizagem, pois pude ter contato com vários documentos e autores que discorrem sobre o tema. Os resultados deste trabalho são opiniões nossas como pesquisadoras do assunto, sendo que podem aparecer pontos de vista diferentes dos que foram expostos neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, J. M. **Iracema**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CADEMARTORI, L. **Períodos literários**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.
- _____. **Literatura e Sociedade**. 6 ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Literatura brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.
- COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil: Era Romântica**. 6. ed. São Paulo: Global, 2002. v. 3.
- _____. **Notas de teoria literária**. 31 out. 2006. Disponível em:
<<http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/278085>> Acesso em: 30 set.2008.
- GUINSBURG, J. **Romantismo, historicismo e história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- INFANTE, U. **Curso de literatura de língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2001.
- LEITÃO, E. V. **A Mulher na língua do povo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- POUND, E. **Abc da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2007.

UNIDADE III

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO

*Maria Aparecida da Silva Carvalho*⁷

*Magnólia Silva Brito*⁸

*Cristina Gomes de Brito*⁹

INTRODUÇÃO

Ler é um exercício de descoberta, por isso o hábito da leitura é um instrumento de transformação, na medida em que concebe pessoas

7 CARVALHO, Maria Aparecida da Silva – mikaellycarvalho81@gmail.com – Graduada – LETRAS – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela UFPI e Curso de Extensão em Leitura e Produção de Gêneros Acadêmicos/CEAD.

8 BRITO, Magnólia Silva – magnolia8meg@gmail.com - Graduada – LETRAS – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela UFPI e Curso de Extensão em Leitura e Produção de Gêneros Acadêmicos/CEAD.

9 Mestra em Letras Portugêas – UFPI, Assistente em Administração – UFPI, tutora no curso EAD de Letras Português – UFPI. E-mail: cristinabrito@ufpi.edu.br

autônomas e críticas e com poder de participação na sociedade. Neste contexto, este trabalho discute a importância da leitura para a formação crítica do aluno, enfatizando a necessidade de adotar estratégias que visem o estímulo à leitura.

Esta pesquisa surge do cenário observado, sobretudo no contexto escolar, com relação ao exercício de leitura, onde é perceptível a ausência de gosto por esse hábito e, de modo geral, a falta de compreensão do que se lê e dificuldade de ao menos decifrar códigos (letras). Diante disso, é importante elencar os motivos que potencializam essa aversão à leitura para que se possa eleger estratégias e políticas eficazes para resolução gradativa do problema. Sabe-se que a escola e a família têm sua responsabilidade nisso como em qualquer outro processo educativo. Muitas vezes, falta o incentivo dos professores, dos pais e da sociedade, já que ler é também uma prática social (URSINIO, 2010).

Este estudo é de abordagem qualitativa com pesquisa bibliográfica, fundamentado em produção de vários autores que abordam a temática, a fim de aprofundar a discussão, comparar ideias e fazer reflexões acerca da importância da leitura para a formação crítica, bem como sobre motivos prováveis e soluções possíveis para a falta de hábito de leitura.

Assim, a referida pesquisa justifica-se pela necessidade de debater e buscar soluções para um problema que tem reflexo direto na vida educacional do aluno e na sociedade, uma vez que o hábito de leitura é primordial para o desempenho escolar, independentemente da área, e constitui uma forma de emancipação do indivíduo, lhe permitindo deliberar conscientemente sobre a própria vida e agir de forma crítica nas relações sociais.

Achou-se por bem discutir o presente tema por entender que as pessoas estão perdendo gradativamente o hábito da leitura, devido aos atrativos do mundo globalizado e tecnológico e a opção por leitura de conteúdos irrelevantes. Dessa forma, é urgente ativar essa discussão no sentido de pensar formas alternativas de incentivar a leitura para resgatar esse entretenimento prazeroso.

Além disso, este trabalho é importante do ponto de vista científico e social por enriquecer a literatura, renovando a discussão e permitindo que mais pessoas, como professores, alunos, e demais profissionais tenham acesso a esse texto e se sintam instigados a também disseminar a ideia aqui defendida.

Diante do exposto, o objetivo principal desta pesquisa é discutir a importância da leitura para a formação crítica do aluno. Para tanto, debateu-se o papel da leitura dentro do ambiente escolar e no contexto social, as prováveis razões da ausência de interesse pela leitura e as práticas indicadas para reverter a realidade.

PROBLEMAS QUE EXPLICAM A FALTA DE LEITORES CRÍTICOS

Mencionamos a intenção dos profissionais ligados à alfabetização a respeito de instruir não apenas leitores, mas leitores críticos com a autonomia de se impor, com foco nas dificuldades encontradas como, por exemplo, a falta de leitura e de incentivo dentro do convívio escolar e familiar. A leitura é uma ferramenta essencial à sociedade, é nítido que quem lê bem possui um amplo conteúdo de conhecimento e cultura. Dessa forma, não apenas falam, mas também escrevem bem. Infelizmente, desde o ano de 2011, alguns estudos revelam estatísticas preocupantes tanto para educadores como para a nação, um decréscimo da quantidade de leitores ativos, situação favorável para uma realidade indesejável.

Relatamos, ainda, algumas possíveis medidas para que se consiga reverter a atual situação de grande parte dos alunos que é a incapacidade de conseguir ir além de decifrar o texto, não obtendo sucesso ao interpretá-lo como um todo, por razão da inexistência do ato de ler na vida dos acadêmicos.

É preciso entender a diferença entre o “ler” e o “saber ler”. O costume de simplesmente saber ler acaba tornando as pessoas incapazes de realmente entender o sentido que a leitura busca passar, de saber

interpretar, de saber posicionar-se, de ter seus próprios argumentos, melhorar seu desenvolvimento humano e formar seu próprio senso crítico. O problema mais comum que pode explicar essa “inabilidade” é o entendimento errado do que é decifrar códigos e interpretar textos. É nítido que a falta de leitura causa nas pessoas o que chamamos de “analfabetismo funcional”: sabe-se ler, porém não se consegue compreender de fato a ideia passada através do texto e assimilar de forma precisa as informações.

Mas, logicamente, a falta de interesse não é algo individual, ou seja, acaba por não ser responsabilidade apenas do aluno, pois o hábito de não ler pode, sim, estar manifestado também nas gerações passadas, seja por parte dos professores ou dos familiares. É um problema que ultrapassa gerações, o péssimo hábito que se mantém efetivo em diferentes gerações por conta do mal incentivo, ou até mesmo da falta do mesmo. Observando a realidade do nosso país, notamos que 70% da população brasileira não lê um livro por ano, o que abala a educação, a cultura e a intelectualidade de um povo.

Infelizmente, grande parte das escolas do nosso país não tem estruturas e espaços apropriados dedicados à leitura. Isso faz com que o aluno não busque outros meios de aproximação, pois além de não terem espaços como bibliotecas, por exemplo, ainda existe o problema de muitos não terem o incentivo necessário por parte dos alfabetizadores, em casa e na escola. Evidentemente, problemas políticos, sociais e econômicos influenciam de forma negativa no crescimento da comunidade como leitores.

Avaliando a importância da leitura para a formação crítica dos alunos, constatou-se a grande utilidade que a elaboração do presente artigo possui, a fim de discutir a eficácia e os problemas relacionados à leitura junto à construção do senso crítico de um indivíduo.

Este trabalho trata da realização de uma discussão sobre leitura crítica na educação básica, objetivando a formação sociocultural e intelectual, visando preparar os educandos para os possíveis momentos

nos quais terão de interagir e se posicionar a respeito de determinados assuntos.

Pesquisas feitas sobre o tema discutido demonstraram que, pela falta de uma prática eficaz, os alunos não denotam habilidades no momento da realização de algum tipo de leitura que vá além da decodificação de palavras e frases. Evidenciamos que a construção de um leitor crítico não depende unicamente do episódio de colocar o aluno para ler, pois somente a partir da prática constante da leitura de vários textos se torna viável extrair deles o seu significado.

O trabalho com a leitura é inquestionavelmente uma das questões mais discutidas no campo educacional. Entre as interrogações habitualmente colocadas pela sociedade, as mais relevantes são: Qual a melhor forma de a escola ensinar? Saber ler vai além da decifração das palavras? Qual a importância da leitura para o desenvolvimento do cidadão? O que é levado para a sala de aula, no contexto da leitura, auxilia para a formação do leitor crítico e reflexivo? As preocupações citadas surgiram nos últimos tempos em ações que, além de disponibilizar suporte ao ensino da leitura nas escolas, também buscam mostrar a sua magnitude.

Partindo desse primórdio, testemunhamos a necessidade de se apresentar aos estudantes uma leitura que regule seu posicionamento e que seja capaz de resultar no leitor a compreensão da essência do texto, para que assim consiga estabelecer as relações com o autor e suplementar as lacunas que possivelmente surgirão no ato de ler. Por desígnio das inúmeras suposições é que se deu início a essa pesquisa, com foco na importância da leitura na vida dos cidadãos, com a pretensão de torná-los aptos a entender e assumir posição do que se passa na comunidade em que está introduzido.

De acordo com Kuenzer (2002, p.101),

ler significa, em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há

um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção.

Portanto, ler é procurar entender os significados de todos os elementos do texto, entender o tempo em que foi escrito, por quem, a visão que o autor tem sobre o assunto tratado e possíveis causas e feitos que fazem com que o escritor tenha esse ponto de vista.

Quando pensamos em leitura, logo fazemos ligação ao professor de Língua Portuguesa. Mas, ao pararmos para refletir um pouco mais, notamos que o ofício de formar leitores e, sobretudo, questionadores, é um comprometimento dos educadores das variadas disciplinas, logo que a leitura é um meio de apropriação do entendimento, ou seja, o método que possibilita aprender a aprender, por isso precisa ser uma prática de ensino em todas as áreas de conhecimento.

A importância da leitura para o desenvolvimento da sociedade

A prática de ler constrói alunos autônomos, favorecendo sua ampla evolução como ser crítico. Isso favorece o desempenho dos estudantes no momento em que precisam decifrar os sujeitos inseridos nos textos, e assim, com nitidez, se posicionar diante dos vários assuntos apresentados. Para que seja possível haver a compreensão do mundo, em meio a muitas e diferentes formas de interpretar todos os acontecimentos à nossa volta, se torna indispensável a leitura como forma de aprendizado, conhecimento e desenvolvimento do estudante como pessoa e, futuramente, como profissional, conseguindo com autonomia entender os valores, princípios e concepções, obtendo o poder da escolha daquilo que engrandece sua experiência pessoal e profissional.

Segundo Silva, (2005, p. 24):

[...] a prática de leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar

aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz.

Quem lê constantemente desempenha um papel dentro da sociedade com grande destaque, pois ao adquirir conhecimentos conseqüentemente terá facilidades de compreensão dos que estão presentes à sua volta e elaborar possíveis soluções adequadas às circunstâncias.

Freire (1986, p. 22), diz que “(...) a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. A partir do pensamento de Freire, percebemos que a leitura é indispensável na construção do pensamento de qualquer pessoa sobre fatos ocorrentes ao seu redor, por unir o leitor e o conhecimento, por oferecer o entendimento de forma ampla, por mostrar o real significado do mundo das palavras, por dar a oportunidade de o indivíduo estar dentro da sociedade de forma participativa, por incentivar o indivíduo a buscar a compreensão do que passa à sua volta, enfim, a leitura permite situar-se na sociedade de forma participativa, aproximando aquilo que já se sabe com ideias distintas, o que resulta em um vasto conhecimento. A leitura, sem dúvidas, abre horizontes que ninguém jamais conseguirá fechar. Ler é o que torna alguém preparado para se impor diante do mundo, hábil para usar sua imposição, e mais que isso, capaz de saber quando, onde e porque se impor, de forma significativa e incontestável, que sabe como se colocar por ser e estar bem informado.

A leitura dentro da escola

Quando falamos em leitura dentro da escola logo nos vem à cabeça a ideia de que a mesma pode ser resumida apenas como uma tarefa escolar, colocada na vida dos alunos somente como uma imposição por parte do mediador, exatamente porque é isso que vemos comumente no ambiente de ensino. Isso infelizmente não ajuda no desenvolvimento do aluno como leitor, já que essa “imposição” desestimula significativamente seu gosto pela leitura. O papel da escola

é exatamente o oposto disso: ela tem o dever de servir como auxílio para o estudante, buscando torná-lo habilidoso na compreensão, interpretação e elaboração de textos, de acordo com a visão de mundo individual.

Conforme afirma Silva (1996, p. 43):

(...) ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. De fato, o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes escritos por um determinado autor em uma determinada obra.

A leitura precisa estar inserida de forma séria no interior da escola, ela tem fundamental importância para o desenvolvimento do desempenho escolar de todos. Os professores devem oferecer atividades voltadas para a leitura, de forma incessante, para que dessa forma consigam extrair dos alunos o gosto por essa prática.

Segundo Lajolo (1997, p. 7),

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode encerrar-se nela.

Ler possibilita o entendimento do mundo, somente dessa maneira estaremos sempre prontos a opinar, a se impor, a pensar com lógica, segundo aquilo que conhecemos através do que lemos. A leitura sempre começa na escola e precisa ser sempre incentivada para o desenvolvimento da pessoa como aluno, como pessoa e como cidadão, consciente da grande importância que o ato de ler possui na vida de todos.

Sabemos que a escola tem uma participação de suma importância na vida dos estudantes quanto à sua formação crítica, mas sabemos também que a participação da família ajuda muito nessa

transformação. A partir do momento em que existem exemplos e incentivo dentro do ambiente familiar, sem dúvidas isso terá reflexo no ambiente escolar, de forma positiva. Existem vários casos em que alunos chegam ao ensino médio incapazes de realizar a leitura crítica de um texto. É uma situação alarmante, que faz com que seja necessário despertar para a questão da indispensabilidade de rever as práticas que são desenvolvidas para formar leitores críticos.

Os alunos, muitas vezes, estão totalmente desligados da adversidade de textos que os cercam todos os dias, muitas vezes nem ao menos percebem a riqueza de conhecimento que está tão perto e só requer leitura para ser identificado e se tornar prazeroso. E então a leitura se torna algo realizado somente para a o desenvolvimento de alguma outra atividade, como responder provas ou exercícios, a fim de usar a leitura exclusivamente como um recurso para conseguir objetivos a curto prazo e superficiais, que não permitem a compreensão e reflexão crítica a respeito do conteúdo presente no texto.

É notório que, para que seja possível realizar um trabalho apreciável com a leitura que tenha como resultado o surgimento e aprimoramento de um leitor crítico, é preciso desvincular-se das atividades que visam o objetivo de unicamente fazer com que o aluno-leitor apenas olhe rapidamente para o texto, apenas decifrando as palavras, acabando por agarrar-se à superficialidade (aparência) do que está escrito. Faz-se necessário estar atento e avaliar a forma adotada pelas escolas no momento de passar aos seus alunos os ensinamentos da leitura.

Desse modo, é importante que haja um cuidado com a formação do professor, observando o contexto da leitura crítica, visto que, possivelmente, alguns educadores não gostam ou não simpatizam com esse hábito e, em vista disso, não ampliam de forma oportuna seus exercícios de leitura em salas de aulas. É necessário que o docente esteja pronto e qualificado a buscar melhorias na sua forma de ensinar, pois sabemos que conseguir criar nas pessoas o gosto pela leitura, quando mais da metade da população não tem o costume de ler, é o maior e mais difícil papel a ser desempenhado por parte das

escolas. E para que esse fato seja modificado, é essencial a presença de profissionais comprometidos, que visam não apenas passar alunos de ano, mas formar pessoas com um pensamento autônomo, com eficiência naquilo que faz e pensa.

CONCLUSÃO

É possível notarmos que em todo o trabalho fala-se que a prática da leitura quase não existe. Uma situação bastante preocupante, principalmente quando fazemos relação com o fato de que a leitura possui uma fundamental importância na nossa vida. Se, para tornar um aluno crítico, precisamos ler, e os números de leitores são absurdamente baixos, se torna difícil desenvolver o senso crítico da população.

Através das ideias aqui avaliadas e discutidas, pretendemos colaborar para o entendimento a respeito da seriedade que a leitura possui na vida dos alunos no momento de sua formação crítica, explicando de forma clara e objetiva que essa formação necessita de uma rotina de interpretação de textos e um incessante exercício de leitura. É notório que, para realizar um trabalho apreciável com a leitura, que tenha como resultado o surgimento e aprimoramento de um leitor crítico, é preciso desvincular-se das atividades que visam o objetivo de unicamente fazer com que o aluno-leitor apenas olhe rapidamente para o texto, apenas decifrando as palavras, acabando por agarrar-se à superficialidade (aparência) do que está escrito.

Chegamos à conclusão de que a formação do leitor crítico é a indispensabilidade de se construir também cidadãos críticos, os quais, através do conhecimento e aprendizado adquiridos após a leitura, passam a ter uma visão totalmente abrangente sobre o mundo e, principalmente, passam a lutar por seus espaços dentro da sociedade, no mercado de trabalho, de forma autônoma e eficiente.

O vigente artigo buscou tratar da leitura de forma geral, fazendo relação dos problemas discutidos com a política, o meio social

e econômico. Discutindo os maiores problemas encontrados quanto à queda ininterrupta dos índices de leitores, procura-se ampliar a visão da população sobre quais os problemas, as causas e as possíveis soluções que podem ser tomadas individual ou coletivamente, visando à melhoria dessa situação. Portanto, esclarece-se alguns pontos e desencadeia pensamentos acerca do assunto. O ato de “não ler” deixa de ser apenas um “querer”, mostra-se os vários lados de uma história, as várias causas da inexistência da leitura como costume diário, e enfatiza a grandiosa importância que tem na vida de cada um.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Série Educação em Ação. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

BRANDÃO, H; MICHELITTI, G. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 3 vol. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997

ECO, Roberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

MOTA, Sônia Rodrigues. **A família e o leitor**. Fundamentação Vitae / Casa da leitura / Proler. Rio de Janeiro, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A leitura e os leitores**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

URSINIO, Evani Alvares. **A prática de leitura na escola: a leitura e a formação do leitor (aluno)**. 2010; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Letras) - Faculdade Alfredo Nasser. Disponível em : <https://docplayer.com.br/28322672-A-pratica-de-leitura-na-escola-a-leitura-e-a-formacao-do-leitor-aluno-1.html>

ZILBERMAN, Regina. **Fim do Livro, fim dos Leitores**. São Paulo, 2001.

ZULIM, Leny Fernandes. **Literatura no ensino fundamental: da teoria às práticas em sala de aula**. Londrina, PR: Amplexo Editora, 2011.

UNIDADE IV

A REPRESENTATIVIDADE DO COMPORTAMENTO FEMININO NAS FASES ROMÂNTICA E REALISTA NAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS

*Aureliano Francisco de Carvalho Gomes*¹⁰

*Suzana da Silva Nascimento*¹¹

*Cristina Gomes de Brito*¹²

INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis é considerado um dos mais importantes escritores da literatura nacional e quiçá do mundo. Autor de obra extensa e valiosíssima, composta por mais de 200 contos, 10 romances e demais publicações de diversos gêneros, como folhetins, peças teatrais, contos e crônicas, o que o torna uma grande referência como cronista de sua época, e vanguardista na produção literária.

10 Aureliano Francisco de Carvalho Gomes. Estudante do Curso de Letras Português –EAD/ UFPI E-mail: aureliano-gomes@hotmail.com

11 Suzana da Silva Nascimento. Estudante do Curso de Letras Português –EAD/ UFPI E-mail: suzanasn28amr@hotmail.com

12 Mestra em Letras Português – UFPI, Assistente em Administração – UFPI, tutora no curso EAD de Letras Português – UFPI. E-mail: cristinabrito@ufpi.edu.br

Um das características principais e que apresentam evidências em sua obra é o destaque da figura feminina em seus romances e demais obras. Não é à toa que Machado é considerado pela crítica como um grande delineador e conhecedor da alma feminina, pois percebe-se que em suas obras há uma gama de traços comportamentais e um campo minado de personalidades femininas.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e analisar as características femininas nas fases que dividem a obra machadiana, dentro do contexto histórico do século XIX. Em uma sociedade patriarcal, onde impera a figura masculina, valores como matrimônio e família são temas costumeiros em sua obra. É dentro deste contexto que iremos apresentar o comportamento feminino, apresentando a dicotomia das mulheres da primeira e da segunda fase.

Os personagens presentes na primeira fase têm como características o universo romântico, o lirismo, onde o amor e as paixões destoam na vida dos personagens, além de serem gentis, obedientes, conformadas e quase sempre submissas ao sexo oposto e às convenções sociais.

No decorrer deste trabalho, se abordará com mais ênfase a personagem Helena que será fundamentada neste estudo. Na segunda fase, serão analisadas as figuras femininas, Virgília e Eugênia (Memória Póstumas de Brás Cubas), Capitu, D, Glória e D. Fortunata (Dom Casmurro).

Como bom observador da sociedade, Machado imprime a realidade de modo mais crítico e real, retratando os aspectos psicológicos desta fase que se caracteriza por uma profunda análise do ser humano. Apesar de estarem inseridas no mesmo contexto histórico do romantismo, as mulheres da segunda fase surgem mais independentes, fortes, decididas e resistentes, o que as faz assumir um papel de destaque e visibilidade na sociedade. Além de terem uma maior liberdade no que tange às convenções sociais, pois são “capazes de manter o controle diante das mais diversas situações”.

Deste modo, é possível perceber que, embora vivesse numa sociedade patriarcal, onde imperava a figura masculina, Machado não

deixa de dar à mulher destaque em sua obra. Esta se apresenta como uma das características marcantes e relevante dentro do universo machadiano.

Como grande conhecedor da alma e do comportamento femininos, Machado de Assis imerge as faces das mulheres através das fases que divide sua obra. Se por um lado o romantismo traz a obediência e a submissão, a subordinação, por outro lado, o realismo aponta as mulheres resistentes, marcantes e com “habilidades”, enfim, mais donas de si. Assim sendo, contemplaremos e fundamentaremos os aspectos peculiares e norteadores inerentes às personagens femininas machadianas. Mas, antes, analisaremos o contexto histórico-social da época, que foi vivenciado por estas mulheres.

CONTEXTO HISTÓRICO E A SOCIEDADE DO SÉCULO XIX

Durante o século XIX, mais especificamente na sua segunda metade, ocorreram profundas transformações nos campos políticos, sociais e tecnológicos, decorrentes, principalmente, dos processos de industrialização e urbanização. Foi um período de grande efervescência no que tange às mudanças, uma vez que da década de 1950 para 1960 ocorreu um surto industrial no Brasil, com inúmeras fábricas e indústrias. Fatores estes que convergiam para que algumas províncias, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gérias, se tornassem polos e centros industriais, o que atraía os colonos e latifundiários que se deslocavam à procura de melhores condições de vida.

Perante todas estas transformações ocorridas na sociedade, reinava uma estrutura familiar de total domínio dos homens, com o estigma de subserviência segundo o qual as mulheres já nasciam com o destino predestinado. Eram criadas e educadas para assumir determinadas funções dentro do seio familiar, como cozinhar, bordar, cuidar dos afazeres domésticos e conseguir um bom casamento. É dentro desse contexto que predominava os “moldes de uma cultura patriarcalista e machista”, onde é notório que o poderio masculino predomina perante a sociedade, e a obediência da figura feminina a estes. Além disso, a Igreja fortalecia ainda mais este domínio dos homens sobre as mulheres.

Esta contribuía com a naturalização do comportamento da mulher, restrito somente ao lar e a família, enquanto não tinha a mesma posição em relação aos homens.

A sociedade em si almejava da mulher uma boa educação, preceitos e costumes que lhes eram passados por meio das tradições, de modo que deveriam ter uma conduta perfeita e impecável. O futuro e ascensão social eram espelhados em um casamento ideal que proporcionasse à mulher uma boa visão diante da sociedade.

FASE ROMÂNTICA

O romantismo no Brasil tem sua história dividida em três gerações, consagradas por importantes escritores. Cada geração teve sua estimável e incontestável relevância na contribuição e enriquecimento de nossa literatura. Os temas trabalhados marcavam as peculiaridades inerentes a cada geração, levando em consideração o momento histórico de pós-independência vivenciado no Brasil. É no cenário da terceira geração que encontramos uns dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, Machado de Assis. Este se espelhou nesta primeira escola para escrever suas primeiras obras fundamentadas no Romantismo. No entanto, era antagônico ao rigor apresentado pelas escolas literárias. Machado criou seu estilo próprio, construiu uma identidade particular e escreveu importantes obras nessa primeira fase, como *Ressurreição*, *A Mão e a Luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia*. No romantismo havia o predomínio da idealização, emoção, sentimento, do subjetivismo, do lirismo, da fuga à realidade, da imersão em fantasias e devaneios. Mas, mesmo possuindo “todos os ingredientes do romantismo, nessas histórias já havia o senso crítico e psicológico dos personagens, uma das principais características de seus textos”.

FASE REALISTA

Foi na fase realista que Machado construiu seu maior legado e obteve maior notoriedade no universo literário. Foi neste período que

o célebre escritor produziu com extrema habilidade e perfeição obras inestimáveis e inigualáveis. Tais produções deram início com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), que é o marco de início do Realismo. A literatura realista encontrou um campo fecundo para seu desenvolvimento, principalmente devido a fatores históricos que contribuíram fortemente para esta fertilidade literária, como “o fim da escravatura, o início da república, a realidade trazida pelo contexto histórico e por influências europeias como ideais socialistas, positivistas, cientificismo, liberais”. Desse modo, o campo da literatura se abre para ser desbravado por este novo modelo de representar a realidade de modo fiel, com seus defeitos, onde a verdade é retratada pelo real. Assim sendo, o realismo rompe com as imagens idealizadas e imbuídas de fantasias e finca sua âncora nas veias da realidade, desconstruindo os laços do romantismo e fundamentando o universo do Realismo, que Coutinho afirma:

O Realismo procura apresentar a verdade. Esse tratamento verdadeiro do material, essa verossimilhança no arranjo de fatos selecionados, unificados, apontando numa direção, é essencial, e se traduz também no uso de emoção, que deve fugir ao sentimentalismo ou artificialidade. Essa qualidade ainda aparece no modo de apresentar partes: o realismo não se submete a uma visão demasiado ordenada da vida, o que lhe parece artificial, pois a vida tem um ritmo irregular (COUTINHO, 1999, p. 10).

Assim, o realismo imprime uma postura voltada para aspectos da realidade, contemplando o meio veraz e real, onde a sociedade não é mascarada e há possibilidade de o autor debruçar seus pensamentos sobre a vida humana como ela é, e desnudar as faces da sociedade.

O OLHAR NA OBRA MACHADIANA E SUAS FALAS

O olhar vem ocupar na obra machadiana uma das características marcantes do universo feminino de Machado de Assis. É mais que uma expressão, linguagem ou comunicação, ele transmite todo um

universo que é inerente a cada personagem. Para Machado, o olhar traduz o âmago da alma, as linguagens da corporeidade e a vitrine da conduta feminina. Os olhos são representados, principalmente, pelas personagens, como instrumento de manipulação e mistérios. Ele emite uma comunicação quando há silêncio nas palavras, sejam olhares que se fitam como flechas efêmeras ou aqueles que se condensam e interrompem o tempo.

Em uma sociedade que recomendava o bom comportamento da mulher como impecável e com resignação, em meio a esta rigidez nas atitudes e ações, o olhar surge como mecanismo para a expressão da fala não dita e, às vezes, dos desejos recolhidos e inauditos. Alguns estudiosos, ao analisarem os conjuntos das obras machadianas, detectaram no olhar um tema comum e frequente que irrompe os invólucros das relações entre os personagens. O que se pode perceber a seguir, na observação do jovem Estácio em relação a Helena, sua meia-irmã, personagem que recebe o mesmo nome da obra: “Uma só coisa pareceu menos apazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno” (ASSIS, 1876, p. 12).

Como o olhar também traz a expressão de revelação e mistério, Machado, no romance Helena, revela, através da prévia desconfiança do jovem Estácio ao olhar sonso da moça, que este olhar suspeito se revelará no desfecho da história, quando se descobre o engano da família pelo seu fingimento em função de obter uma melhor condição social.

Machado também nos obsequia com expressões primorosas sobre o olhar na obra Dom Casmurro, através da jovem Capitu que, sendo dissimulada, sonsa e atrevida, tem seu olhar descrito pelo agregado da família, José Dias, como:

[...] “olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor

e a doçura eram minhas conhecidas. Demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que... (ASSIS,1955, p. 32).

A fala do olhar produzida por Machado de Assis é bem mais que para aperfeiçoar e esmerar a descrição física e comportamental dos seus personagens. O autor convida para afogar através do mergulho nos olhos de suas personagens e contemplar as faces e peculiaridades do universo e da personalidade. A expressão do olhar é bastante presente em suas obras e é uma marca que condecora e filtra o andamento e a passagem de cada personagem.

A REPRESENTATIVIDADE DE HELENA

Helena é a personagem principal do romance machadiano que faz parte da fase inicial de sua obra. Escrito em 1876, a obra tem o mesmo nome da personagem (Helena). Embora tenha sido o terceiro livro da fase romântica, este livro não apresenta um lirismo exacerbado e é escrito dentro de uma linearidade, isto é, com princípio, meio e fim. A obra foi escrita em meio ao contexto histórico do século XIX, e apresenta uma sociedade patriarcalista, regida pelo conservadorismo e pelo domínio da superioridade da figura masculina. A mulher era extremamente submissa ao homem e às convenções e comportamentos da sociedade, sendo influenciada ainda mais pelos dogmas e preceitos da religião, o que a tornava um ser inferior dentro da sociedade. As mulheres eram criadas para constituir família, a meta principal era unir-se em laços conjugais, procriar, ser uma boa esposa e cuidar do lar, como uma pessoa devotada à família.

A personagem Helena é apresentada na história como filha bastarda do conselheiro Vale, homem de muitas posses, nobre e

conhecido da região do Andaraí, com D. Ângela da Soledade, que a reconhece em um testamento deixado logo após a sua morte.

O conselheiro Vale assumira a jovem Helena como filha, depois de ter tido uma aventura amorosa com Ângela da Soledade, e ter ajudado a criar quando, ainda menina, resolvera pagar os estudos da moça, como é confidenciado a seguir na fala de Salvador, pai legítimo da jovem, ao padre Melchior e a Estácio:

— Os meses e os anos passaram, continuou Salvador. Helena deu entrada em um colégio de Botafogo, onde recebeu apurada educação. O conselheiro a levou ali, dando-a como órfã de um amigo de Minas; Ângela, que se dera por sua tia, ia buscá-la aos sábados (ASSIS, 1876, p. 110).

O Conselheiro Vale tinha um filho, Estácio, e D. Úrsula, sua irmã. Ambos ficaram surpresos com a leitura do testamento. Estácio não se surpreendeu tanto, pois já ouvira falar que seu finado pai tivera outro filho, enquanto que D. Úrsula, que era muito ligada aos costumes, ficou muito espantada, e via na nova sobrinha uma intrusa e logo reprovou tal situação, o que é comprovado no fragmento a seguir:

D. Úrsula era eminentemente severa a respeito de costumes. A vida do conselheiro, marchetada de aventuras galantes, estava longe de ser uma página de catecismo; mas o ato final bem podia ser a reparação de leviandades amargas. Essa atenuante não a viu D. Úrsula. Para ela, o principal era a entrada de uma pessoa estranha na família. (ASSIS, 1876, p. 5).

Embora não estando de acordo, D. Úrsula foi convencida a aceitar o exposto no testamento, e o mesmo acontece com Estácio. “A leitura desta disposição causou natural espanto à irmã e ao filho do finado. D. Úrsula nunca soubera de tal filha. Quanto a Estácio, ignorava menos que a tia” (ASSIS, 1876, p.5). Isso reflete o poder patriarcal, pois ambos tiveram que acatar ordens que foram dadas pelo representante da família. Diante da sociedade machista do século XIX,

percebe-se, por parte de D. Úrsula, menos espanto com a traição do irmão do que com a entrada da nova sobrinha no seio familiar.

Helena, uma moça feita de dezesseis a dezessete anos, teve toda uma educação que era almejada por qualquer moça da época, estudara em colégio interno, tinha todos os traços da polidez, era jovem fina, educada e culta. Além disso, possuía uma beleza invejável que encantava os olhos, era magra, sua estatura era um pouco acima da mediana, despretensiosa e traços elegantes. Assim a retratava Machado:

A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-na uns longes cor-de-rosa, a princípio mais rubros, natural efeito do abalo. As linhas puras e severas do rosto pareciam que as traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu, disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel as mensagens do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto (ASSIS, 1876, p. 10).

A bela moça chegara numa nova família e, mesmo com todos os atributos físicos e a postura de uma moça que tivera uma boa educação, recebeu certas desconfianças. Em seu processo de adaptação, sofrera o desdém por parte de D. Úrsula e certo aconchego de seu meio-irmão Estácio, o que facilitara para acostumar-se à nova vida. Depois dos primeiros dias de convívio, “a palavra saía-lhe mais fácil, seguida e numerosa; a familiaridade tomou o lugar do acanhamento” (ASSIS, 1876, p. 12).

Helena sente-se mais à vontade com o passar do tempo, e com toda a sua habilidade, não mediu esforços para agradar e ter o reconhecimento da família. Buscou uma boa convivência e mostrou-se prestativa e dedicada, colocando-se num certo grau de inferioridade e submissão. É o que é visto neste diálogo entre os três personagens,

quando a jovem pede a D. Úrsula para que lhe mostrasse mais detalhadamente a chácara:

— Agora não, menina; tenho por hábito descansar e ler.

— Pois eu lerei para a senhora ouvir, replicou a moça com graça; não é bom cansar os seus olhos; e, além disso, é justo que me acostume a servi-la. Não acha? continuou ela, voltando-se para Estácio.

— É nossa tia, respondeu o moço.

— Oh! ainda não é minha tia! interrompeu Helena. Há de sê-lo quando me conhecer de todo. Por enquanto somos estranhas uma à outra; mas nenhuma de nós é má (ASSIS, 1876, p. 10).

Notamos aqui a relação de subserviência que é intrínseca à fase romântica, onde se percebe a presença clara da submissão e da obediência por parte da jovem, que busca, através de sua habilidade e presteza, a confiança no novo seio familiar.

É importante enfatizar que, mesmo sendo uma obra da primeira fase da obra machadiana, já é possível perceber pequenas pinceladas de realismo de Machado. Isso é revelado através da astúcia e manejo da “mocinha” que se deixa seduzir pelos benefícios que, a partir do testamento, lhes eram cabidos. Pois Helena sabia que não era filha do conselheiro Vale e em nenhum momento se omitiu em receber parte da herança. Pelo contrário, em dado momento mostrou-se manipuladora, uma característica peculiar da fase realista, o que se pode perceber a seguir:

Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres.

Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, grave com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes (ASSIS, 1876, p. 13).

Os traços naturais de Helena encantavam, porém, sua magnitude ia muito além. Era uma moça prendada e tinha dotes notórios, jovem requintada e culta, além de prendada e de uma formação cultural invejável, como é apresentado a seguir:

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, — não humilde, mas digna, — conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis (ASSIS, 1876, p. 13).

A relação de afeto e ternura entre os meio-irmão provocou mais que sentimentos de irmandade. Eclodiu desta relação um anseio mais profundo que ambos nutriam entre si, mas sem poderem desnudar tal verdade, pois, como ainda não se havia descoberto a Estácio a farsa de Helena ser filha ilegítima do finado Conselheiro Vale, para ele a anelante jovem era sua meia-irmã. O jovem mancebo faz uma viagem e, ao saber que Helena foi pedida em casamento por Mendonça, seu amigo, retorna o mais rápido que pôde e mostra descontentamento com a moça, e considera um absurdo por ela pensar em contrair matrimônio, sem amor, visto que ele sabia da paixão secreta e misteriosa que ela disponha por outrem. Ao que Helena assim lhe responde:

— [...] Essa felicidade pode não vir; eu contento-me com a que me cabe agora. Mendonça ama-me deveras; senti-o desde algum tempo. O padre Melchior abriu-me os olhos; aceito o destino que os dois me oferecem. Esta é a razão e a realidade; o mais é ilusão e fantasia (ASSIS, 1876, p. 73).

A resposta de Helena corrobora o casamento por interesse, característica da sociedade do século XIX, fruto das convenções sociais da época. Outra característica que enfatiza este período é o machismo e domínio dos homens em relação às mulheres. Estácio mostra-se insatisfeito com o possível casamento de Helena com Mendonça. Ele acredita que o homem deve dominar e se sobrepor à mulher e com Helena tal situação não confirmará. Estácio, sobre isso, assim expõe: “Mendonça é bom coração, disse ele; mas não possui as qualidades que, em meu entender, devem distinguir o marido de Helena. Nunca exercerá sobre ela a influência que deve ter um marido”.

O desfecho do romance é típico da fase romântica, pois termina com a morte da personagem principal (Helena), que não suportou o peso da culpa e do remorso em ver o pai ir embora, além do amor secreto que nutria por Estácio, que agora descoberto que não era mais seu meio-irmão, não podia florescer e desfrutar desse amor, uma vez que perderia todos os direitos adquiridos pelo testamento.

A REPRESENTATIVIDADE DE VIRGÍLIA E EUGÊNIA

Machado de Assis escreve *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, dando início à fase realista. Nesta obra, o autor apresenta os personagens situados na realidade, com problemas existenciais e apurando a construção psicológica, assim como configura a sociedade brasileira de maneira real e veraz, com os estigmas e máculas existentes.

A obra foi escrita em primeira pessoa, com narrador observador, ou “defunto autor” como se auto define o personagem principal, Brás Cubas. A obra apresenta suporte em dois tempos, o psicológico e cronológico. A linguagem é erudita, com duplos sentidos, presença

de figuras de linguagens e, sendo narrado pelo defunto protagonista, se utiliza da interlocução, onde o tempo todo ele dialoga com o leitor. Como narrador defunto, ele aborda a morte antes do seu nascimento. Desse modo, começa a narrar com minúcias o momento fúnebre, para depois fazer relatos de sua vida desde a sua infância, ou seja, ele começa do fim para o início. Vejamos:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor (...)
(ASSIS, 1957, p. 12).

Na fase realista, Machado de Assis apresenta certa dicotomia com a primeira fase (romantismo) entre as mulheres personagens. Esta nova fase traz uma nova conceituação da mulher, intimamente ligada à sociedade e sem mascarar os problemas e as relações de convivência em família. Neste período, as mulheres detinham uma maior liberdade, eram mais decididas e muitas vezes buscavam assumir as rédeas de seu destino.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, analisaremos as personagens Virgília e Eugênia. Nota-se em ambas os traços da submissão inerente à primeira fase. Contudo, é perceptível nestas mulheres uma certa evolução, no momento em que elas buscam uma melhor adequação à sociedade através de um padrão que lhes era exigido, em busca de melhores condições sociais.

Virgília, uma jovem, “contava apenas uns quinze ou dezesseis anos”, graciosa e bela, “era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa”, representa de modo objetivo e prático os estigmas da sociedade: era decidida, firme e determinada. Virgília entende a realidade da forma como ela funciona, seu comportamento é racional e explícito na vida dupla que ela levava, uma vez que deixa de seguir um amor ao lado de Brás Cubas para

assegurar uma boa qualidade de vida ao lado marido Lobo Neves. Mesmo correndo risco de vida, busca a ambição de ser marquesa e ascender socialmente. Assim, Virgília:

Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, — devoção, ou talvez medo; creio que medo (ASSIS, 1957, p. 39).

Na vida dupla de Virgília é apontada outra marca realista, que ocorre quando, ao receber o convite de Brás para fugir, ela rejeita-o e, mesmo assim, consegue convencê-lo a ficar com ela. Tal situação é considerada inovadora para a sociedade da época, pois é uma personagem feminina que modifica o contexto de acordo com seus sentimentos, ideias e conceitos.

Eugênia é contrastada com as outras personagens da obra, porque a moça não contesta as imposições sociais. A sua vida não fora próspera, evidenciando como os ideais físicos e sociais influenciam na vida das pessoas. Ela traz em sua personalidade traços de uma mulher honrada e virtuosa. Era uma mulher bonita e íntegra, mas tinha um defeito físico, era coxa. O seu perfil é demonstrado por meio da opressão e degradação social, já que o senso estético age com forte peso sobre a mesma, condenando-a por não se encaixar no perfil da sociedade. A moça é tratada com banalidade e desrespeito. Vejamos a descrição abaixo:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita? (ASSIS, 1957, p. 44).

Percebe-se, neste contexto, que Machado apresenta suas mulheres sob um ponto de vista diferente, apesar de estarem inseridas na

mesma fase realista. Enquanto Virgília se apresenta como uma mulher objetiva, determinada, habilidosa, destemida, Eugênia se contrapõe, tendo o perfil de mulher conformada, que aceita as imposições da sociedade sem reivindicar, por não ter a representatividade feminina exigida pela época.

A REPRESENTATIVIDADE DE CAPITU, D. FORTUNATA E D. GLÓRIA

A obra *Dom Casmurro*, publicada no ano de 1899, é considerada uma das principais obras de Machado de Assis, e também umas das mais importantes da literatura brasileira. Narrada em primeira pessoa, conta a estória do triângulo amoroso envolvendo os personagens Capitu, Bentinho e Escobar. O romance tem sua narrativa construída através de uma mistura dos tempos presente e passado. A estória é a revelação do passado de Bentinho, e todo o enredo depende da recorrência de sua memória, pois foi baseada exclusivamente no ponto de vista de Bentinho, ou seja, é uma obra que tem a narrativa sob um olhar unilateral e parcial, uma vez que este é o narrador-protagonista da estória.

Em *Dom Casmurro*, Bentinho, uns dos personagens principais, recebe nomes diferenciados de acordo o desenvolvimento de sua idade no transcorrer da obra, das diferentes fases de personalidade de acordo com o tempo. Devido à sua imaturidade, doçura e inocência, e sob uma grande indecisão entre escolher viver seu grande amor com Capitu ou ir para o seminário, na adolescência o menino é chamado de Bentinho.

Em uma fase mais madura, depois de sair do seminário e se formar, se tornando um pai de família responsável, zeloso, e um marido exemplar, esse passa a ser chamado de Santiago. Já numa fase ainda mais experiente, após a separação deste com a esposa e filho, ocasionado pela desconfiança devido à grande semelhança física entre seu primogênito Ezequiel e seu amigo de seminário, Escobar, este se torna um homem triste, sozinho, amargurado, excluído em seu

próprio mundo, e por tudo isso é denominado entre as pessoas de sua vizinhança pela alcunha de Dom Casmurro.

Os acontecimentos do romance *Dom Casmurro* se iniciam no ano de 1857, no contexto histórico de meados do século XIX, no Rio de Janeiro. Em um cenário de pós-independência, onde se vivenciava o crescimento da burguesia, Machado apresenta uma evolução ainda mais concreta de suas mulheres, e não se concretiza por uma simples evolução, mas, sim, por uma revolução que marcou a história da nossa literatura, através das personalidades marcantes de suas mulheres em suas obras que influenciaram várias gerações.

Naquela época, a sociedade buscava a representatividade da mulher ideal em comportamento e conduta moral. A ascensão social também era fundamental para que a mulher tivesse a possibilidade de obter prestígio e respeito perante à sociedade. Em *Dom Casmurro*, Machado traz personagens ainda envoltas neste contexto, embora mais independentes. É o caso de dona Glória, uma mulher de bom coração, com conduta moral impecável e irrepreensível, respeitada perante a sociedade e totalmente ligada aos preceitos religiosos. D. Fortunata, a mãe de Capitu, se enquadra no perfil de uma mulher pensada, forte e decidida, que vive um casamento feliz, embora o marido seja um homem frágil e de poucas ações, que vive sob a sombra da mulher, que assume as rédeas de qualquer situação frente à incapacidade deste.

Sr Pádua, pai de Capitu, esposo de D. Fortunata, assume uma postura de um homem fraco psicologicamente, de um comportamento inapropriado para um chefe de família, que não tem condição de tomar qualquer decisão por si só. Contrapõe totalmente a fase romântica, pois percebe-se nesta obra que Machado traz a mulher com poder maior de decisão perante a figura masculina.

Em *Dom Casmurro*, Capitu é a personagem feminina mais marcante e problemática, que traz consigo a representatividade da mulher dissimula, manipuladora e ousada. Além disso, traz o perfil da mulher moderna, à frente de seu tempo. Esta personagem, com apenas 14 anos de idade, tem no romance um grande poder de persuasão,

capaz de convencer a todos em favorecimento de seus desejos e prazeres. Apesar de ser tão nova, a jovem já era muito observadora, pensada, capaz de dominar situações com o seu poder de manobrar situações, não deixava passar nada despercebido aos seus olhos. Além disso, era muito inteligente, aprendia tudo com extrema facilidade e, muito determinada, levava seus objetivos até o fim. Era uma jovem muita bonita, alegre, no entanto, seu comportamento não era favorável para a época. Vejamos a descrição que o Sr. José Dias, um agregado da família de Bentinho, faz, em uma conversa com dona Glória, a respeito de Capitu:

[...] A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corressem de maneira que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida... (ASSIS, 1994, p. 9).

Nesse sentido, percebe-se que o Sr. José Dias reprovava o comportamento da menina Capitu por não vê-la com bons olhos, pois, por suas atitudes e seu modo de proceder, não se enquadrava nos moldes e preceitos da época.

A idade de Capitu não revelava sua maturidade. A jovem mostrava-se bem mais experiente em seus comportamentos que sua fase juvenil. Embora situada nesta idade, já dispunha de predicados de uma mulher madura, com que vestia da armadura da dominação por meio da habilidade, dominava sutilezas e não agia bruscamente, mas contornando habilmente as suas ideias e anseios, o que se pode observar na fala de Bentinho sobre ela:

Como vê, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos (ASSIS, 1994, p.19).

Capitu, na flor da juventude, já dominava artimanhas e socapas, utilizava sua destreza para promover o convencimento, agindo com a maestria de uma pessoa adulta que consegue dominar e impor seu pensamento. Em uma conversa de Dona Glória com o agregado José Dias, este a influencia a mandar logo o filho Bentinho para o seminário. Capitu, ao saber da conversa, aconselha Bentinho a tomar alguma atitude, e lhe orienta como agir diante da interferência do agregado, da seguinte forma:

Não importa, continuou Capitu; dirá agora outra coisa. Ele gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser dono da casa, mostre que quer e que pode. Dê-lhe bem a entender que não é favor. Faça-lhe também elogios; ele gosta muito de ser elogiado. D. Glória presta-lhe atenção; mas o principal não é isso; é que ele, tendo de servir a você, falará com muito mais calor que outra pessoa (ASSIS, 1994, p. 19).

Observa-se que Capitu, embora mais nova que Bentinho, dominava a maioria das conversas onde o garoto não tinha o pulso firme nem o controle das ações. Nos diálogos entre os jovens, a moça age com esmero na opinião e consegue se impor, através de uma eloquência efusiva e dominante, e mostrar-se mais forte. Sendo assim, ela impõe com grande destreza e habilidade uma superioridade frente a Bentinho. A jovem toma posse da relação, age com maturidade e, manipula e manobra o garoto a seu bel prazer.

Capitu foi moldada, talhada e delineada pela mente brilhante, auspiciosa e profícua do brilhante gênio da literatura. Machado a esculpe e a “constrói”, envolta ao pragmatismo. Sem disfarçar seus defeitos, ele a desnuda do véu do conservadorismo presente nos moldes da sociedade, sem mitificar seu comportamento.

Machado de Assis apresenta D. Maria da Glória Fernandes Santiago (D. Glória) como uma mulher conservadora, totalmente ligada aos costumes, convenções sociais e à Igreja. Ela representava a figura feminina idealizada pela sociedade da época, sendo um exemplo

de esposa e mãe, conhecida e muito respeitada na sociedade. Uma mulher muito bonita e formosa. Apesar de querer parecer mais velha e menos bonita, “era ainda bonita e moça, mas teimava em esconder os saldos da juventude”. Por isso se resguardava, não deixando sua beleza florescer. Assim ela foi descrita:

Vivia metida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um xale preto, dobrado em triângulo e abrochado ao peito por um camafeu. Os cabelos, em bandós, eram apanhados sobre a nuca por um velho pente de tartaruga; alguma vez trazia a touca branca de folhos. Lidava assim, com os seus sapatos de cordovão rasos e surdos, a um lado e outro, vendo e guiando os serviços todos da casa inteira, desde manhã até à noite (ASSIS, 1994, p. 7).

De comportamentos ilibados, ficou viúva muito jovem. “Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um anos de idade’ Muito religiosa, depois de perder um filho prometera que se tivesse outro e este fosse varão ‘metê-lo-ia na igreja’. Não contou nada ao marido, nem antes, nem depois do filho nascer, talvez esperasse uma mulher. Era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando à promessa a parentes e familiares”.

Sob uma visão meio avessa, mas não tão contrastante, nos deparamos com D. Fortunata, a mãe de Capitu, uma mulher centrada, autêntica, firme em suas decisões. Era casada com Sr. Pádua, um homem fraco psicologicamente, sem ação e sem atitude. Dependente, ele tinha na mulher a segurança e a firmeza que lhe faltavam, pois esta era a esposa, mas exercia a representação do “homem da casa” ante às dificuldades e aos problemas. A família Pádua não tinha posses, muito menos tradição familiar. No entanto, D. Fortunata sabia tomar as decisões com sensatez e segurança, o que é corroborado pela afirmação a seguir: “[...] a mulher é que lhe disse que o melhor era comprar a casa, e guardar o que sobrasse para acudir às moléstias grandes” (ASSIS, 1955, p. 15).

Percebe-se que D. Fortunata traz a representatividade da mulher ajuizada, centrada, que age com cautela e sobriedade, sabendo discernir o que é melhor para sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis navega em suas obras pelas fases do romantismo e do realismo, representando a realidade de uma sociedade que caracterizava as formas de viver e os comportamentos das pessoas.

Na fase do romantismo, onde imperava a figura masculina, a mulher ficava sempre à margem de uma sociedade ditadora, de costumes sociais e preceitos religiosos, restringindo a mulher somente ao papel de mera participante na família, como mãe, mulher e dona de casa, motivos pelos quais eram educadas desde cedo.

Na fase realista, percebe uma pequena evolução, pois a mulher surge com anseio de mudança, embora algumas ainda com certa ligação à fase romântica. A submissão latente no romantismo imposto à mulher dá lugar à coragem e à liberdade e á busca por emancipação, onde se nota a evolução da figura feminina diante dos desejos reprimidos.

Na primeira fase do romantismo, a personagem analisada, Helena, possui todas as características de uma boa moça, mulher prendada, inteligente, submissa, contudo, trazia traços do realismo, através da ousadia e da habilidade e, de certa forma, pelo interesse, uma vez que buscava ascensão social através de beneficiamento de um testamento recebido de um homem que ela sabia que não era seu pai legítimo.

Virgília, personagem da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, obra que introduziu o realismo no Brasil, traz um caráter um tanto reprovável, quando esta pouosa de boa moça para manter o seu prestígio social. Ela apresenta vida dupla, entre o matrimônio bem-sucedido e o adultério cometido às escondidas com seu amante.

A personagem Eugênia traz o perfil da mulher conformada, que não reage às imposições da sociedade diante da idealização da mulher esteticamente perfeita e da inclusão através da ascensão social.

Capitu, Dona Glória e Dona Fortunata, em *Dom Casmurro*, contrapõem-se em seus perfis. A primeira traz a audácia, a ousadia e a firmeza diante da realização dos seus desejos. Traz a representatividade da mulher à frente de seu tempo, que sabe muito bem o quer, não permitindo interferências na realização dos seus ideais. Dona Glória, a mulher perfeita aos moldes da sociedade, é de uma conduta moral e religiosa impecável, e traz consigo a perfeição de mãe, mulher e esposa. Dona Fortunata traz a modernidade da mulher que sabe conduzir muito bem as circunstâncias da vida. Possui a postura de uma mulher firme, responsável e decidida.

Percebe-se, portanto, que a evolução da mulher nas obras machadianas se deu de forma gradativa. As características marcantes e notórias das figuras femininas são marcas relevantes que identificam cada fase. Apesar da rigidez imposta pela sociedade patriarcalista, onde a figura masculina imperava, as mulheres souberam muito bem como se comportar, enfrentando as diversidades da época, saindo da vida extremamente submissa e se tornando mulheres destemidas e determinadas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1957 425p. (Obras completas de Machado de Assis)

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. (*Obra Completa*) .Rio de Janeiro, 1994. 140p. Texto Fonte. Editora Nova Aguilar,

ASSIS, Machado de. “**Helena**”. Rio de Janeiro: Biblioteca universal, 1876. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/livro-helena/>> Acesso em: abril/maio de 2019

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro, Editora Garnier, 1994 128p. (Obras completas de Machado de Assis)

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955. 446p. (Obras Completas de Machado de Assis).

MARINHO, Fernando. “Machado de Assis “; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/biografia-machado-assis.htm>>. Acesso em 30 de abril de 2019.

Darandina Revisteletrônica – **As mulheres nos contos de Machado de Assis**. Disponível em: http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/as_mulheres_no_conto.pdf Acesso em 30 de abril de 2019.

RIBEIRO, Paulo Silvino. “**O papel da mulher na sociedade**”; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>>. Acesso em 01 de maio de 2019

Resumo Escolar. Disponível em:<https://www.resumoescolar.com.br/literatura/machado-de-assis-fase-romantica-e-realista-memorias-postumas-de-bras-cubas-quincas-borba-dom-casmurro-esau-e-jaco-e-memorial-de-aires/>. Acesso em 05 de maio de 2019.

Sua Pesquisa.com. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/machadodeassis>. Acesso em 30 de abril de 2019.

UNIDADE V

CULTURA LITERÁRIA DAS OLIGARQUIAS NORDESTINAS DO SÉCULO XX NA OBRA “A INVENÇÃO DO NORDESTE E OUTRAS ARTES” DE DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

*Carmem Sueze Silva Miranda*¹³

*Maria do Carmo Cardoso Costa*¹⁴

INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro é lugar de paixões, por despertar em seu povo, como em poucas outras regiões brasileiras, sentimentos intensos de orgulho e apego às suas culturas e histórias identitárias, conservadas e transmitidas de geração a geração.

Paradoxalmente, tal paixão tem sido contraposta por preconceito daqueles alheios à cultura nordestina. Inicialmente, a ocorrência da rejeição (inclusive linguística) se dava de forma mais velada, como na

13 Aluna do Curso de Extensão do Centro de Educação Aberta e à Distância da Universidade Federal do Piauí.

14 Professora orientadora do Trabalho de conclusão do Curso de Extensão: Leitura e Produção de Gênero Acadêmico, EAD – CEAD - Universidade Federal do Piauí-UFPI.

imitação “ridicularizante” do sotaque nordestino (ou das variações da língua) por sudestinos e sulistas, porém, na contemporaneidade das redes sociais, o preconceito tem se mostrado mais perverso, ao incitar discursos e práticas de violência moral e psicológica contra nordestinos.

A região Nordeste é lugar também de complexidade, sendo tal fato associado ao entrelaçamento de sua existência à própria história brasileira, quando esteve no centro de ciclos econômicos de pujança no período colonial, mas não apenas por isso. Ademais, de uma geografia igualmente diversa, como bem retrata Euclides da Cunha, em “Os Sertões” (CUNHA, 2015), a região é seca e quente. Gilberto Freyre, em seu clássico da análise sociológica brasileira “Casa Grande & Senzala” (FREYRE, 2006), aborda a zona da mata úmida e florestada nordestina.

Culturalmente, a diversidade também é a tônica, e não poderia ser diferente, considerando a afluência de povos distintos (europeu português e holandês, índio sul-americano e negro africano), que respondem pela típica miscigenação racial da região. Nesta confluência, costumes e hábitos foram introduzidos, mesclados e redimensionados, determinando o rico folclore (música, dança e poesia), a saborosa culinária e a atitude alegre nos rostos de sua gente simples.

Como a classe dominante oligárquica nordestina atuou na tessitura desta colcha de retalho social, cultural, histórica e econômica? Albuquerque Júnior (2011), em sua pesquisa científica de doutoramento convertido no livro “A Invenção do Nordeste e Outras Artes” (inclusive traduzido para o inglês), de grande aceitação de público e crítica, sem dúvida, se dispõe a responder questões como esta.

De forma eloquente e aprofundada, Albuquerque Júnior (2011) dividiu seu livro em três capítulos densos e impactantes: **Capítulo 1:** *Geografia em ruínas*, onde o autor aborda temas como “O olhar regionalista, O novo regionalismo, A literatura regionalista e o Norte versus Sul”; **Capítulo 2:** *Espaços da saudade*, onde os temas são: “Enredos de tradição, A invenção do Nordeste, Páginas de Nordeste, Pinceladas de

Nordeste, A música do Nordeste e Cenas de Nordeste”; e **Capítulo 3: Territórios da revolta**, sendo tratados os temas “*A Inversão do Nordeste, Os argumentos da indignação, Quadros de miséria e dor, Imagens que cortam e perfuram e Novos planos do olhar*”.

Esta abordagem inovadora de Albuquerque Júnior (2011) justifica o debruçar do presente estudo de pesquisa bibliográfica nesta temática apaixonante e determinante para aqueles que moram e atuam profissionalmente na região, particularmente professores da educação básica.

Por conseguinte, o presente texto objetivou analisar como a cultura literária, gestada no Nordeste rural, contribuiu para uma forma de ver e dizer o Nordeste regional, motivada pela necessidade de cristalizar o poder oligárquico patriarcal (em decadência) no início do século XX, estigmatizando-o como reduto da “miséria”.

O texto está estruturado como segue: **Introdução** - apresentação de contextos que levaram à escolha do tema, justificativa e importância do trabalho, metodologia e objetivo geral; **História Socioeconômica do Nordeste** - traçado dos principais fatos; **A Cultura Literária e o Modelo de Dominação-Estigmatização da Região pela Oligarquia Nordestina** - narração de cenários das camadas sociais mais populares, mas romantizados por intelectuais da oligarquia decadente ante a modernização; **Considerações finais** - letramento e cultura literária autoral de todos os protagonistas da História; e **Referências bibliográficas**.

HISTÓRIA SÓCIO-ECONÔMICA DO NORDESTE

Para compreender, com um olhar aprofundado, a contribuição de intelectuais da oligarquia nordestina na produção literária (regionalismo), no advento da modernização do Brasil e calcada no patriarcalismo, faz-se necessário traçar algumas análises na linha do tempo da História do Nordeste.

Por ocasião do início do processo de colonização, a partir de 1534, o Brasil foi dividido em Capitanias Hereditárias. Juntamente com a de São Vicente (São Paulo), Pernambuco (Nova Lusitânia) foi uma das mais promissoras capitanias, graças à produção de açúcar baseada nas grandes extensões de terra e no trabalho, aliado ao porto mais próximo da Europa. Pernambuco assume ainda mais protagonismo na história brasileira e economia açucareira quando dos 24 anos de ocupação holandesa no século XVII, mediante capitulação portuguesa (História do Nordeste, 2013).

Os holandeses, no período de sua dominação (1630 – 1654), foram os responsáveis pela construção da primeira cidade na América lusitana, Recife, visto que ruas pavimentadas e pontes foram traçadas regularmente, permitindo a liberdade de circulação, o que viria a ocorrer em outras partes do país apenas com a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, no fim do século XVIII (Mello, 2010). Este núcleo urbano recebeu o nome de Mauriceia e ainda se encontra relativamente preservado como na edificação do Paço Alfândega.

Como resultado desta pujança econômica, Pernambuco ocupa significativo poder no cenário nacional e, por conseguinte, sua elite socioeconômica vive de acordo com o padrão europeu social (vestimentas das damas e dos cavalheiros em ambiente tropical quente e úmido) e cultural (o idioma francês era a língua oficial dos encontros sociais da sociedade oligárquica local) (TOSCANO, 2014). Quanto à intelectualidade, Pernambuco igualmente tem posição de destaque, tendo Recife sido agraciada com educação superior em 1827, através da autorização de funcionamento do Curso de Direito por D. Pedro I.

Entretanto, os ocupantes da senzala, ou seja, os povos trazidos da África e escravizados para gerar lucros à metrópole com a produção açucareira, são relegados à tragédia humana que a escravidão engloba, não cabendo sequer o acesso a uma formação educacional básica, o que resultará numa volumosa massa humana analfabeta, cuja capacidade de engendrar a libertação ficou nas mãos de outrem.

Em paralelo à produção de açúcar na costa nordestina de Pernambuco e Bahia, houve ainda a expansão econômica pela criação de gado nas paisagens semiáridas do Nordeste, incluindo aí o Piauí, cujo povoamento se deu do interior para a costa (MELLO, 2017).

Nos séculos XVII, XVIII e XIX, as relações sociais no Nordeste foram um reflexo nítido das construções das relações de trabalho da Idade Clássica (escravidão em Roma) e da Idade Média (imobilidade social patrocinada pelos proprietários de terra), seja na sociedade litorânea do açúcar (donos de engenhos e escravos), seja na sociedade sertaneja do couro (proprietários de terra e vaqueiros).

Em decorrência dessa longa história de hierarquização (racial) e abismo social entre a classe dominante e aquela dominada, revoltas eclodiram e marcaram a região, como a Guerra de Canudos (entre 1896 e 1897), brilhantemente retratada por Cunha (2015), e o cangaço, liderado por Lampião e detalhado por Mello (2011) na obra “Guerreiros do Sol”.

Para Albuquerque Júnior (2011), com o declínio da produção açucareira e a pré-industrialização, entre o fim do século XIX e o início do século XX, o poder econômico, particularmente de Pernambuco (e parte da população das camadas mais humildes do Nordeste), migra para o Sudeste, notadamente para São Paulo, o novo centro da pujança econômica, sob regras trabalhistas influenciadas pelo pós-abolição da escravidão e pela nova onda imigratória europeia (italianos). Entretanto, à oligarquia nordestina coube defender seus interesses e buscar a manutenção do poder econômico anteriormente adquirido.

A CULTURA LITERÁRIA E O MODELO DE DOMINAÇÃO-ESTIGMATIZAÇÃO DA REGIÃO PELA OLIGARQUIA NORDESTINA

As manifestações artísticas que permeiam a cultura do Nordeste são múltiplas e ricas esteticamente, o que tem garantido sua própria

existência, sua produção contínua e sua disseminação nacional e internacionalmente.

A década de 30, pós-Semana de Arte Moderna (1922), marcou o rompimento com a produção literária europeia para instituir uma literatura autóctone (regionalista).

O chamado “romance de trinta” “emerge preocupado em conhecer e definir os vários tipos humanos e as características sociais que compunham a nação. Ele cruzará o ponto de vista psicológico com o sociológico” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 126).

Alguns autores nordestinos, como José Lins do Rego (*O Moleque Ricardo*), José Américo de Almeida (*A bagaceira*) e Rachel de Queiroz (*O Quinze*), construíram uma perspectiva de dizer e ver o Nordeste como um lugar de tradição e de saudade.

José Lins do Rego fala:

[...] da casa grande como um mundo onde as vozes, embora hierarquicamente dispostas, são pouco diferenciadas [...] É a busca de transformar a linguagem em ponto de partida para o relançamento de uma realidade que escapava, que se tornava estranha, abolindo a distância entre coisa e significado, restabelecendo os antigos significados vistos como “naturais” e “essenciais” [...] O que mais temem na modernidade é o dilaceramento, o conflito em torno do próprio espaço tido, até então, como referente natural e eterno (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 131).

Estes romances associaram o Nordeste ao ambiente rural, retratado como lugar de inocência “sacrossanta”, em oposição ao mundo “civilizado” e dilacerante do patriarcalismo. Este Nordeste rural, tomado integralmente como o Nordeste regional, entretanto, abriga fissuras profundas numa suposta amabilidade entre classes sociais:

[...] espaço sob o mando de famílias que eram donas de tudo e de todos. Famílias extensas que se espalhavam em muitos concubinatos e filhos bastardos... Nordeste dos avôs patriarcais, generosos, brandos, de muita força e poder, de pouquíssima leitura, participando dos conchavos políticos do Império e início da República, que não ambicionavam o luxo. Senhores que desciam de sua arrogância para o contato com os pobres de sua bagaceira. O bom rico “botava na cama as negrinhas que lhe lavavam os pés”. Um mundo nobre sendo destruído e hostilizado por forças maquiavélicas de fora de suas fronteiras (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 133).

O Nordeste rural, tomado como referente regional, também encontra repercussão na filologia, através da obra *A Língua do Nordeste* (MARROQUIM, 1996), escrita com bases em estudos concentrados na região açucareira de Pernambuco e Alagoas.

A filologia de Marroquim, segundo Freyre, servia para conhecer mais de perto o homem do Nordeste e as marcas que a história desse homem deixou nas palavras. A língua é tomada como um campo nos quais indícios de regionalidade haviam se incrustado e deveriam ser revelados. Para falar do Nordeste, para dizê-lo, era preciso uma língua própria. Devido à extensão territorial do país e ao contato com diferentes grupos étnicos e linguísticos, a língua portuguesa teria se segmentado em línguas regionais, em torno dos diferentes núcleos de povoamento e colonização, dos quais o Nordeste teria sido o original (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 135).

Esta literatura alavancada por conhecimentos de sociologia do universo da casa grande e da senzala, como aqueles postulados por teóricos do quilate de Gilberto Freyre, apesar de partir do espaço Nordeste já existente, passa a dizê-lo sob uma perspectiva que exclui, inclusive, o protagonismo urbano-industrial de cidades como Recife e Salvador nos períodos colonial e imperial, para se contrapor à modernização então em curso no Sudeste do Brasil.

Neste viés, os autores do “romance de trinta”:

...tentam se aproximar do “povo”, adotando temas e formas de expressão de origem popular como forma de denunciar as condições sociais em que vivia. Sendo em sua maioria descendentes de famílias tradicionais e decadentes, vivendo em processo de marginalização, estes intelectuais de classe média não estão mais comprometidos diretamente com os grupos dominantes. Identificando-se com o sofrimento do povo, muitos terão a pretensão de serem seus porta-vozes numa nítida postura populista, oscilando entre a denúncia das condições de vida dos setores populares e o elogio da dominação paternalista (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.127).

Por conseguinte, com o determinismo da segregação social, resultado da escravidão e da dominação portuguesa a serviço da metrópole na história brasileira, a produção literária e outras expressões artísticas (pintura, teatro e música) ficaram nas mãos das classes sociais que tiveram acesso à educação nos moldes europeus, tanto em Portugal (em Coimbra) ou França, como no Brasil (Recife inclusa). Como tal, há poucos registros literários em que a vida do povo é retratada por quem a viveu, sendo muitas vezes fruto da observação e da imaginação.

Uma exceção ao pronunciamento literário praticamente exclusivo da elite do século XIX (ou pelo menos de fora da senzala) é a narrativa da escravidão em primeira pessoa do singular do escravo Mahommah Gardo Baquaqua, que, após ser trazido da África Ocidental (atual Benin) para Pernambuco, escapou para os Estados Unidos, tendo vivido no Haiti, Canadá e Inglaterra. Baquaqua teve sua biografia publicada nos Estados Unidos em 1854. A tradução para o português foi publicada em 2017 (BAQUAQUA, 2017).

Albuquerque Júnior (2011) se dedica ainda, em seu livro, à análise de outras artes (pintura, música e teatro) agenciadas pela elite nordestina para inventar um Nordeste estático, na janela espaço-temporal do domínio rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem questionar o significativo valor e a qualidade de obras de autores nordestinos como José Lins do Rego e Raquel de Queiroz para o regionalismo almejado, por ocasião do rompimento com os padrões europeus de produção literária, no pós-Semana de Arte Moderna, a perspectiva do Nordeste rural destas obras contribuiu para a “invenção” da região como sinônimo de atraso, no momento da modernização promovida pelo então ideal burguês, apesar de sua história de protagonismo no Brasil urbano-industrial dos períodos colonial e imperial. Toscano (2014) relata o “espanto” dos modernistas com a beleza urbanística, ainda inimaginada, da cidade de Recife, em uma visita no início do século XX.

Para Albuquerque Júnior (2011), a “marginalização” social experimentada pelos filhos da oligarquia rural nordestina durante a ascensão da sociedade burguesa no Sudeste foi a chama por trás do florescer do “romance de trinta”, tomado como retrato do Nordeste, de autoria de intelectuais provenientes das classes abastardas, proprietárias de engenhos na zona da mata e de fazendas de gado no Sertão.

A partir desta discussão, depreende-se que a verdadeira autonomia de um povo, a exemplo da complexa e rica sociedade nordestina, passa pela valorização e reconhecimento da participação histórica e cultural dos grupos sociais constituintes, sendo, para tanto, fundamental a garantia universal do letramento dos cidadãos e a construção da cultura literária autoral e identitária por todos os protagonistas da história de uma região.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BAQUAQUA, M. G. **A biografia de Mohammah Garbo Baquaqua**. São Paulo: Editora Uirapuru, 2017.

CUNHA, E. da. **Os Sertões**. 14^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 51^a ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

HISTÓRIA do Nordeste. Bahia.ws – Guia de Turismo e Viagem do Nordeste, Bahia e Salvador, 2013. Disponível em: <<https://www.bahia.ws/historia-do-nordeste/>>. Acesso em 02 de Maio de 2019.

MARROQUIM, M. **A Língua do Nordeste: Pernambuco e Alagoas**. Curitiba: H D Livros, 1996.

MELLO, E. C. de. **O Brasil Holandês**. São Paulo: Peguin Classics, 2010.

MELLO, F. de P. **Guerra em Guararapes e outros estudos**. São Paulo: Escrituras editora, 2017.

MELLO, F. de P. **Guerreiros do Sol**. 5^a ed. São Paulo: A Girafa editora, 2011.

TOSCANO. F. de O. **À Francesa: a Belle Époque do comer e do beber no Recife**. Recife: CEPE Editora, 2014.

UNIDADE VI

O AVANÇO DA INTERNET E SUA INFLUÊNCIA NA ESCRITA: LINGUAGEM VIRTUAL *VERSUS* ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

*Maria Luslva Bento de Assis*¹⁵

*Cristina Gomes de Brito*¹⁶

INTRODUÇÃO

Atualmente vive-se a chamada era da informatização ou era digital. Devido à globalização desenfreada e aos avanços tecnológicos, percebe-se transformações no meio social. Surgiu um novo meio de comunicação instrumentalizado pela informática intermediada pela internet, esse novo modelo de linguagem foi denominado de internetês. Pensando nisso, resolveu-se pesquisar o avanço da internet e sua influência na escrita: linguagem virtual x escrita no Ensino Fundamental II, buscando conhecer como essa linguagem utilizada no ciberespaço influencia os processos de escrita no ambiente escolar.

15 Maria Luslva Bento de Assis- graduanda em Letras/Português- UFPI, curso de extensão em gêneros acadêmicos- UFPI.

16 Cristina Gomes de Brito - professora orientadora - é graduada em Letras Português, especialista e mestra em Estudos Literários

Pretende-se, com esta pesquisa, compreender a influência do internetês na linguagem e escrita dos alunos do Ensino Fundamental II, bem como os aspectos que ela causa na vida estudantil, ampliar o conhecimento a respeito da expansão da internet e da escrita para a compreensão da nova linguagem no ambiente escolar, além de demonstrar as expressões mais frequentes utilizadas na nova linguagem presente no cotidiano. Essa linguagem surgiu com a finalidade de estimular o processo de escrita no ciberespaço de forma bem mais ágil.

A escolha do tema justifica-se por acreditarmos que a evolução tecnológica também modificou o ambiente escolar. As crianças já nascem imersas no mundo digital, de modo que podemos chamá-las de nativos digitais. Utilizam a internet em diversas situações cotidianas desde cedo, por isso é fundamental conhecer a influência da internet no cotidiano escolar dos educandos, principalmente no que diz respeito à escrita, já que não podemos levar a linguagem informal e digital para os processos da escrita, ou seja, não escrevemos do mesmo modo que falamos.

A metodologia aplicada está caracterizada como sendo de cunho bibliográfico, qualitativo, fundamentada em autores que abordam a temática em estudos de forma simples e objetiva, tais como Cagliari (1993), Freitas (2006), Tajra (2002), dentre outros.

A EXPANSÃO DA ESCRITA

Comunicar-se é uma das primeiras necessidades do ser humano. A leitura e a escrita são processos distintos fundamentais para a plena formação do indivíduo. Através destas, o homem comunica e interage no seu meio social. A escrita inicia-se na Suméria a cerca de 4.000 a.C, onde hoje se localiza o Irã e o Iraque, numa região chamada Mesopotâmia. Os homens traçavam pinturas rupestres, cuja forma de escrita era denominada de escrita pictográfica. Mais adiante, as técnicas foram aperfeiçoadas e surgiram assim outras fontes, como madeira, metal, pedras de monumentos e peles de animais, que

foram usadas até a descoberta do papiro, com o desenvolvimento da tecnologia.

A humanidade teve um grande avanço após o surgimento da escrita. De acordo com Cagliari (1993, p.10), “a invenção da escrita foi o momento mais importante da humanidade, pois somente através dos registros, o saber acumulado pôde ser controlado pelos indivíduos”. Ainda segundo esse autor, a história da escrita vista em sua totalidade, sem seguir certa teoria de evolução ao longo do tempo, caracteriza-se em três fases distintas: a pictórica a ideográfica e a alfabética.

O processo de escrita é uma atividade cultural em que o ser humano se encontra tão envolvido que é praticamente impossível imaginar como é possível um indivíduo viver sem ler e escrever. Através desse processo, é possível registrar e recordar experiências, ideias, acontecimentos e representações culturais, artísticas, religiosas, sociopolíticas de determinados povos. “A sociedade humana primeiramente se formou com a ajuda do discurso oral. Só mais tarde tornou-se letrada, mas não em sua totalidade” (FREITAS, 2006, p.11 apud PENIDO).

A escrita nos permite manifestar emoções, sentimentos, fantasias, construindo, desse modo, diversas interpretações da realidade humana nos seus aspectos distintos. Para Freitas (2006), a escrita é considerada uma tecnologia, assim como a informática; porém, considera que:

A tecnologia da escrita se interpõe ao obstáculo do tempo e elimina a redundância. Com a escrita à mão, mais lenta que o discurso oral, a mente é forçada a seguir um padrão mais vagaroso, alterando e reorganizando o dito. É sempre possível reler o que foi escrito, voltar voluntariamente a todos os elementos que estão incluídos no texto (FREITAS, 2006, p. 12 apud PENIDO).

A escrita é considerada umas das primeiras e mais antigas tecnologias que foi criada e desenvolvida pelo indivíduo com o intuito de conhecer-se e comunicar-se. Por essa razão, é imprescindível compreender o processo histórico da escrita, sua evolução e trajetos de sentido como sendo uma tecnologia, assim como a utilização de ferramentas e suportes distintos para sua utilização, compreendendo assim os diferentes tipos de relações sociais ligadas a essa tecnologia e as maneiras de chegar ao conhecimento. Desse modo, a invenção e evolução das tecnologias provocam mudanças socioculturais.

Contexto histórico da Internet

A humanidade pode ser dividida em três eras: agrícola, industrial e digital. Nos dias atuais, vivemos na chamada “sociedade da informação”, cuja economia e cultura dependem das tecnologias de informação e comunicação. Através do avanço tecnológico, os processos de comunicação foram facilitados por meio de diversas ferramentas ligadas à internet, possuindo uma infinidade de usuários que cresce diariamente.

Segundo Tanenbaum:

A internet não é de modo algum uma rede, mas sim um vasto conjunto de redes diferentes que utilizam certos protocolos comuns e fornecem determinados serviços comuns. É um sistema incomum no sentido de não ter sido planejado nem ser controlado por ninguém. (TANENBAUM, 2011. p.33. Apud PENIDO).

A internet surgiu nos anos 1950 ao longo da Guerra Fria, nos Estados Unidos. Foi criada com o propósito de facilitar e melhorar a comunicação nos centros militares. Ainda na década de 1950, foi desenvolvida pelos norte-americanos a Advanced Research Projects Agency (ARPA), uma rede de transmissão de dados, que embora fossem destruídos quaisquer pontos de comunicação, essa rede não seria destruída. A princípio a internet foi utilizada apenas pelos

militares, já nos anos 1970, foi utilizada para fins acadêmicos, nas universidades.

No ano de 1983, a internet ficou conhecida por esse nome e se expandiu. Para Rodrigues (2008), “a internet é considerada o principal meio para que haja as comunicações entre os computadores de todo o mundo”. Por essa razão, nos anos 1990 a internet era utilizada com a função de comunicação, trocas de arquivos e informações. Ainda nessa época foi comercializada para diversas empresas e teve seu auge, se tornando uma verdadeira “febre” de computadores conectados.

No Brasil, a internet chegou em 1992, conforme Tajra:

No Brasil, a Internet só foi chegar em 1992, por intermédio da RNP – Rede Nacional de Pesquisa – interligando as principais universidades e centros de pesquisa do país, além de algumas organizações não governamentais e só em 1995, foi liberado o uso comercial da Internet no Brasil (TAJRA, 2002. p.18 apud PENIDO).

Atualmente, podemos contar com o serviço de internet nos diversos setores, conectado ao computador e outros aparelhos, basta apenas pagar os serviços de um provedor de acesso ou através de conexão direta. Utiliza-se a internet para todas as finalidades, seja para comunicar, pesquisar, informar, educar, entreter-se, enfim, para tudo, devido às facilidades de horários e tempo. A internet tem a capacidade de influenciar os indivíduos nos diferentes meios sociais, inclusive na área educacional.

Linguagens virtuais: internetês

Com o avanço da internet e o número crescente de seus usuários, surgiu uma nova forma de comunicação utilizada no meio virtual, uma linguagem escrita informal e simplificada, cuja finalidade é oferecer rapidez e dinamismo às conversas. É, por isso, uma linguagem abreviada que ignora totalmente as regras ortográficas da norma padrão, bem como abusa dos emoticons, ou seja, caracteres utilizados

para substituir palavras nas conversas, além da redução de vogais e consoantes, conforme figuras 01 e 02

Figura 01

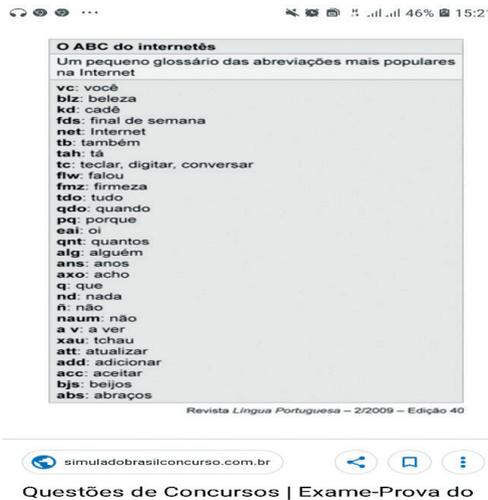


Figura 02



Segundo o site Wikipédia (2015), o internetês é um neologismo (de: internet + sufixo –ês) que designa a linguagem no ciberespaço em que “as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo cinco letras”, onde há “um desmoronamento da pontuação e da acentuação”, pelo uso da fonética em detrimento da epistemologia, com uso restrito de caracteres e desrespeito às regras gramaticais.

É, portanto, uma linguagem diferente da que estamos acostumados a usar, totalmente diferente da norma padrão da língua portuguesa, que se constrói nos ambientes virtuais e, na maioria das vezes, somente os usuários conseguem compreender, pois se apresenta codificada de forma particular, criando assim variações linguísticas que, embora eliminem todas as regras gramaticais, não prejudicam a interação entre os usuários, o que vem causando uma discussão entre os estudiosos sobre sua influência positiva ou negativa no âmbito escolar.

Para Fruet et al (2008),

O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal qual como a língua é falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual (FRUET et al.. 2008, p.103).

Essas economias linguísticas são justamente as abreviações de palavras sem afetar o sentido e compreensão da comunicação virtual. Por essa razão, tornou-se uma linguagem atraente, simples e de fácil utilização. Para Marconato (2008), o internetês é considerado grafo linguista que fez sucesso principalmente entre os adolescentes que fazem uso frequente e muitas vezes desordenado das tecnologias ligadas à internet. A autora acima citada aponta que alguns estudiosos veem aspectos positivos em relação à abreviatura e/ou simplificação do idioma no internetês.

O estudioso Eduardo Martins (2008), porém, discorda do posicionamento anterior. Para ele, a aprendizagem da escrita formal depende da memória visual, ou seja, algumas pessoas escrevem uma palavra quando querem lembrar a sua grafia, e quando somos bombardeados por diferentes formas de escrita, os indivíduos em formação tenderão a dúvidas. É sabido que a simplificação de termos é o diferencial no ciberespaço, por essa razão pode ocasionar dificuldades de aprendizagem na escrita da língua portuguesa.

Conforme Tarja (2002), “a internet proporciona o surgimento de uma série de signos para facilitar e agilizar o processo de comunicação”. Nesse sentido, convém citar uma lista de expressões que esse autor sugere:

- *“Alguém quer tc? (alguém quer teclar?)*
- *De onde você tc? (de onde você tecla?)*
- *Kdvc? (cadê você?)*
- *E pelo jeito ker continuar assim... (e pelo jeito quer continuar assim...)*
- *Muito kietinho para meu gosto. (quietinho)*
- *...deixa um beijo meu pra ele, ok?...brigadim! (obrigado)*
- *Tbemsou de Ubatuba. (também)*
- *Caramba ke ki houve com esse povo hoje? Tá tudo mundo pirado?*
- *Boa tarde.....smackssssssssssssss (beijos)*
- *Eu naum.....eu tô feliz (eu não)*
- *Ki ki tá pegando... o pessoal tá stressado??? /rssssssss*
- *Eu como fikei na praia ate agora e tava uma dilicia... tode bom humor com akele cansaço gostosinho de praia.... akelamolezinha....*
- *Oi miga!!!!!!!!!!!!Tdblzinha? (oi amiga, tudo beleza?)”*

(TARJA, 2002 apud PENIDO).

Apesar das facilidades de uma linguagem virtual própria, inserida na internet, um “mundo sem leis e regras”, vale ressaltar que se acredita que essa linguagem escrita informal pode influenciar de forma negativa a escrita formal dos nossos alunos no ambiente escolar, uma vez que, embora aprendam a língua padrão na escola, pode ocorrer de os alunos fazerem usos frequentes de expressões virtuais nas produções textuais, muitas vezes de forma involuntária. Por isso, é imprescindível reforçar o ensino da língua padrão, conscientizando-os sobre a diferença e o uso de determinados tipos de linguagem, em diferentes ambientes.

Influências do Internetês na escrita dos alunos de Ensino Fundamental II

O avanço da internet no meio social é tão amplo que não conseguimos mais imaginar o mundo sem a internet. Ela tem transformado toda a sociedade, pois grande parte da comunicação acontece por meio das ferramentas tecnológicas, mudando assim os costumes, a própria linguagem, bem como as maneiras de ler e escrever. A expansão da internet chegou também no ambiente escolar. As novas tecnologias de informação e comunicação - TIC's - propõem facilitar o processo ensino-aprendizagem. Todavia devemos ter preocupação e cautela ao utilizarmos a internet para que ela não afete de forma negativa os processos de aprendizagem.

Conforme Gasperetti (2001), a Internet em si é um mundo em que se podem viver experiências virtuais, que são paralelas às reais, porém sempre têm ocasionado impactos emotivo, cultural e didático. Nesse sentido, o uso da internet na escola é cada vez mais frequente, tornando-se uma ferramenta educacional e pedagógica, visando facilitar os processos educativos, em razão da facilidade de informações em um menor espaço de tempo. Por outro lado, o uso de maneira desordenada pode causar vício de linguagem, ou seja, erros frequentes na escrita dos alunos, uma vez que na escrita formal não é permitido abreviar palavras para auxiliar a comunicação, fato este que

pode causar confusão na hora de transcrever para o papel aquilo que se pensa.

Os adolescentes são o público que mais faz uso das tecnologias associadas à internet, principalmente para a comunicação através das diversas redes sociais, e o uso indevido acaba influenciando a escrita. Por estarem na fase de amadurecimento de sua personalidade, cabe não só aos pais estabelecerem limites, como também a escola tem o papel de ensinar a linguagem culta, conscientizando-os da diferença entre linguagens: real e virtual, pois é sabido que a aprendizagem acontece em todos e quaisquer lugares e que todo tipo de informação nem sempre é um tipo de conhecimento. Desse modo, o professor deve ajudá-los a transformar informação em conhecimento. Para isso, as diversas mídias tecnológicas devem ser utilizadas para objetivos propostos na escola.

Para Marques (1986, p.10 apud PENIDO):

Embora variadas, as formas de utilização compartilham do mesmo objetivo: melhorar o ensino, o que pode ser traduzido por um maior rendimento escolar dos alunos, familiarizando-os ao mesmo tempo com uma nova tecnologia.

A escola não pode ignorar as tecnologias, deve utilizá-las em benefício da educação. Todas as formas de linguagem devem ser sempre estimuladas por intermédio de formas diversificadas, por isso é indispensável um trabalho de conscientização diário, estimulando os alunos a terem o cuidado de não trazer a linguagem da internet para as produções textuais propostas na escola, estando atentos aos tipos de linguagens, uma vez que a escola também prepara os alunos, tornando-os cidadãos críticos, conscientes, letrados e escritores eficientes. Vale ressaltar que os professores podem mostrar a linguagem da internet em sala de aula como sendo uma variação da língua portuguesa, conscientizando-os de que podem usá-la somente fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização transforma a sociedade, bem com as tecnologias de informação e comunicação aliadas à internet, que são vantajosas por um lado. Por outro, o uso desordenado torna-se um vício que prejudica não somente a área educacional. O ambiente escolar deve também incentivar e fazer uso das diversas ferramentas, porém de maneira que não interfira na escrita padrão, um processo que nos acompanha por toda a vida.

Diante do que foi analisado, compreende-se que o internetês, assim como alguns pesquisadores consideram, é uma variante da língua padrão, ou seja, é uma nova possibilidade de utilização da língua, porém não pode transcender a ciberespaço e chegar ao ambiente escolar substituindo a linguagem padrão, pois ocasionará problemas de aprendizagem no educando em plena formação no Ensino Fundamental.

O internetês, por não ter regras gramaticais, prejudica o processo ensino-aprendizagem dos alunos, refletindo diretamente na escrita, pois não se escreve conforme é falado, criando assim um bloqueio cognitivo. A ausência de regras de pontuação e ortografia e o uso abusivo de abreviações são fatores negativos na aprendizagem formal. O ambiente escolar, por sua vez, deve formar cidadãos conscientes, para os estudos posteriores, preparando-os para a universidade, vestibulares e concursos, devendo, para isso, ensiná-los a língua padrão.

Nesse sentido, o papel do professor é conscientizar seus alunos sobre o uso do internetês, para que saiba usar as diferentes linguagens em diferentes espaços. Preparar aulas expositivas sobre essa temática é fundamental para o processo de plena formação, seja pessoal e/ou profissional.

Encerrando com algumas considerações finais a respeito deste trabalho: a construção desta pesquisa proporcionou resultados positivos acerca dos objetivos propostos, que foram alcançados graças aos métodos utilizados. Através deles, foi possível compreender a

influência do internetês na escrita formal dos alunos no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto; **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Disponível em: http://fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/1042014212320LEILA_PENIDO.pdf. Acesso em maio de 2019.

FRUET, et al. Internetês: **ameaça ou evolução na lingua portuguesa?** In: Revista da ANPOLL. n1, São Paulo, Anpoll 26, p.1-286, 1995. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org.trabalhos>. Acesso em maio de 2019.

GASPERETTI, Marco. **Computador na educação: guia para o ensino com as novas tecnologias**. São Paulo: Editora Esfera, 2011.

MARCONATO, Silvia. **A revolução do internetês**.in: Revista Língua. Consultado em 12 de julho de 2008. Disponível em: <http://pt.m.wikipedia.org/wiki/internetês>. Acesso em maio de 2019.

MARQUES, Cristina P. C.; MATTOS, M. Isabel I.; TAILLE, Yves de la. **Computador e ensino**. São Paulo: Ática, 1986. Disponível em: http://fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/1042014212320LEILA_PENIDO.pdf. Acesso em maio de 2019.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Internet na educação: o professor na era digital**. São Paulo: Érica, 2002. Disponível em: http://fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/1042014212320LEILA_PENIDO.pdf. Acesso em maio de 2019.

TANEBAUM, Andrew S.; WETCHERALL, David. Tradução Daniel Vieira. Revisão Isaías Lima. **Redes de computadores**. 5ªed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011. Disponível em: http://fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/1042014212320LEILA_PENIDO.pdf. Acesso em maio de 2019.

UNIDADE VII

O SUICÍDIO EM EVIDÊNCIA NAS PERSONAGENS DA OBRA LITERÁRIA SUICIDAS DE RAPHAEL MONTES

*Joabe da Silva Souza*¹⁷

*Maria do Carmo Cardoso Costa*¹⁸

INTRODUÇÃO

O presente artigo versou sobre o tema do suicídio, indicando-o como algo intrigante. Nesse sentido, muitos questionamentos têm surgido ao longo da história em busca de respostas para entender as causas que levam o indivíduo a recorrer a tamanha violência contra si mesmo. Desde então, tem-se recorrido à ciência e a religião para poder entender as causas desse comportamento.

A opção pelo tema deu-se pela necessidade de refletir acerca do comportamento das personagens, as influências internas e externas

17 Aluno do Curso de Extensão: Leitura e Produção de Gêneros Acadêmicos, – EAD – CEAD – Letras Português da Universidade Federal do Piauí-UFPI.

18 Professora Orientadora do Projeto de Extensão

que os levaram a agir dando cabo à própria vida em comparação com a realidade em que a sociedade se encontra.

Na obra *Suicidas*, o autor Raphael Montes de Carvalho traz o enredo sobre a história de nove jovens. São eles: Alessandro, Zak, Daniel, Otto, Waléria, Noel, Ritinha Lucas e Maria João. Na narrativa, todos são de famílias distintas, que, por razões particulares, resolvem cometer suicídio em um jogo denominado de *roleta russa*.

O presente trabalho teve como objetivo geral compreender como o suicídio tem sido discutido na sociedade, uma vez que os números apresentados pela Organização Mundial de Saúde relatam um aumento da prática suicida e, de forma mais específica, mostrar que a literatura pode auxiliar denunciando a omissão do governo, sociedade, família ou pelo fato de o assunto ainda ser considerado um *tabu*, de forma que todos possam se envolver em busca de uma solução.

A relevância deste estudo dar-se-á por tratar-se de um assunto pertinente, gravíssimo, que reflete diretamente no sujeito e terá base nas ideias de autores do campo da educação que abordaram sobre a temática, dentre eles, Émile Durkheim (2000) e Parreira (1988), que foram utilizados na fundamentação teórica deste artigo.

A abordagem metodológica foi desenvolvida através de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, com base no levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos sobre o assunto, que permitiram ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto, levando em consideração a interdisciplinaridade, o diálogo entre áreas distintas, que proporcionaram uma visão ampla sobre o tema. Os argumentos científicos, além de revelar que se trata de um problema histórico e de proporções mundiais, nos levam a enxergar o leque de elementos que podem servir de gatilhos para o ato suicida.

Com o intuito de responder a esses questionamentos, este trabalho foi estruturado da tal forma que nos revela uma abordagem a respeito dos conceitos científicos sobre suicídio; uma análise sobre

as personagens do livro *Suicidas*, no que diz respeito às razões, ao contexto, como também às circunstâncias que fizeram as personagens tomarem essa decisão e, por fim, os autores retomam as questões aqui levantadas com base nos objetivos e nas hipóteses levantadas para tecer as considerações finais.

TRATANDO O SUICÍDIO COMO DOENÇA

Em nossa abordagem inicial, apresentaremos alguns pontos relevantes para esse estudo, a fim de compreendermos as atitudes que levaram as personagens da narrativa a tomarem a decisão de tirar a própria vida.

Nessas imediações, observa-se que a descrição desses conceitos se faz necessária para que possamos compreender o problema do suicídio no livro de Raphael Montes de Carvalho. Assim, poderemos analisar os problemas de natureza psicossociais das personagens Zak, Ritinha, Noel e Lucas à luz das proposições teóricas, demonstrando a relação entre os traumas dos personagens e o conceito de suicídio.

Nesse contexto, percebemos que o tema tem recebido uma atenção especial do governo brasileiro devido ao aumento dos índices de suicídios registrados. Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (2018), as informações registradas entre 2007 e 2016 no Sistema de Informações sobre mortalidade (SIM), houve 106.374 óbitos por suicídio. Nesse sentido, com o avanço da medicina, alguns conceitos foram mudados, conforme Botega (2014), em que o suicídio tem sido visto historicamente como algo aceitável ou fazendo parte da tradição de certas culturas, na Idade Medieval no século XVII, a sinal de doença mental no século XX.

Por se tratar de um fenômeno complexo que pode afetar indivíduos indistintamente, observamos que o governo tem promovido ações de intervenção e prevenção do suicídio, sendo um deles o “Setembro Amarelo”, relativo à conscientização sobre a importância

da prevenção. De acordo com Botega (2014, p. 232), a Ciência tende a enxergar o suicídio como uma doença.

Na verdade, as causas de um suicídio (fatores predisponentes) são invariavelmente mais complexas que um acontecimento recente, como a perda do emprego ou um rompimento amoroso (fatores precipitantes), pois a existência de um transtorno mental encontra-se presente na maioria dos casos.

Sendo assim, considera a ideação suicida como pensamentos ou ideias suicidas. Refere-se aos desejos, atitudes ou planos que o indivíduo tenha de se matar. Segundo Borges e Werlang (2006), a frequência e a intensidade da ideação suicida aumentam com a idade cronológica, principalmente depois da puberdade, e continuam.

Percebe-se que vários outros estudiosos discorreram sobre a temática do suicídio, tanto no que se refere à população geral quanto à população clínica. Também estimam que a depressão e a desesperança sejam fatores importantes para a predição de ideação suicida em adolescentes (BORGES; WERLANG, 2006).

Como se pode observar, junto com a depressão e a desesperança, a ideação suicida passa a ser considerada como um fator de risco importante para o suicídio efetivo. Assim, o suicido é uma morte antecipada que pode ser evitada.

Suicídio à luz da psicanálise freudiana

O teórico Sigmund Freud nasceu na Morávia, em 06 de maio de 1856. É considerado fundador da Psicanálise. Morreu em Londres, onde viveu seus últimos anos, em 23 de setembro de 1939. Ele produziu uma extensa obra, criando os conceitos basilares e um modelo teórico ímpar e original conhecido como Psicanálise.

Sobre a temática do suicídio, Freud cita algumas observações. Suas análises se basearam acerca da concepção de que o sentimento de culpa e a necessidade de autopunição, como consequência do ódio inconsciente dirigido a pessoas queridas e do desejo inconsciente de

que elas morram, revelam impulsos autodestrutivos. Nesse contexto, Freud amplia seus recursos teóricos introduzindo conceitos de:

- a. Narcisismo.
- b. Identificação primária.
- c. Ideal do ego.

O autor, em seus estudos, aprofundou-se no conceito de pulsão de morte e como esse isso alterou sua visão sobre o suicídio. De acordo com o narcisismo, na concepção de Freud, o indivíduo exerce um amor exacerbado por ele mesmo, sobretudo por sua imagem. Verifica-se que o termo em uso faz referência à lenda grega de Narciso, filho do deus do rio, Céfiso, e da ninfa Liríope, um belo rapaz que se apaixona pela própria imagem.

Narciso, depois de uma caçada num dia muito quente, ao debruçar-se numa fonte para beber água, viu seu rosto refletido na água e se apaixonou por sua própria imagem. Descuidando-se de tudo o mais, ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta de sua face refletida e assim morreu. No próprio Hades (v.) ele tentava ver nas águas do Estige as feições pelas quais se apaixonara (KURY, 2008).

Cabe ressaltar que o narcisismo tem o seu nome derivado de Narciso e ambos derivam da palavra grega narke (“entorpecido”), de onde também vem a palavra narcótico. Para os gregos, este termo simbolizava a vaidade e a insensibilidade. Mas não simbolizava apenas mera negatividade: “o mito de Narciso representava o drama da individualidade”; “ele mostra, isto sim, a profundidade de um indivíduo que toma consciência de si mesmo em si mesmo e perante a si mesmo, ou seja, no lugar onde experimenta os seus dramas humanos”.

Vale destacar que o nome do transtorno de personalidade está associado ao mito de Narciso, uma vez que recupera sua essência egoísta de sobrevalorização de si, ou seja, nos estudos da Psicologia, a pessoa narcisista preocupa-se excessivamente com si próprio e com sua imagem, podendo gerar outros problemas no indivíduo, que

geralmente necessita ser admirado, e não admite que sua presença passe despercebida em determinado grupo.

Nessa perspectiva, o conceito de identificação primária em Psicanálise define-se como o processo psicológico pelo qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro, se transformando, total ou parcial, segundo o modelo desse outro.

Sobre esses aspectos, os estudos de Freud tratam das questões de identificação apresentando três casos:

1. Identificação primária: É a forma mais antiga de laço afetivo com o outro. A primeira identificação acontece de forma cabalística desempenhando uma função na pré-história do complexo edipiano.

Nesse momento, o menino “toma o pai como seu ideal”, quer ser o pai. Essa atitude, segundo o autor, é tipicamente masculina e ajuda a preparar o menino para o complexo de Édipo (GUIMARÃES; CELES, 2007).

2. A segunda forma de identificação é compreendida como identificação regressiva, que, segundo Gomes, Pereira e Souza (2017) se instala a partir da escolha do objeto, ali onde se colhe um traço do sintoma da pessoa amada

3. O terceiro caso de identificação diz respeito à modalidade presente nas coletividades, onde um líder instaura-se enquanto ser ideal.

Ideal do ego, termo idealizado por Freud, é um componente do superego e herdeiro das exigências narcísicas dos pais. É um padrão evoluído de identificação onde figuras importantes servem de modelo na orientação da vida. É uma representação de si mesmo que procura aceder a representações idealizadas (os pais, por exemplo).

São, fundamentalmente, três as instâncias psíquicas que compõem o aparelho psíquico: o Ego, o Superego e o Id., mas, a rigor, considera o superego é subdividido em: o Superego propriamente dito e o chamado ideal do Ego.

Ao analisar a construção da personalidade, percebeu-se que ela procura incorporar uma imagem de como gostaríamos de ser, ele chamou de “ideal do ego”, onde o mesmo é formado por padrões que constituem a nossa personalidade consciente e que são frutos de nossa cultura, sendo influenciado pela família, sociedade e religião.

Pulsão são pressões que nos dirigem a um determinado fim. Toda pulsão tem uma fonte, finalidade, pressão e objeto. Há dois tipos de pulsão: pulsão de vida e pulsão de morte. Pulsão de vida é toda demanda interna que nos leva a buscar o prazer, a criar e a realizarmos coisas; pulsão de morte é toda demanda que nos leva ao isolamento, estagnação e a atos de destruição e morte. Essas pulsões mantenedoras da vida e incitadoras da morte residem em todos nós em conflito permanente e não resolvido e a maior parte de nossos pensamentos e ações são resultados não apenas de uma dessas forças, mas da combinação das duas.

O suicídio como fato social

David Émile Durkheim nasceu em Épinal, 15 de abril de 1858, falecendo em Paris a 15 de novembro de 1917. Criou a disciplina acadêmica da Sociologia, juntamente com Karl Marx e Max Weber, sendo comumente citado como o principal arquiteto da ciência social moderna e pai da Sociologia.

Durkheim analisou o tema suicídio e classificou-o como fato social (MUSSE, 2011). Acredita que, assim como as ciências naturais, Física, Química e Biologia, podem analisar seus objetos de estudo com objetividade e neutralidade, a Sociologia pode também fazê-lo. Ele cria então um método sociológico, explicando como analisar um objeto de estudo de modo que a subjetividade do pesquisador não interfira nas análises dos elementos que compõe a totalidade da nossa sociedade, tratando-os como fatos sociais.

Segundo Durkheim (MUSSE, 2011), os fatos sociais são elementos que constituem a nossa realidade e são identificados por três características:

1. São exteriores – existem fora dos indivíduos;
2. São coercitivos – exercem influência nos indivíduos;
3. Gerais – Se aplicam a todos os indivíduos que compõem uma sociedade.

Como exemplos de fatos sociais, temos: família, educação, idioma, suicídio.

Durkheim identifica três tipos de suicídio, a saber:

1. Suicídio Egoísta: é aquele onde o individualismo impera, sendo, assim, o mais comum nas sociedades modernas. Geralmente praticado por pessoas que apresentam um comportamento fora do convívio social, vivendo de forma isolada (família, amigos, comunidade, por exemplo). Com as relações fragmentadas (indivíduos e sociedade), o indivíduo não vê mais sentido na vida, não encontrando razão para viver;

2. Suicídio Altruísta: é aquele no qual o indivíduo sente-se no dever de fazê-lo para se desembaraçar de uma vida insuportável. É aquele em que o ego não o pertence, confunde-se com outra coisa que se situa fora de si mesmo, isto é, em um dos grupos a que o indivíduo pertence. Como exemplo temos: os kamikazes japoneses que lutaram na segunda Guerra Mundial, ao lançarem sobre os inimigos as aeronaves em que pilotavam, provocando sua própria morte. eles morriam em honra ao imperador, considerado por eles uma divindade. Outro exemplo são os muçulmanos que colidiram com o World Trade Center em Nova Iorque, em 2001.

3. Suicídio Anômico: acontece quando as instituições sociais não cumprem mais o seu papel. Como as normas sociais advêm dessas instituições que deveriam manter a sociedade, perdem, assim, a credibilidade. Há, então, a falta de fé do indivíduo nas instituições (família, governo, etc.). A anomia social define-se como a ausência

de regras na sociedade, fazendo com que a normalidade social não seja mantida. Em uma situação de crise econômica, por exemplo, certos indivíduos ficam em uma situação inferior à que ocupavam anteriormente. Assim, existe então uma perda brusca de riquezas e poder, fazendo com que, por isso mesmo, os índices desse tipo de suicídio aumentem.

ANÁLISE DOS PERSONAGENS DO LIVRO LITERÁRIO “SUICIDAS”

No livro “Suicidas” (CARVALHO, 2012), analisaremos as razões, o contexto, assim como as circunstâncias que fizeram as personagens tomarem essa decisão. Considerado um jogo de azar, a “roleta russa” consiste em deixar uma só bala no tambor de um revólver, fazê-lo girar, apontar o cano da arma para si próprio ou para outrem, sem conhecer a posição exata da bala, e apertar o gatilho. Dos nomes supracitados, somente dois não tinham a intenção de morrer e, sim, de matar: Alessandro e Maria João. Daniel, que sofria de síndrome de Down, foi vítima dos seus próprios amigos suicidas e assassinos.

Por tanto, vamos nos ater aos seis restantes que voluntariamente decidiram participar do “jogo da morte”. Dividiremos em dois grupos: os que tinham ideiação suicida e os que tinham tendência suicida.

Personagens com ideiação suicida

Otto - Amigo de Zak que surge, então, na história. Mantinha um relacionamento íntimo com Zak de forma velada e nutria uma paixão por ele. Os reais motivos que o levaram a participar da roleta russa estavam relacionados com a perda que sofreria do seu parceiro. Na narrativa, notamos que ele não queria morrer: “Eu não quero morrer! Eu... não quero morrer! – Implorava” (CARVALHO, 2012, p. 221).

Em estudo realizado sobre a violência nas relações lésbicas, faz-se referência às relações homoafetivas, dizendo:

Assim, vale lembrar que a violência é uma disputa por poder e não um problema de gênero. Mesmo quando duas pessoas são do mesmo gênero, diferenças de poder existem e podem ser usadas como mecanismos para controlar o parceiro (AVENA, 2010).

Otto estava em um estágio de subserviência na relação com Zak, de tal forma que foi ao porão do Cyrille's House, contra sua vontade, sabendo que todos ali iriam morrer.

Waléria - O contexto do livro mostra que ela se sentia culpada pela situação criada em decorrência da gravidez indesejada. Estava grávida de Zak, sendo rejeitada por ele. Em seguida, seu pai perde o emprego em consequência da discussão dela com Gustavo, pai de Zak. Envergonhada, rejeitada e com os pais desempregados, todos esses sentimentos juntos foram como uma bomba para ela. Nesse momento, o convite suicida pareceu ser a solução para todos os seus problemas.

Em Waléria percebemos um tipo suicida altruísta. No entanto, se arrepende da decisão: “eu não quero morrer... eu posso criar meu filho sozinha e não quero morrer! Quero estar viva... estou tão arrependida... tão arrependida” (CARVALHO, 2012, p.825).

Personagens com tendência suicida: Zak e Lucas

Zack: Filho de Maria Clara e Getúlio, se encontra emocionalmente abalado com a perda dos pais em um trágico e questionável acidente automobilístico. É colocado como principal suspeito pelos delegados que investigam o caso. Descobre que vai ter um filho, fruto de um relacionamento com Waléria (uma das participantes da roleta russa). Em meio a toda aquela pressão, recebe o convite de Alessandro para cometerem suicídio. Não pensou duas vezes. Pareceu-lhe correto tomar tal atitude “No meu mundo, isso tudo aqui é justo” (CARVALHO, 2012, p. 533).

Lucas: É o tipo suicida em potencial. Por diversas vezes tentou se matar. “...tinha lapsos depressivos frequentes que terminavam em ineficazes tentativas de suicídio” (p. 95). A pulsão de morte, como explicada na análise psicológica, se encaixa bem na descrição deste personagem: isolamento, estagnação, até atos de destruição e morte.

O suicídio é visto como algo mal, mas nem sempre foi assim. Na Grécia antiga, era a sociedade quem decidia se alguém poderia ou não cometer suicídio e ela decidia a forma como o faria. O suicídio não teve em todas as épocas a mesma conotação, houve um tempo em que se realizava o suicídio com o aval da comunidade. Tirar a própria vida era considerado ato ilegal se realizado sem o consentimento do Estado. O suicida em potencial devia argumentar com os membros da polis sobre os motivos que o faziam acreditar que seria preferível morrer e não viver (PARREIRA, 1988).

Por muito tempo, nas culturas ocidentais antigas, o suicídio era aprovado e incentivado pelas comunidades onde, com regras estabelecidas e definidas, o ato era legitimado e praticado religiosamente. Conforme Parreira (1988), dinamarqueses, godos, visigodos, trácios, hérulos e celtas espanhóis preferiam o suicídio às limitações advindas da velhice.

É na Idade Média, que, com o caráter religioso, o suicídio passa então a ter outra conotação. Deus, o criador e mantenedor de todas as coisas, era o proprietário da vida; logo, tirar a própria vida era atentar contra a propriedade de Deus.

Em nossa sociedade pós-moderna, o pensamento suicida não é algo aceito como normal. Tal comportamento revela algum tipo de transtorno. As atitudes de Zak no porão revelam que ele sofria de um tipo de transtorno antissocial, onde:

[...] prevalece a indiferença pelos sentimentos alheios, podendo adotar comportamento cruel; desprezo por normas e obrigações; baixa tolerância a frustração e baixo limiar para descarga de atos violentos (MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006).

Ritinha - Sem motivo aparente para cometer suicídio, ela aparece na história no primeiro capítulo. Estudante de Direito, juntamente com Zak, Noel e Alessandro, todos da mesma turma da faculdade. “Os motivos são meus, os problemas são meus e não... Eu não quero compartilhar com ninguém” (CARVALHO, 2012, p.355)

Ritinha era apaixonada por Zak: “E nós quatro sabíamos que ela estava doida pelo Zak” (*ibid.*, p.12).

É revelado ao leitor, nos últimos capítulos, que ela estava grávida:

DIANA – Quando abriu a barriga da Ritinha e encontrou um feto. Um bebê em formação.

AMÉLIA – Ela... ela...

DIAN'A – A Ritinha estava grávida (*ibid.*, p.876).

Analisando-a à luz de Durkheim, ela toma uma atitude egoísta, cometendo um homicídio também. Ritinha sofre por um amor não correspondido.

Segundo estudo analisado, percebeu-se que:

[...] algumas adolescentes tiveram atitudes momentâneas que revelaram o desejo de provocar aborto ou suicídio e expressaram sentimento de tristeza [...]. Percebeu-se que[...]os fatores que levaram a tais comportamentos estavam ligados também a problemas socioeconômicos e ao relacionamento com o parceiro, bem como à maneira de elas se portarem diante das transformações do próprio corpo, das responsabilidades e das consequências de uma gravidez (MOREIRA; VIANA; QUEIROZ; JORGE, 2008).

Noel: Este personagem nos surpreende nos últimos capítulos com uma atitude sádica. Alimentava uma paixão doentia por Ritinha. “Todos sabiam que Noel era doido para namorar Ritinha” (CARVALHO, 2012), e somente aceitou o convite da roleta russa porque ela iria participar e ele não a queria perder. “Droga, Ritinha... Você não pode... – sacudiu o revólver no ar. – Por que você quer fazer

isso? Por quê?” (CARVALHO, 2012). Noel não imaginava viver sem sua diva, ela era tudo para ele.

Segundo o psicólogo Tiago Lopes Lino,

Certos indivíduos em intensa confusão emocional, onde o receio e o medo acompanham o ódio e a frustração, na busca do amor incondicional, do amor que nunca tiveram, de quem os ame como nunca ninguém os amou (LINO, 2009).

A obsessão de Noel o fez, instigado pelos seus amigos ao ver sua musa morta, ter uma atitude sádica ao manter relações sexuais com o cadáver.

Segundo Lino (2009), o amor patológico evolui em cinco estágios: amor romântico, amor obsessivo, dependência amorosa, violência doméstica e a psicopatologia do amor.

Assim, é importante destacar como se caracteriza cada um desses estágios, segundo este autor, para um melhor entendimento dessa análise

Amor romântico - O enamoramento tem o mesmo comportamento inicial idêntico à paixão, ou seja, prazer intenso e pensamentos obsessivos. A paixão é, então, definida como estado de sofrimento e preocupação em relação ao objeto amado. A paixão tende a se transformar num amor passional e doentio quando este comportamento domina a vida do indivíduo.

Amor Obsessivo - Neste ponto temos o amor obsessivo e o delírio do ciúme. Refere-se ao medo de perder o objeto amado. O indivíduo ciumento e obsessivo, devido ao desejo de exclusividade dessa relação, utiliza estratégias de proteção da relação amorosa, que poderão ir de uma breve discussão até a violência física do objeto amado ou do rival.

Dependência amorosa - Tem como características a excitação, a saciedade e a fantasia. Tem relação com a dependência amorosa.

Violência doméstica - O agressor é descrito e conhecido como manipulador. Lino (2009), apresentando uma série de comportamentos estratégicos de atuação para com a vítima ou futura vítima, realçando a especial incapacidade empática de compreender os outros.

Psicopatologia do amor - Definida como psicopatia. O indivíduo é incapaz de amar, sente o desejo obsessivo de ser amado, sofrendo por isso. Esse tipo de pessoa é capaz de apresentar um comportamento premeditado no sentido de destruição psicológica, emocional e física do outro.

A paixão de Noel é doentia. A característica patológica do amor obsessivo o define bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs, por meio do romance *Suicidas*, do autor Raphael Montes de Carvalho, apresentar uma reflexão do suicídio, utilizando-se de personagens fictícios, em que os mesmos, através dos seus problemas, retratavam fatos na vida real.

Buscou-se, através dos argumentos teóricos, fundamentar as análises sobre cada personagem suicida.

A conclusão a que chegamos sobre a motivação do que levou cada personagem a cometer suicídio tomou como base os aspectos sociológicos e psicológicos e de natureza médica, mostrando assim a complexidade do tema.

Para finalizar, é importante observar que o suicídio se tornou um problema de saúde pública no Brasil. As propostas para mudança do quadro devem envolver a OMS e escolas, a fim de promoverem o treinamento de profissionais da educação com o objetivo de identificar tendências depressivas nos jovens, fazendo-os refletir e servindo de alerta frente a esse problema. No tocante aos pais ou responsáveis, a respeito do comportamento dos filhos em casa e na internet, devem ser mais atentos, promovendo o diálogo frequente. Da mesma forma

a mídia, com seu poder persuasivo, deve investir em campanhas de valorização da vida e de incentivo à procura de auxílio.

REFERÊNCIAS

AVENA, Daniella Tebar, **A Violência Doméstica Nas Relações Lésbicas: Realidades e Mitos**. Disponível em: https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/5_artigo.pdf > Acesso em 17 Fevereiro de 2019.

Brasil, Ministério da Saúde, Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44404-novos-dados-reforcam-a-importancia-da-prevencao-do-suicidio>> Acesso em 20 de fev. de 2019.

BORGES, Vivian Roxo; WERLANG, Blanca Susana Guevara. **Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n3/12.pdf>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

BOTEGA, Neury José, **Comportamento suicida: epidemiologia**, p.232, 2014. Disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0231.pdf>> Acesso em 18 de fev. de 2019.

CARVALHO, Raphael Montes de. **Suicidas**, 1ª ed. 2012, editora Benvirá.

DURKHEIM, Emile. **O suicídio Estudo da Sociologia**. 1ª edição. Martins Fonseca: São Paulo, 2000.

GOMES, P. H. R.; PEREIRA, C. L.; SOUZA, F. R. V.; **Identificação e imagem: Uma leitura psicanalítica do seriado Black Mirror**. Fortaleza, v.2, n.14, p.23, jul. /dez. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/20310/71608>> Acesso em: 28 de fev. de 2019.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin; CELES, Luiz Augusto M. **O Psíquico e o Social numa Perspectiva Metapsicológica: O Conceito de Identificação em Freud**; Brasília, Vol. 23 n. 3, p. 342, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a14v23n3>> Acesso em 27 de fev. De 2019.

KURY, Mario Gama. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2008.

MORANA, Hilda C. P.; STONE, Michael H.; ABDALLA-FILHO, Elias. “**Transtornos**”. In: In: Revista Brasileira de Psiquiatria, 2006; disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s2/04.pdf>> Acesso em: 25 de fev. de 2019.

MOREIRA, Thereza Maria Magalhães; VIANA, Danielle de Sousa; QUEIROZ, Maria Veraci Oliveira; JORGE, Maria Salete Bessa. **Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez**, <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v42n2/a14.pdf> (2008).

MUSSE, Ricardo, **Fato Social e a divisão do trabalho**, editora Ática, 1ª Edição - Arquivo criado em 14/07/2011, e-ISBN 9788508148493, versão e PUB 2.0.1

PARREIRA, Vera Toste. **O suicídio em Freud**. Disponível em<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9703>> Acesso em 17 de fev. de 2019.

UNIDADE VIII

RECONHECENDO A RELEVÂNCIA DO ESTUDO SOBRE AS ESTRUTURAS SINTÁTICAS PARA A COMPREENSÃO DOS TERMOS COESÃO E COERÊNCIA

*Rodrigo da Silva Lisboa*¹⁹

*Irleny Lopes da Costa*²⁰

INTRODUÇÃO

As análises textuais não devem ser apresentadas superficialmente aos estudantes, buscando suporte somente na vaga interpretação de conceitos complicados. As ciências desenvolvem-se constantemente, mas, enquanto disciplinas escolares, muitos conhecimentos científicos permanecem estagnados no campo acadêmico, enquanto podem transcender a esses espaços. São saberes que devem ser contextualizados, assim que forem sistematizados.

19 Graduando em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí, no polo de Campo Alegre de Lourdes-Bahia.

20 Professora Orientadora do Projeto de Extensão em Campo Alegre de Lourdes/BA

Reconhecer a relevância do estudo sobre as estruturas sintáticas consiste em reconhecer a necessidade de contextualizar este conhecimento, transcendendo do âmbito universitário ao escolar. Consiste também na ideia de sintetizar o conhecimento disposto pela linguística para que possa ser empregado nos níveis escolares.

De verdade, a contextualização do conhecimento é um desafio, sobretudo para os recém-formados. Encontrar métodos eficazes pode levar muito tempo e desestimular o professor, dificultando a vida do estudante. Cada campo de estudo da língua portuguesa requer diferentes maneiras para serem explicados. Para o estudo da coerência não são apresentados muitos métodos, o professor limita-se ao seu desempenho na interpretação dos conceitos, de modo que muitos dos seus alunos não conseguem absorver o conteúdo.

Persistir com os mesmos métodos pode descaracterizar um profissional da educação. O professor terá sua formação consolidada durante o exercício da sua profissão, podendo verificar, segundo a sua realidade, os caminhos que deve seguir para compartilhar o seu saber. Para tanto, o mesmo deve conhecer e reconhecer a realidade educacional na qual está inserido para fazer a seletiva de artifícios que vão lhe dar total suporte no processo de ensino-aprendizagem.

A apreciação dos conceitos é de total relevância para a compreensão dos sistemas que caracterizam a construção do texto formal. Este é o objetivo geral deste artigo, uma análise dos conceitos básicos de estruturas sintáticas, relacionando-os com os mecanismos de coesão e coerência. Tal objetivo pressupõe a necessidade de apresentar os principais conceitos de coesão e coerência e explicar as possíveis maneiras de se utilizar as ideias dos esquemas das estruturas sintáticas, exibindo e explorando outros esquemas simplificados.

Diante da problemática e das proposições, uma pesquisa bibliográfica foi desenvolvida, a fim de se entender o funcionamento

das estruturas sintáticas. Os pontos de maior interesse nas obras escolhidas foram melhor explorados e estão expostos neste texto.

As considerações iniciais acerca das teorias sintáticas apresentadas aqui, expõem os primeiros conceitos relevantes para as análises apresentadas no decorrer desse texto. Nele é apresentada, através de figura, a dicotomia que constitui os signos, segundo Saussure (2006). Depois apresenta um modelo didático para a explicação dos fatores da coerência; analisa frases sob a perspectiva gerativista e, ainda sob esta perspectiva, são exemplificados alguns casos de ambiguidade estrutural por meio de esquemas.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DAS TEORIAS SINTÁTICAS DE CHOMSKY

O gerativismo de Chomsky (2015) ainda não ajuda a alicerçar de maneira direta a ciência das línguas nos espaços escolares, haja vista que não está inserido devidamente em determinados níveis da educação. Não há no âmbito escolar uma percepção mínima do verdadeiro grau de complexidade da linguagem verbal. Ainda são explorados de maneira cansativa os mesmos conceitos de antes, sem clareza de explicação – tornando o conhecimento incompleto e limitado aos preceitos da gramática.

Aplicar cuidadosamente os conhecimentos que se encontram sistematizados é importante. Logo, deve-se reconhecer que o estudo das estruturas sintáticas é plausível para a compreensão dos termos coerência e coesão e, também, para situá-los em seus respectivos pontos, distinguindo-os claramente - significa preocupar-se com a aplicação do conhecimento que aqui será sintetizado a fim de defender que este caminho pode ser seguido.

O gerativismo-transformacional ou a gramática transformacional considera verdadeiramente o fato de que o exercício da linguagem verbal transcende às margens que são

impostas pelas regras. Desta forma, pode-se perceber a importância de alienar esse sistema às leis gramaticais. A gramática representa o controle desse sistema.

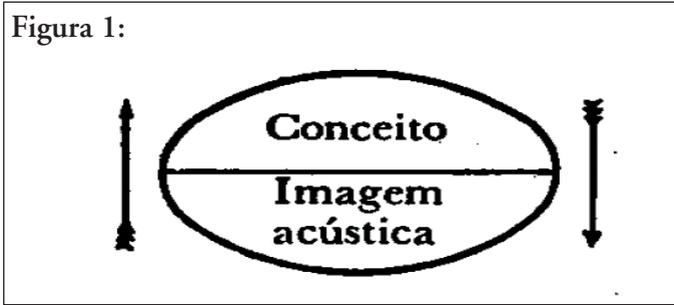
Chomsky (2015), em “Estruturas Sintáticas”, afirma que “a noção “gramatical” não pode ser confundida com as noções “dotado de sentido” ou “significativo”. Com o seu modelo de gramática, opôs-se ao estruturalismo que ainda permanece forte, levando em consideração as noções significativas.

A sua disposição para reconstruir uma gramática que passaria a descrever as línguas em seu real exercício, indo além do ideal da gramática estruturalista, é quase que devidamente considerada, pois a aplicação das suas teorias ainda discorre bem discreta. É fato que suas teorias ainda são bem recentes, e é verdade que levam à compreensão sobre todo o cuidado ao explorar tais teorias a fim de entender a linguagem.

Algumas teorias fundamentaram-se na revolução linguística proposta por Noam Chomsky (2015), como afirma Lopes (2008): “É difícil dizer, com precisão, até que ponto os modelos de Lakoff, McCawley, Fillmore, etc., são desviatórios em relação aos modelos de Chomsky”.

Considerando sobretudo o signo linguístico, em específico as suas propriedades internas que subjazem da estrutura gráfico-aparente ou vice-versa, explorar esse conhecimento de maneira direta em sala de aula não é recorrente. Lopes (2008) afirma que o signo linguístico não é totalmente consistente, podendo ter a sua forma atribuída a outras formas de signo. O mesmo ainda afirma que a sua significação está fora dele.

Saussure (2006) apresenta a dicotomia significante/significado para explicar o signo linguístico. Sobre estes signos, o mesmo afirma que “é, pois, uma entidade psíquica de duas faces”. Pode ser representado pela figura abaixo.



Fonte: Extraída de Saussure, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*, ed.27 – São Paulo: Cultrix, 2006

Quando falamos, não percebemos a dicotomia presente nesses signos, nem mesmo os conjuntos maiores que formam pequenos núcleos significativos, os chamados sintagmas. Chomsky (2015) afirma que, “habitualmente, a descrição linguística no nível sintático é formulada em termos de análises de constituintes”. O mesmo denomina esta análise de “*parsing*”, que consiste na segmentação da frase em partes discursivas, que são: palavras e agrupamento de palavras. “As **estruturas sintáticas** não estão visíveis para observação, mas há bons indícios de que o sistema de regras que constitui a competência dos falantes é formado por **estruturas sintáticas**” (MANOSSO, 2013).

Por meio das estruturas sintáticas, cuja dicotomia contempla a estrutura profunda e a estrutura de superfície das sentenças, temos outras possibilidades para o entendimento concreto - ou mais próximo da concretude - dos termos já citados, além de termos afins que buscam maior expressividade nos textos, como ambiguidade, metáfora, dentre outros, considerando a mesma afirmação de Lopes (2008), citada acima, sobre as atribuições dos signos a outras formas de signos.

Estruturas arbóreas: um modelo didático para o esquema descritivo do sistema que garante a organização do texto

As teorias aqui expostas importam para o que está sendo proposto: a utilização de um esquema de estrutura didático que representa uma

nova possibilidade de explicação para os termos coerência e coesão, que juntos constituem um elementar mecanismo para a construção frasal.

A partir das teorias de Chomsky (2015), a linguística passa a ser descrita com mais rigor, valorizando ainda mais a metalinguagem formal, mesmo não sendo possível abster-se da metalinguística informal, dado o grau de desenvolvimento linguístico.

Não sendo plausível desconsiderar o fato da arbitrariedade, convencionalidade e o caráter imotivado da associação entre significante e significado, descrito por Saussure (2006), Chomsky constrói a sua teoria numa perspectiva complementar a essas atribuições. A partir do gerativismo-transformacional, pode-se perceber a permissibilidade de novas associações entre os significados e significantes, considerando o exercício real da língua, enquanto desenvolvida naturalmente. Por exemplo, a associação de um homem com um animal. Por ser alto é chamado de girafa.

O ser humano usa da finitude das regras para produzir novas sentenças, dando à linguagem consequências sempre expansivas. Desta forma, Chomsky considera esse aspecto como sendo de caráter infinito.

O gerativismo, a partir do qual as estruturas sintáticas são descritas

A partir de estudos sintáticos, surge a gramática gerativa ou gerativismo, pelo norte americano Avram Noam Chomsky: “A gramática de Chomsky nasce, antes de mais nada, como uma teoria da sintaxe, componente que ocupa a posição central nos quadros da descrição sincrônica da língua” (LOPES, 2008).

O programa de investigação da gramática gerativa, representada na figura de Noam Chomsky, tem seu início no final da década de cinquenta, constituindo-se um exemplo de proposta de análise linguística voltada para as questões formais da língua (MUSSALIM; BENTES, 2011).

Chama-se gerativa por permitir, “a partir de um número limitado de regras, gerar um número infinito de sequências que são frases,

associando-lhes uma descrição” (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, 2008). “Esse processo é dedutivo: parte do que é abstrato, isto é, um axioma (proposição evidente por si mesma) e um sistema de regras, e chega ao concreto, ou seja, as frases existentes na língua” (INFOESCOLA).

Chomsky constitui o seu programa de investigação a partir de quatro indagações:

- a) No que consiste o sistema de conhecimentos do falante de uma determinada língua particular?
- b) Como se dá o desenvolvimento de tal sistema de conhecimentos na mente do falante?
- c) De que forma o falante utiliza tal sistema em situações discursivas concretas?
- d) Que mecanismos físicos do cérebro do falante servem de base a tal sistema de conhecimentos?

Considera que os seus modelos teóricos possuem suficiência, com relação às gramáticas então existentes, para a descrição mais plena da linguagem. Segundo Barbosa (2008, p.61), “Chomsky elege a GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL como a mais adequada, a que melhor responde às exigências necessárias para dar conta das estruturas (sintáticas) da linguagem”.

“O gerativismo sucede ao estruturalismo, este com ênfase apenas na gramática apresentada nos textos e aquele com o falante idealizado” (WIKIPÉDIA, 2019). Nessa perspectiva, Chomsky descreve três modelos de gramática.

Os três modelos de gramática, segundo Chomsky

Existem três modelos de descrição gramatical para as línguas, segundo Chomsky: a gramática de estados finitos; a gramática sintagmática; e a gramática transformacional - sendo uma o modelo

evoluído da outra, respectivamente. Ainda na ordem, a primeira pode ser basicamente descrita como uma gramática limitada às regras que são aplicadas várias vezes sobre um vocabulário finito, como disse Lopes (2008).

A segunda gramática contempla as disposições e a descrição de determinadas movimentações até o eixo da expressão, sob a obediência da ordem linear sujeito e predicado, sendo o sujeito um sintagma nominal e o predicado um sintagma verbal. A gramática sintagmática ainda identifica os elementos internos compositores do sujeito e do predicado - como outros sintagmas e seus núcleos.

De forma geral, considerando a classificação de Chomsky, Lopes afirma que:

Se o modelo da Gramática Sintagmática pode descrever um número maior de enunciados do que os que podem ser gerados (ou descritos) pela Gramática de Estados finitos, ele não é, contudo, isento de imperfeições. Certas frases só seriam descritas pela gramática sintagmática de modo pouco econômico, ou demasiado complexo. Por causa disso Chomsky propôs, em *estruturas sintáticas*, um terceiro modelo, ao qual chamou de *Gramática Transformacional* (LOPES, 2008, p. 204).

No que se refere à terceira classificação de gramática, Lopes diz que o modelo transformacional, em síntese, não dita regras, mas descreve as alterações que ocorrem nos pontos do eixo sintagmático.

A sintaxe, auxiliada pela gramática transformacional, não somente define os elementos linguísticos que serão veiculados no eixo horizontal (o sintagmático), mas, também, determina todas as possíveis posições em cada ponto desse eixo. Além disso, ela pode alterar o número de itens lexicais a serem dispostos.

Os componentes gramaticais e a semântica como componente relevante para a composição das estruturas e para a interpretação dos signos

Em sua classificação, Chomsky (apud LOPES, 2008) apresenta três componentes gramaticais, são eles: o sintático; o fonológico e o semântico. Nesse contexto, Lopes mostra que:

O que gera *interpretação semântica* não é a interpretação fonológica, que é, em si, um mero veículo para a exteriorização das *regras* pertinentes (isto é, da sintaxe) para a produção de significado. Todos sabem, desde Saussure, que a relação instauradora da semiose entre o significante e o significado é arbitrária. O componente sintático funciona como um mediador abstrato entre o plano de expressão (componente fonológico) e o plano de conteúdo (componente semântico) (LOPES, 2008, p.205).

Nessa perspectiva, consta-se que a distinção entre os componentes gramaticais existe, é relevante, cada um tem seu papel mas estão conectados para a instauração da interpretação semântica, onde o componente sintático tem seu papel de destaque.

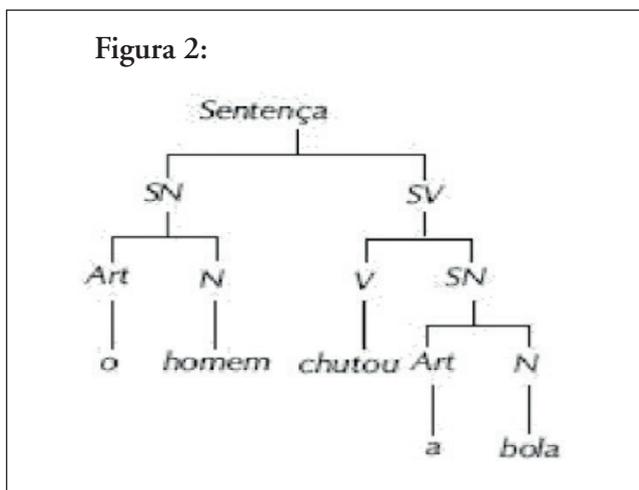
O novo modelo de gramática e a estrutura arbórea sintagmática como mecanismo descritivo

Denomina-se “*parsing*” a descrição linguística que é formulada em termos de análise dos constituintes, no nível sintático. Reformulando esta afirmação, a “*parsing*” corresponde à segmentação das constituintes, palavras e/ou agrupamentos de palavras. Chomsky, em “Estruturas Sintáticas” (2015) propõe:

Consideremos agora qual forma de gramática está pressuposta numa descrição desse tipo. Descobriremos que a nova forma de gramática é *essencialmente* mais poderosa que o modelo de estados finitos rejeitado anteriormente e que o conceito de “nível linguístico”

associado a ela é diferente em aspectos fundamentais (CHOMSKY, 2015, P. 37).

Chomsky apresenta, por meio de estruturas arbóreas, a distribuição dos sintagmas em uma sentença, apropriando-se de regras gramaticais determinadas, e descreve a geração de novas sentenças a partir dessas regras:



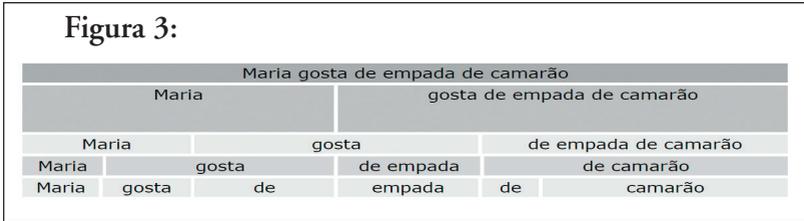
Fonte: Estruturas Sintáticas, Noam Chomsky (2015)

Vejamos que a sentença está fragmentada em pequenas estruturas constituintes. São os sintagmas, denominados da seguinte maneira:

- a. Sintagma nominal = SN
- b. Sintagma verbal = SV
- c. Sintagma adjetival = SAdj
- d. Sintagma Preposicional = SPrep
- e. Sintagma adverbial = SAdv

Cada um desses agrupamentos reserva-se em categorias que se interligam em estruturas não-arentes, formando unidades com outros constituintes, que se refletem numa estrutura exibível. Esses sintagmas representam uma “quebra” na sentença como um todo e,

em termos sintáticos, podem se flexionar ao ponto de alterarem a sua localização.



Fonte: Kanthack. Gessilene Silveira, LETRAS VERNÁCULAS: SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA.

No quadro acima, estão divididos os constituintes em diferentes graus. A partir da sentença encontrada na figura 2, podemos flexionar em:

- **De empada de macarrão Maria gosta.**

Também, a partir da frase: **“O filho da minha amiga adorou o livro que recebera de presente”**. Podemos flexionar em:

- Alguém presenteou o filho da minha amiga com um livro e ele adorou.
- O filho da minha amiga alguém presenteou com um livro e ele adorou.
- O livro que recebera de presente, o filho da minha amiga adorou.

Ambas as frases explicam o mesmo acontecimento, embora localizados em um ponto diferente do eixo e estruturados a partir de novas constituintes.

Estrutura profunda e estrutura de superfície

Sobre a estrutura de superfície e estrutura profunda, afirma Lopes (2008): “Um enunciado compõe-se, sintagmaticamente, de uma série de morfemas”. Todos esses fragmentos mantêm, ou devem manter,

relação entre si, para que a construção do enunciado como um todo seja fiel. A combinação entre os morfemas constitui-se na estrutura de superfície. Entretanto, a estrutura de superfície está “diretamente relacionada com a forma fonética” (CHOMSKY *apud* LOPES, 2008).

A gramática transformacional possui, segundo Barbosa (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, 2008), dois tipos de regras: as SINTAGMÁTICAS, que geram estruturas abstratas, e as regras de TRANSFORMAÇÃO, que convertem essas estruturas abstratas em sequências terminais, que são as frases das línguas. A partir de uma proposição da comunicação, geram-se estruturas abstratas:

A estrutura superficial de uma sentença, sua organização em várias locuções, pode ou não refletir de imediato a sua *estrutura profunda*. A estrutura profunda não está relacionada diretamente com o signo linguístico. Ela é abstrata (CHOMSKY, *apud* LOPES, 2008, p. 200).

O gerativismo-transformacional propõe a identificação e descrição de todas essas transformações pelas regras de composição das sentenças. A mesma estrutura gerencia-se pelas determinações sintagmáticas que, por competência e desempenho, irão garantir as finalidades comunicativas.

A estrutura profunda origina-se pela proposição enunciativa do indivíduo, consolida-se como elemento linguístico abstrato e dotado de aspectos semânticos (Saussure chamaria imagem acústica) e transforma-se pelas regras sintáticas, emergindo para a estrutura de superfície, que é o estado real e mais perceptível de comunicação linguística.

Chomsky instituiu além da estrutura superficial (ES), que é a das unidades tal como elas se apresentam nas frases realizadas, a noção de estrutura profunda (EP), que é subjacente à superficial e em que se representam as frases abstratas. A EP se relaciona à ES por meio de transformações (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, 2008, p.62).

- ii. O princípio da não contradição,
- iii. O princípio da não redundância ou não tautologia.

É relevante dizer “chuva seca”? Decerto que não. O termo “seca” corresponde à ausência do líquido. Chuva é a precipitação da água da atmosfera em forma de gotas. Os dois termos possuem significados que não lhes permite tal associação. Logo, o princípio de relevância foi quebrado.

Assim como na frase “chuva seca”, o princípio da não contradição é contrariado nas frases:

- a) Madeira de ferro.
- b) Encontrei o morto vivo.
- c) Quebraram o trem da pia do banheiro.

Já o princípio da não redundância corresponde à imprecisão da repetição de informações formuladas de diferentes maneiras ou ao acréscimo de sentenças já saciadas por outras sentenças.

Exemplos:

- a) Não estudei pois não foi possível estudar.
- b) Vou caminhar e andar por aí.
- c) Entrei lentamente, bem devagar.

Coesão, por sua vez, está ligada à estrutura das frases, correspondendo, assim, à “conexão e harmonia entre os elementos textuais e é feita através de preposições, de conjunções, de alguns advérbios e de locuções adverbiais” (WIKIPEDIA, 2018).

A união entre as partes que formam o texto (palavras, orações, frases e parágrafos) é obtida através dos elementos de conexão coesiva, chamados de conectores coesivos. Estes não somente representam por si a clareza do texto, mas, sim, enquanto pontes que ligam uma palavra a outra, formando o emaranhado textual e munindo-o de lógica.

Os elementos de coesão são, também, denominados conectores coesivos, pois conectam os elementos dos textos. Eles podem estar sub-hierarquizados quanto à sua categoria, conectando os elementos substanciais da informação ou do ato comunicativo, e podem, por associação elementar textual, representar ou opor categorias. “Todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual podem ser encarados como instrumentos de coesão” (MIRA *apud* ROQUE, 1983, p. 10).

Quando o conector coesivo faz referência a outros elementos do texto, associando-se com eles, assim permitindo o acréscimo de outras informações sobre o elemento referenciado, temos o fenômeno denominado coesão referencial. A coesão sequencial é o fenômeno que permite a união lógica entre as partes do texto.

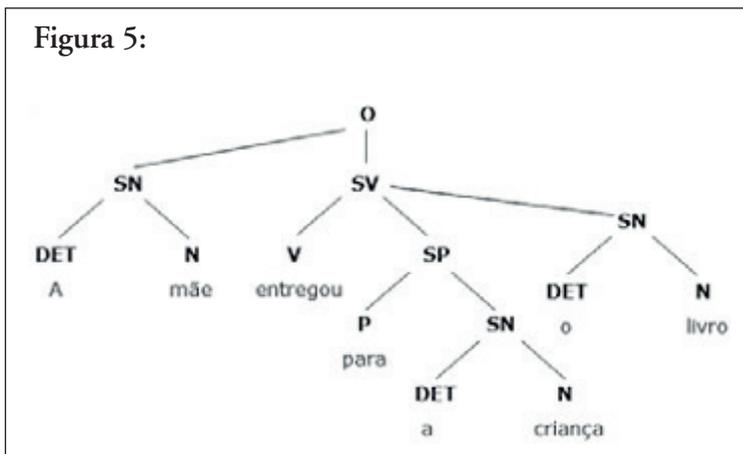
Considerações adicionais: exemplo de ambiguidade demonstrada com o auxílio da estrutura arbórea

O bebê sedento chora a fim de conseguir saciar a sua sede. Quando aprende a falar pode comunicar o seu desejo mais facilmente. Alguns, porém, ainda preferem chorar para conseguir a água. Sendo esta a única analogia que me veio, vamos ao conceito de competência e desempenho. Cada pessoa deve reconhecer diante desses conceitos a sua capacidade linguística.

Por competência e desempenho o falante discorre seus textos, podendo ou não concretizar as suas proposições. Posso desejar comunicar algo que foge à minha capacidade comunicativa (competência), assim não me desempenhando bem. Tanto o domínio dos elementos coesivos, quanto das estruturas, é importante para a construção do falante cada vez mais competente linguisticamente e capaz de desempenhar-se o melhor possível. Isto é de fato relevante para qualquer ciência. Portanto, precisamos conhecer uma nova perspectiva de compreensão dos termos que permitirá o olhar mais analítico sobre a profundidade textual.

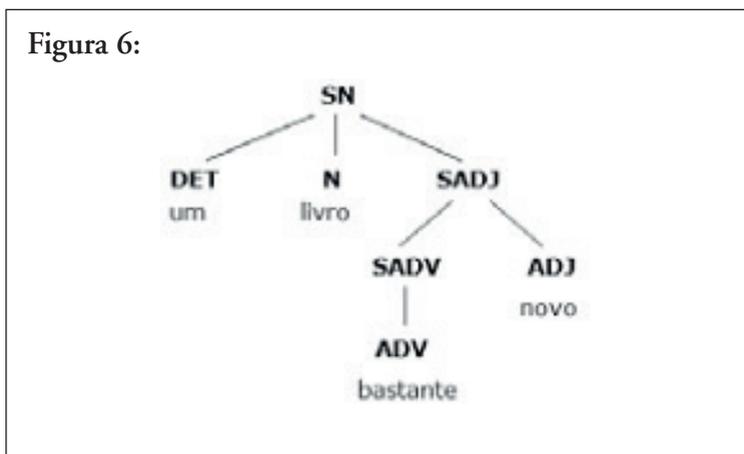
Na frase: “A mãe entregou o livro para a criança. Um livro bastante novo”, (KANTHACK, 2011) encontramos a seguinte estruturação sintagmática:

Figura 5:



Fonte: KANTHACK, 2011, p.196

Figura 6:



Fonte: KANTHACK, 2011, p.171

Também podemos descrever da seguinte forma:

- A mãe = SN,

- entregou = SV,
- o livro = SN,
- para a criança = SP + SN
- Um livro = SN,
- bastante novo = SADJ + SADV

Os elementos estão devidamente entrelaçados, formando o tecido textual coeso e coerente. O núcleo do SP liga os SNs. Enquanto isso, o verbo indica a ação dos elementos nominais. O núcleo do SADJ caracteriza o segundo SN.

Mas, analisando a frase:

- Márcia = SN
- puxou o fio = SV + SN
- de fora da casa. SP + SP + SN

Os elementos coesivos estão devidamente aplicados, entretanto há incoerência. Não se sabe se Márcia estava fora da casa puxando o fio ou se estava dentro de casa puxando o fio procedente da parte externa à sua casa.

Através do “princípio da constituição do sentido” é garantida a coerência e, assim, garante-se a comunicação perfeita proposta pelo interlocutor. Percebendo o que ele deseja transmitir, podemos pressupor:

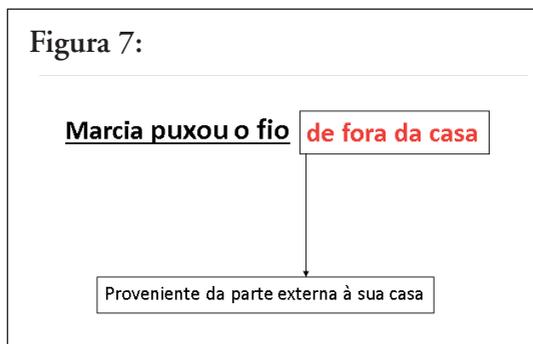
1. Márcia estava dentro de casa enquanto puxou o fio proveniente da parte externa da sua residência;
2. Márcia, fora de casa, puxou o fio originário da parte interna da sua residência.

Portanto, este princípio nos permite dizer que o desempenho irá garantir a coerência e coesão textual e, por conseguinte, a comunicação. Os sintagmas não precisaram ser desfragmentados com

a nova construção do texto, mas foram, necessariamente, acrescidos novos elementos.

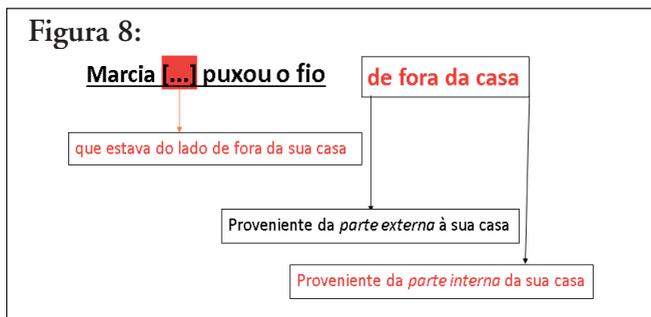
Exemplo de imbricação de frases

Os conceitos e explicações são valorosos. Mas reconhecendo a perspectiva educacional na qual parte dos estudantes têm dificuldades para interpretar um texto e também para construir uma boa sentença, os esquemas (ou mesmo desenhos), que podem ser desenhados na lousa, serão significativos para auxiliar na interpretação dos conceitos. Vejamos.



Fonte: elaborado pelo autor.

Na situação, o falante projetou comunicar que “o fio encontrado na parte externa da casa de Márcia foi puxado pela mesma”. A consequência da inexistência das palavras ocasionou a imbricação de outra sentença. Esta outra sentença está representada na figura a seguir:



Fonte: elaborado pelo autor.

- i. Márcia, que estava do lado de fora da sua casa, puxou o fio proveniente da parte interna da sua casa.
- ii. Márcia puxou o fio proveniente da parte externa à sua casa.

O texto foi transcrito em diferentes formas. O caráter gerativo que Chomsky (*apud* LOPES, 2008) chama de infinito, permite múltiplas formas para uma sentença. Portanto, as figuras apresentadas tratam de um esquema simplista que pode ser utilizado para auxiliar a explicação da incoerência textual, da ambiguidade e, desta forma, esclarecer a distinção entre coerência e coesão. Além disso, pode-se pressupor outras maneiras para a construção da frase.

As estruturas sintáticas representadas em esquemas arbóreos (como nas figuras 4 e 5) são ótimos modelos explicativos. A depender do grau de capacidade interpretativa, poderão ser utilizadas, assim como os esquemas logo acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliar os conteúdos apresentados desencadeou um leque de possibilidades e despertou a necessidade de ampliar os estudos linguísticos. Dadas as exposições introdutórias, onde foi apresentado como problemática a ausência de métodos que fossem além da simples interpretação de conceitos, em que são usados sempre os mesmos exemplos, esse leque de possibilidades significa uma nova abordagem para o professor apresentar o conteúdo para os seus alunos.

Ao contemplarmos a dualidade dos signos, as imbricações ocorridas em muitas frases e as suas estruturas profundas, é possível reconhecer novas formas para se reconstruir as frases incoerentes a fim de que as proposições comunicativas sejam concretizadas. São muitos os casos em que as palavras são utilizadas sem precisão, deixando o texto cansativo e redundante. Isso ocorre também porque não há domínio completo dos signos linguísticos.

Esses esquemas apresentados não precisam ser seguidos exatamente iguais, pois cada frase tem as suas características próprias. Mas poderão ser elaborados outros esquemas com base nos que foram expostos, assim como esses foram construídos com base nas estruturas arbóreas.

Os princípios da relevância, da não contradição e da não redundância podem ser explorados antes mesmo da exposição esquemática e reforçados durante a exploração dos esquemas.

Esta pesquisa revelou a importância de relacionar as interpretações dos conceitos fazendo assim o uso de métodos que se complementam, em vez de substituir um pelo outro.

Não são raros os casos de compreensão insatisfatória dos conteúdos. Nesse sentido, o professor sabe que deve dominar o conteúdo para conseguir ensinar, uma vez que a dificuldade de aprendizagem é uma realidade para grande parte dos estudantes. Portanto, as figuras apresentadas, demonstrando uma nova abordagem metodológica, são relevantes, tanto para o acadêmico melhor compreender os mecanismos que constituem a coerência textual perante os três princípios da coerência, quanto para a sua vida docente e o processo de ensino-aprendizagem bem consolidado.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas**. Petrópolis-RJ. Vozes. 2018.

COESÃO TEXTUAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coes%C3%A3o_textual&oldid=52548415. Acesso em: 4 abr. 2019.

KANTHACK. Gessilene Silveira. **Letras Vernáculas: sintaxe da língua portuguesa Ilhéus - BA**. UESC. 2011.

BARBOSA. Cláudia Soares, **Linguística I** – org: Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Curitiba. Ibepex, 2008.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 20. Ed. São Paulo. Cultrix. 2008.

MANOSSO. Radamés. **Estruturas Sintáticas** – 2013: Disponível em: <<http://radames.manosso.nom.br/linguagem/gramatica/sintaxe/estruturas-sintaticas/>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

MUSSALIM. Fernanda; BENTES. Ana Christina, **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. Fernanda Mussalim, Ana Christina Bentes (orgs) - 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli, 1942-. **O que é linguística** / Eni Puccinelli Orlandi. — 2. ed. -- São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROQUE. Maria Serafina. **Coerência e Coesão Textuais**. [s.d.]. Slides. Disponível em: http://profserafina.weebly.com/uploads/1/6/6/2/1662499/coerencia_coesao.pdf

SAUSSURE. Ferdinand de. 1857-1913. **Curso de linguística Geral**; org. Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; 27, ed. São Paulo: Cultrix, 2006.



Ministério
da Educação



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL